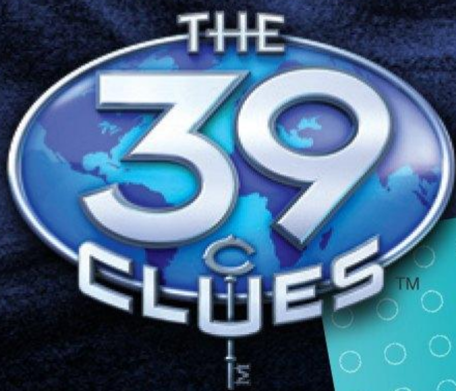



# NAS PROFUNDEZAS

JUDE WATSON

LIVRO 6

editora ática

# NAS PROFUNDEZAS

# NAS PROFUNDEZAS

JUDE WATSON

VOCÊ TEM MEDO DE TUDO,

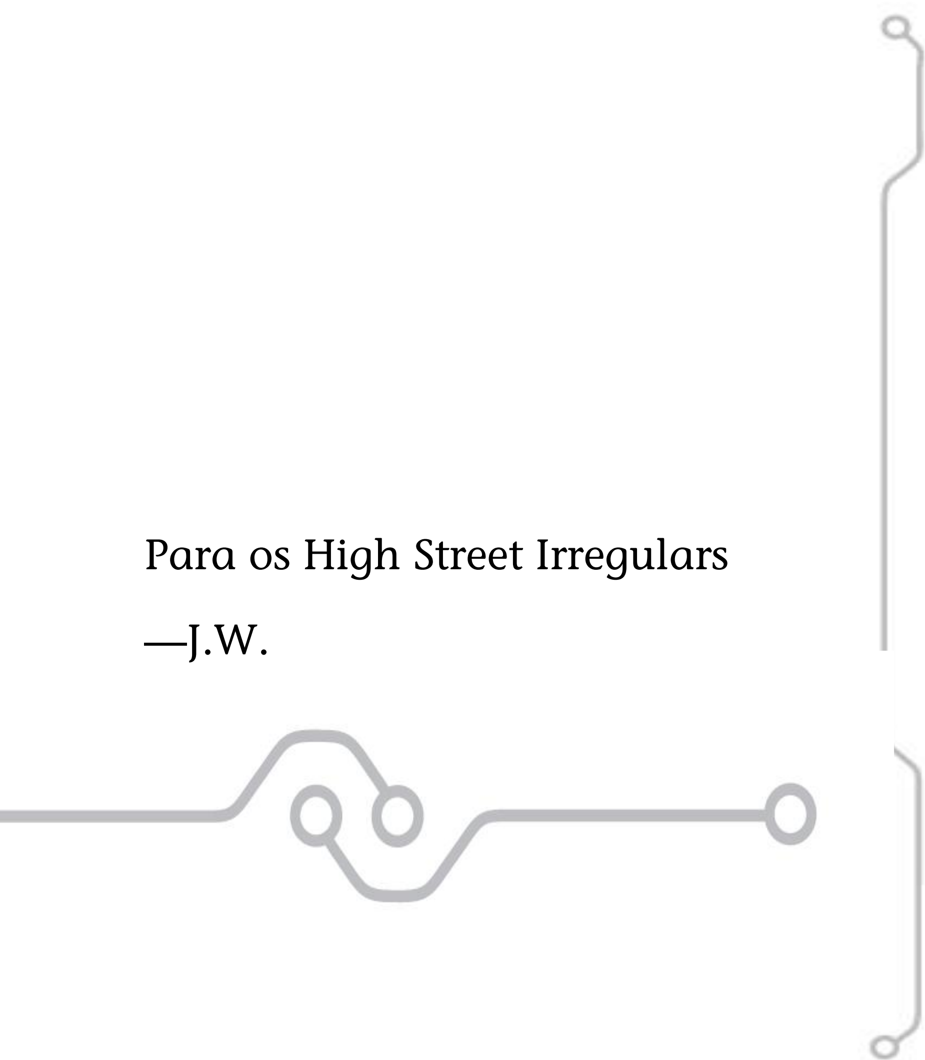
EXCETO DO QUE DEVERIA TEMER.



Neste sexto volume da série The 39 Clues, Amy e Dan voam para a Austrália. Tentando seguir o mesmo caminho de seus parentes, com 8 anos de atraso, eles ligam o último vôo de Amelia Earhart a seu próprio clã da família Cahill.

Quando Amy começa a encarar flashbacks cada vez mais intensos da memória relacionada a seus pais, Dan tem de lidar com tubarões raivosos, aranhas venenosas e dos esquemas de espionagem armados por seus familiares numa trama de pura ação onde o próprio título já revela grande coisa sobre o enredo: nas profundezas.



Para os High Street Irregulars

—J.W.

# CAPÍTULO 1

O BARULHO DE ÁGUA CORRENTE INUNDOU OS OUVIDOS DE AMY Cahill. Se ficasse de olhos fechados, ela conseguiria imaginar que estava embaixo de uma bela cachoeira tropical. Infelizmente, só estava se escondendo num banheiro de aeroporto.

Dentro de uma das cabines, com as pernas dobradas para cima, ela equilibrava a mochila entre os joelhos. Amy ouvia o barulho das descargas, das torneiras abertas e das malas com rodinhas seguindo pés apressados. O aeroporto de Sydney, na Austrália, era um lugar movimentado.

Movimento era bom. Movimento era proteção. Para alguém que quer despistar a vigilância, um banheiro oferece a oportunidade perfeita. Isso se você não se importar de ficar encolhida em cima de uma privada durante 15 minutos.

Despistar a vigilância. Algumas semanas atrás, isso significava não deixar seu irmão caçula, Dan, ler seu diário. Agora esta era sua realidade. Realidade demais para uma menina de 14 anos.

Amy olhou por cima da porta da cabine. Um grupo de excursão de adolescentes tinha entrado no banheiro um pouco antes. Elas tagarelavam em francês enquanto lavavam as mãos e se arrumavam na frente do espelho. A guia gritou *"Allons-y!"*. Ainda falando e rindo, elas começaram a arrastar as malas na direção da porta.

Era uma oportunidade perfeita. Amy saiu discretamente da cabine. Sorrindo para uma bonita menina francesa, misturou-se ao grupo. Mulheres entravam e saíam sem parar, e o grupo de excursão se atrapalhou com uma australiana e suas quatro filhas que vinham em sentido contrário. Amy se infiltrou na multidão quando elas saíram.

Ela se colocou atrás do grupo, para não ser vista do portão do outro lado. Assim que as meninas partiram em direção às esteiras de bagagem, Amy entrou agachada em um café. Vasculhou o corredor com os olhos, procurando alguém que conhecesse... ou um estranho suspeito.

Tudo parecia normal. O único problema era que normal não era necessariamente bom. O novo normal significava que qualquer pessoa no mundo podia ser uma ameaça.

Talvez aquela família japonesa, com tênis superestilosos? O casal de jovens mochileiros americanos usando camisetas com a mesma estampa TÔ NA SUA. A mulher de meia-idade comendo um muffin, a mãe com um carrinho de bebê, o homem parando para digitar no celular. Qualquer um podia estar atrás dela e do irmão, Dan. Qualquer um podia ser um Cahill. Amy nunca sonhara que seu próprio sobrenome um dia lhe daria calafrios na espinha.

Desde a leitura do testamento da avó, ela vinha sendo perseguida de um continente a outro pelos próprios parentes. Sua avó, Grace Cahill, lançara um desafio para todos os clãs da família Cahill: participar da busca pelas 39 pistas e tornar-se a pessoa mais poderosa do mundo... ou voltar para casa com 1 milhão de dólares. Amy e Dan tinham escolhido a busca. Não que 1 milhão de dólares não fosse uma oferta tentadora. Mas eles sabiam que a avó queria a vitória deles.

Eles não faziam ideia da roubada em que estavam se metendo.

Às vezes Amy se perguntava qual era a parte mais assustadora de estar envolvida na busca pelas pistas. Talvez não fosse ser enterrada viva, ou quase ser esmagada por um trem, ou trancada na tumba de uma múmia. Todas essas coisas tinham acontecido de verdade com ela... e ela tinha sobrevivido. Talvez fosse isto: ter que suspeitar de toda e qualquer pessoa na face da Terra. Amy e Dan tinham aprendido na pele que qualquer um podia ser um informante.

Será que o resto de sua vida seria assim? O tempo todo olhando para trás? *Não vai ter outro chilique,* diria Dan. Ele era três anos mais novo, mas às vezes Amy precisava dele para cair na real. Ela andou mais depressa.

Eles combinaram de se encontrar na saída de veículos. Assim que o avião vindo de Moscou havia encostado no chão, Amy, Dan e a *au pair,* Nellie Gomez, se separaram. Em vez de sair correndo para chamar um táxi, eles iam perambular pelo aeroporto e despistar possíveis espiões.

Eles haviam partido para Sydney seguindo um palpite. Quando ainda estavam na Rússia, descobriram que seus pais tinham viajado usando nomes falsos e passaportes australianos. Enquanto avançava pelo corredor movimentado, Amy pensava na foto dos pais que Nataliya, do clã dos Lucian, enviara a eles. Ela e Dan passavam a foto de um para outro, pois ambos queriam olhá-la de novo. Todas as fotos com os pais haviam sido destruídas no incêndio em que eles morreram. Todas exceto uma, a que Dan perdera em Paris.

Sempre que olhava aquela foto, Amy era invadida por pequenas lembranças. De repente vinham à sua mente coisas bobas, como o fato de eles tomarem "café da manhã no jantar" nas noites de quinta-feira, ou que a mãe sempre andava com canetinhas coloridas na bolsa para que eles pudessem desenhar na toalha de papel quando fossem a algum restaurante. Lembrou que um dia elas tinham feito joias de papel-alumínio... e usaram suas coroas no mercadinho. Amy quase tinha se esquecido de como a mãe era engraçada.

Os pais dela haviam estado naquele mesmo aeroporto mais de oito anos atrás. Haviam andado por aqueles corredores. *Mãe, pai... o que vocês estavam fazendo aqui?*

Ela e Dan podiam estar totalmente equivocados. Aquela viagem talvez não levasse a uma pista. Eles não tinham nenhuma prova de que levaria. Porém, no instante em que viram aqueles passaportes, ambos sabiam para onde iriam. Não precisaram nem falar.

A única pessoa que conheciam na Austrália era Shepard Trent, um primo do pai, com quem ele havia crescido. Por isso sempre o chamavam de "tio". Eles sabiam que ele morava em Sydney. Seria impossível seus pais terem viajado até lá sem o encontrar. A casa do tio Shep seria a primeira parada.

O único problema era que ainda não tinham conseguido entrar em contato com o tio. O telefone dele havia sido cortado. Nellie havia achado um endereço pela internet, mas não faziam ideia se era o atual.

Amy seguiu na direção do ponto de encontro. Eles já tinham decidido que seria melhor usar o transporte público do que tomar um táxi. Se não dessem bandeira, conseguiriam se esconder na multidão de turistas.

— Olha o churrasquinho de canguru, minha chapa!

Amy se assustou quando aquela voz esganiçada ressoou em seus ouvidos. Depois ela recuou ao ver Dan usando um chapéu australiano e um colete de safári. Ele tinha uma cobra falsa de borracha enrolada no pescoço.

— Você chama isso de não dar bandeira? — ela chiou, arrancando o chapéu da cabeça do irmão e o enfiando no bolso lateral da mochila.

— O que você queria que eu fizesse na loja do aeroporto? — Dan perguntou. — Eu tinha que comprar alguma coisa. Você sabia que a Austrália tem mais criaturas assassinas do que qualquer outro país no mundo? Olha essa cobra, chamada taipan. O veneno dela pode matar, tipo, umas duas mil ovelhas. Ou será que eram duzentas? Enfim, se uma gracinha dessas te morder, você tem que ser levada pra um hospital e tomar o antídoto senão já era.

Para demonstrar, Dan agarrou a cobra e começou a gemer como se estivesse sendo estrangulado, arregalando os olhos e prendendo o fôlego.

— *Aaarrrhhhh* — ele gritou.

— Olha os dois aí, na hora marcada. Milagre. — Nellie entrou em cena. Ela ignorou completamente os olhos esbugalhados de Dan, seu rosto vermelho e seus gemidos de estrangulamento. — Já gostei desse lugar, vocês não? Acabei de comer um bolo típico australiano divino — ela disse, lambendo chocolate dos dedos. — Dá de dez a zero em qualquer donut.

Na última noite em Moscou, Nellie tinha aparado o cabelo com uma tesourinha de unha. Agora tufos de cabelo preto azulado com mechas prateadas despontavam de sua cabeça, feito pontos de exclamação. Ela penteou o cabelo com os dedos, deixando-o ainda mais espetado.

Dan caiu no chão, fingindo espasmos em uma das pernas.

— Comprei uns cartões-postais — Nellie continuou, passando por cima de Dan para mostrar a Amy. — A Austrália é linda. Tomara que dê tempo de a gente pegar uma praia.

Dan se levantou.

— *O polvo-de-anéis-azuis! — ele gritou. — Morte* instantânea!

— Tem um ônibus que vai até o centro de Sydney — disse Nellie, desdobrando um mapa. — Daí a gente pode trocar de ônibus e chegar na casa do seu primo. Acho que é a melhor ideia. Eu desenhei o caminho no mapa.

— Ótimo — concordou Amy.

— Até um ornitorrinco pode te matar se você não tomar cuidado — acrescentou Dan. — Esse lugar é incrível.

Eles saíram sob o sol forte da Austrália e entraram na fila do ônibus. Depois de enfrentar as nuvens cinzentas da Rússia, eles se alegraram com a brisa leve e o céu azul.

Nellie levantou a gaiolinha do gato na altura do rosto e ronronou para Saladin.

— Bom dia, rapaz — ela disse, imitando o sotaque australiano. — Você vai comer salmão daqui a pouquinho, prometo.

Em resposta, Saladin fez um *mrrp* enquanto o ônibus parava com um guincho dos freios. O gemido do gato assustou a senhora idosa que estava na fila na frente deles. Ela se virou:

— Que é isso, meu bem? Algum pássaro australiano exótico?

A mulher espiou dentro da gaiolinha apertando os olhos, enquanto procurava um lenço na bolsa.

— É só um gato — Amy respondeu, como se pedisse desculpas. — Ele está com fome, eu acho.

— Oh, eu adoro gatinhos. — Ela puxou a mala vermelha com rodinhas enquanto a fila de turistas avançava.

Amy cochichou com Dan:

— Espero que o tio Shep ainda more nesse endereço. Não sei nenhum outro jeito de encontrá-lo.

— A gente pode ficar rondando as lojas de surfe — sugeriu Dan. — Alguma hora a gente o encontra.

Shep era surfista amador. Eles conheceram o tio quando eram pequenos, mas Amy só tinha uma vaga lembrança dele e Dan não tinha lembrança nenhuma. Shep não conseguira ir ao enterro dos pais das crianças, sete anos antes. Mas uma das coleções que Dan mantinha no apartamento em Boston era uma pilha de cartões-postais enviados por Shep ao longo dos anos, de lugares como Bali ou Oahu. Havia sempre uma onda gigante na foto.

Eles embarcaram no ônibus e enfiaram as mochilas embaixo dos assentos. A mulher idosa da mala vermelha abriu um mapa atrás deles, enquanto o ônibus partia.

O mapa bateu na cabeça de Amy.

— Oops, desculpe, meu bem — disse a mulher. — Acertei você com as Blue Mountains.

— Tudo bem — falou Amy. — Sem problema.

— Aposto que vocês são americanos! Tão simpáticos. Eu viajei para Kansas City uma vez. Churrasco delicioso o de lá. Vocês por acaso não são do Kansas? Não? Que pena.

A mulher começou a murmurar consigo mesma enquanto olhava o mapa. Vez ou outra batia na cabeça de Amy, que não ligou.

Chegando ao centro da cidade, o ônibus foi cercado pelo trânsito e seguiu roncando de quarteirão em quarteirão. O contraste entre aquele lugar e Moscou era chocante. Na rua, as pessoas andavam com passos rápidos de atleta, vestindo roupas de verão, tagarelando e dando risada com os amigos. Todo mundo em Sydney parecia estar em forma e feliz.

— Não é à toa que chamam este país de Oz — afirmou Dan. — É surreal.

Nellie ficou de olho no mapa e nos vários pontos de ônibus. Amy prestava atenção nas placas.

— O Shep não mora perto de Darlinghurst? — perguntou Amy.

— Cara, não me chame de *darling* — Dan reclamou.

— Nunca. É totalmente proibido.

— Darlinghurst é uma região de Sydney, seu tonto — respondeu Amy.

— Tonto eu aceito. *Darling,* jamais.

A senhora simpática que estava atrás deles ficou de pé quando o ônibus parou num ponto. Arrastando a mala e dobrando o mapa, ela se despediu:

— Tchauzinho! Aproveitem a viagem!

— Você também! — Amy acenou e as portas se fecharam com um chiado.

Nellie consultou outra vez o mapa:

— Estamos perto do cais Circular. Só mais uns pontos e a gente troca de ônibus.

Amy se debruçou para olhar o mapa. Havia alguma coisa diferente. Ela sentia o pescoço mais leve...

— O colar de Grace — Uma fraqueza tomou conta de Amy enquanto ela apalpava o pescoço. — Eu o perdi!

— Tem certeza? — Nellie perguntou, procurando o colar no assento.

Amy não conseguiu responder. Estava com um nó enorme na garganta, lutando para conter as lágrimas. Aquele não era um colar qualquer. Era um objeto muito querido por Grace. Toda vez que Amy encostava nele, o colar trazia de volta a presença protetora da avó, e ela se sentia ligada à coragem da própria Grace.

O ônibus dobrou uma esquina enquanto Amy tateava o chão em desespero:

— Não está aqui!

— Você lembra quando esteve com ele pela última vez? — Nellie perguntou.

— Quando a gente estava esperando o ônibus — respondeu Amy, fazendo esforço para se lembrar. — Eu o enfiei embaixo da camiseta.

— Então ele não sumiu — concluiu Nellie. — Foi roubado. Foi aquela velha!

— Será? Ela era tão educada. Ficava batendo na minha cabeça com o mapa e pedindo desculpa...

O queixo de Amy caiu. Nellie confirmou com a cabeça:

— Pois é. Estava te distraindo.

Dan começou a martelar o botão de PARE do ônibus.

— Vamos. É hora de dar um chute na bunda daquela velhota!

# CAPÍTULO 2

A MOCHILA DE DAN BATIA EM SUAS COSTAS. ERA GOSTOSO CORRER depois de ter passado um milhão de horas dentro de um avião. O único problema de viajar tanto era... viajar.

Isso e o fato de que não havia sorvete sabor cereja e chocolate nos aviões.

Nellie ultrapassou os dois facilmente, mesmo com a gaiolinha de Saladin balançando de um lado para o outro na mão, a mochila abarrotada nas costas e a sacola de lona batendo na cintura a cada passo. Parecia que Nellie passava todo o tempo cochilando e comendo, mas não havia dúvida de que estava em forma. Nada como ter um soldado como *au pair*.

Eles chegaram ao ponto de ônibus em que a mulher idosa tinha descido. Olharam em volta desesperados, mas não havia sinal dela. Pedestres passavam depressa por eles, andando, sorrindo, rindo e conversando. Uma mulher alta e elegante, usando sapatos de salto de camurça verde, passeava próximo a eles e observava um prédio interessante. Não havia ninguém acenando com um mapa.

Dan avistou uma coisa vermelha entre alguns arbustos. Correu até lá.

Ele puxou a mala vermelha que a senhora idosa estava carregando. Dan abriu a mala; estava vazia.

Dois vermelhões brotaram nas bochechas pálidas de Amy, como se alguém tivesse lhe dado um tapa. Dan conhecia aquele sinal. Amy estava tentando não chorar.

— Eu p-p-perdi o colar da Grace. Não acredito! — Amy desabou numa escadaria em frente a um prédio de pedra.

— Talvez a gente o encontre — disse Dan. Ele achava que sabia como Amy se sentia. Quando perdera a foto dos pais no túnel do metrô em Paris, ele chorou feito um bebezinho. E em público.

Dan ergueu os olhos para ver o prédio em frente. Viu a palavra museu na placa. Em circunstâncias normais, isso teria feito todos os pelos do seu corpo se arrepiarem, esperando que a irmã o arrastasse para dentro. Mas talvez um museu a distraísse. Amy piscava tão rápido para conter as lágrimas que estava causando uma brisa.

— Ei, olha, um museu — ele mostrou. — Quer entrar?

— Hã, Dan? Você viu direito? É um museu — disse Nellie. — Acho que eu me lembro de você dizer que preferia aranhas sugando seus olhos do que pôr o pé em outro museu.

Dan apontou com a cabeça para a irmã desesperada, mostrando a Nellie qual era sua ideia. Nellie concordou com a cabeça.

— Que besteira — retrucou Dan. — Aranhas não conseguem sugar um olho. — Ele pensou por um instante. — Se bem que talvez na Austrália consigam. Legal. Enfim, é o Museu da Justiça e da Polícia. Deve ser bem louco. Venha, Amy, vamos dar uma olhada. Quem sabe a ladra entrou aqui para fugir de nós. Você pode ler as plaquinhas — ele tentou convencê-la.

Nellie sentou na escada:

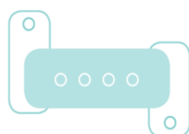
— Vou esperar aqui. Provavelmente não iam mesmo me deixar entrar com o Saladin. — Ela pôs os óculos de sol. — Mas já vou avisando: se vocês demorarem demais, eu mesma vou sugar seus olhos, moleque!

— Saquei. Vamos, Amy, aposto que tem armas aqui. — Dan subiu a escada aos pulos enquanto Amy ia atrás, mais devagar. Pelo menos ela estava indo.

Depois que eles pagaram a entrada, Dan parou em frente a uma parede coberta com fotos de criminosos dos anos 1890. Todos eles pareciam prestes a comer seu fígado no café da manhã. Inacreditavelmente legal.

— Amy, ouve isso! Esse cara estava desaparecido, daí um dia um tubarão num aquário cuspiu o braço dele! Adoro esse lugar! — Mas Amy tinha se afastado para olhar um tribunal.

Dan se debruçou para examinar a máscara mortuária do capitão Moonlight, um famoso ladrão de bancos. Pela primeira vez, ele tinha encontrado um museu que fazia sentido.



Amy não entendia o irmão. Eles já não tinham tragédia suficiente na vida? Por que ele achava aquele lugar tão fascinante?

Ela viu a mulher elegante de sapatos de camurça verde se debruçar para olhar a parede de fotos de criminosos. Ela observava com muita atenção, mas Amy não sabia o que exatamente ela estava olhando. O que quer que fosse, era muito interessante.

A mulher se virou e pôs a mão na bolsa. Algo naquele gesto fez soar um alarme dentro de Amy. Algo familiar... como se conhecesse aquela mulher. Mas ela não conhecia ninguém na Austrália.

Agora ela já estava acostumada a seguir seus instintos, por mais estranhos que parecessem. Quando a mulher se afastou no corredor, Amy foi atrás. Mas, quando dobrou a esquina, a mulher tinha desaparecido.

Uma reconstituição de cela antiga chamou sua atenção. Amy entrou. Seria muito prático ter um lugar como aquele para trancar irmãos caçulas quando eles enchessem o saco. O que acontecia a cada cinco minutos...

De repente, Amy ouviu a porta atrás dela se fechar com um estrondo. Ela se virou. A mulher estava sorrindo para ela, pelas barras da cela. Era uma

mulher bonita, com olhos enormes cor de âmbar e cabelos escuros brilhantes que se espalhavam pelo rosto. Sua pele era tão lisa e perfeita que ela parecia uma boneca de porcelana.

— Não se assuste. Esse era o único jeito de eu conseguir falar com você — ela disse com um sotaque britânico. Sua voz era grave e pastosa, como se tivesse uma colherada de iogurte na boca. Ela chegou mais perto, num gesto de confiança em Amy. — Nós da família Cahill temos a mania de fugir uns dos outros, não é mesmo?

A mulher piscou para ela. Amy quis bater a cabeça na parede. A mulher era uma Cahill! Casualmente, Amy olhou em volta, procurando outra saída.

— Estou vendo que você continua tensa, como sempre. — O sorriso da mulher não vacilava. — Você nunca confiou na sua própria coragem. Grace costumava dizer isso.

Amy sentiu uma punhalada ao ouvir essas palavras. Ela levantou o queixo:

— N-n-não me fale da minha avó. Quem é você?

Ela inclinou a cabeça e estudou Amy, ainda com um sorriso afetuoso nos lábios:

— Ah, esse olhar de rainha. Agora vejo Grace em você. Sou Isabel Kabra.

— A mãe de Ian e Natalie?

A mulher confirmou com a cabeça:

— Tentei ficar fora da busca pelas 39 pistas. Tentei manter lan e Natalie fora dela também. Infelizmente...

— Ela deu de ombros com elegância. — Eles ouvem mais o pai. Mas as coisas foram longe demais. Meus filhos precisam da minha intervenção. Então eu os segui até aqui.

— Eles estão em Sydney? — Essa não era uma boa notícia.

— Estão fazendo check-in no hotel Observatory agora mesmo. Natalie deve estar analisando todos os produtos de banho que o hotel oferece, e Ian... bom, Ian deve estar pensando em você.

Amy odiou a explosão de alegria que fez seu coração bater mais rápido. Mesmo não tendo acreditado naquilo nem por um segundo. Ela revirou os olhos:

— Ora, por favor.

— Ele tem se comportado de um jeito péssimo, eu admito. lan tem medo dos sentimentos. Ele confessou para mim o quanto admira você.

— A senhora acha que eu caí do berço quando era pequena?

Os olhos de Isabel Kabra brilharam:

— Ian é pura encenação. Por trás daquela máscara de superioridade, existe um menino normal, com suas próprias inseguranças. Eu tenho... filhos complicados.

— Ela fez um gesto de desprezo com a mão manicurada. — Eu queria mantê-los longe dessa maluquice dos Cahill, acredite em mim. Nossa vida em Londres é tão agradável, tão perfeita. Carros, roupas, um avião particular. Que mais eles querem?

— Pelo jeito, querem ser as pessoas mais poderosas do mundo — respondeu Amy.

— E o que exatamente isso quer dizer? — perguntou Isabel. — Você já pensou nisso?

Ela já tinha pensado. Ainda não tinha entendido. Parecia uma coisa tão irreal, como algo saído de um filme ou de um jogo de videogame.

— Qual seria a fonte do seu poder? — Isabel perguntou em voz baixa. — E como vocês iam lidar com esse poder? Porque, francamente... — Ela deu uma risadinha. — uma menina de 14 anos e um garoto de 11 dominando o mundo? Vamos admitir que isso é um tanto ridículo.

— Uau — retrucou Amy. — Você pode fazer isso de novo? Tipo, me ofender de um jeito supereducado? — Amy não conseguia acreditar que aquela voz fria e sarcástica era a sua própria.

— Não tenho a intenção de ofendê-la Isabel disse num tom gentil. — Eu só estava sendo realista. Você pensa que, mesmo se vencerem a busca pelas pistas, o perigo chegará ao fim? — Ela balançou a cabeça. — Seria apenas o começo. Para perceber isso, basta analisar a História. Meus filhos não são bons alunos. Mas você é ótima em pesquisas. Você sabe, a História prova que todo conquistador tem sua queda.

*Por que ela sabe tanto sobre mim?* Amy se perguntou. *Eu não sei nada sobre ela.*

— Eu gostava tanto dos seus pais — Isabel continuou. — Eram tão bonitos e tão promissores... Fiquei arrasada quando soube do incêndio. Se eles tivessem sobrevivido, tudo poderia ser diferente hoje. Talvez os Cahill fossem um pouco mais... civilizados. Mas, do jeito que as coisas são, temos uma única esperança. Os Lucian.

Amy bufou:

— Ah, que surpresa. Você é uma Lucian.

— Naturalmente sinto que os Lucian são os mais preparados para ficar no controle do poder extremo. Nós reunimos as melhores qualidades de toda a família Cahill. Somos líderes. Temos uma rede global operante. Mas você e seu irmão... vocês estão sozinhos. Seus pais morreram, Grace morreu, vocês não têm ninguém para protegê-los. Eu só quero que a menininha de quem eu me lembro... a menina de camisola que eu peguei no colo tanto tempo atrás... só quero que ela cresça em segurança. Se você soubesse o que... — ela hesitou.

— O quê?

Passos ecoaram no corredor. Isabel virou-se na direção do barulho.

— Confie em mim — ela sussurrou. E então fugiu apressada.

# CAPÍTULO 3

AMY BATIA COM FORÇA NA PORTA DA CELA.

— Ei! Socorro! — ela gritava.

Dan apareceu e olhou entre as barras.

— Não importa o que você tenha feito, eu vou ficar do seu lado — ele brincou.

— Não seja idiota. Chame o guarda para abrir esta cela! — Amy gritou.

Dan empurrou a porta, e ela lentamente se abriu.

Amy piscou. Por que ela tinha achado que a porta estava trancada? Pensando bem, Isabel nunca dissera que estava.

Ela sentiu as pernas tremerem. Estava muito mais abalada do que queria admitir.

— Vamos — Dan chamou. — Achei uma coleção incrível de facas. Uma delas ainda tem manchas de sangue!

— Dan, Isabel Kabra esteve aqui — disse Amy.

— Isabel Kabra? Os Cobra estão se multiplicando. Essa aí é quem?

— A mãe do lan e da Natalie!

— Tá brincando. Aqueles moleques têm mãe?

— Ela foi quase... simpática — disse Amy. — Chegou a pedir desculpas pelo Ian.

— Tarde demais. Os filhos dela já ultrapassaram o limite da babaquice.

— Ela disse que os Lucian deviam vencer esse concurso...

— Dã, jura?

— ... e que eu devia confiar nela. Ela estava prestes a me dizer alguma coisa.

Dan fez uma cara feia:

— Deixa eu adivinhar. Vão pra casa, criancinhas, esse jogo é perigoso demais pra vocês, vocês vão perder. Blá -blá-blá Já ouvimos isso um milhão de vezes desde que a busca começou. Então qual será o clã que ficou com o gene da originalidade? Todos eles falam a mesma coisa.

Amy decidiu guardar segredo sobre a história de lan gostar dela de verdade. Se ela mesma não tinha engolido aquilo, imagina Dan...

— Ela disse que me conheceu quando eu era pequena, mas não tenho nenhuma lembrança dela — disse Amy.

Dan mal estava prestando atenção:

— É melhor a gente sair, senão a Nellie vai pirar de novo.

Enquanto eles andavam na direção da saída, Amy parou em frente à parede de fotos de criminosos.

— Por que ela estava aqui? — ela se perguntou. — Não foi só coincidência. Ela parou aqui, perto das fotos. Estava debruçada bem em... — Amy parou. — Dan! Está faltando uma foto!

Uma foto pequena tinha sumido, cuidadosamente recortada de trás da placa de acrílico.

— Agora a gente nunca vai saber quem era — disse Amy.

Dan fechou os olhos. Amy sabia que ele estava revendo as fotos na mente. Embora houvesse cerca de cem fotos na parede, ela sabia que o irmão iria se lembrar da que estava faltando.

— Siga-me — ele chamou. Amy correu atrás dele até a loja de presentes. Havia um pôster emoldurado na parede, mostrando os mesmos rostos de criminosos. Dan pôs o dedo sobre um deles, um jovem de cabelos sujos e uma expressão vazia. Um lado de seu rosto tinha cicatrizes brancas da testa até o queixo. — É ele.

— Bob Troppo — disse o funcionário atrás da caixa registradora.

— Será que isso é um cumprimento australiano? — Dan murmurou. Ele acenou com a mão e gritou: — Bob Troppo!

O funcionário veio até eles, do outro lado do balcão:

— O cara que vocês estão olhando. O nome dele era Bob Troppo. Ninguém sabia o nome verdadeiro porque ele nunca falava nada. Na Austrália, dizemos que alguém "ficou troppo" quando o calor dos trópicos fundiu a cabeça da pessoa e deixou ela meio lelé. Bob Troppo morou em Sydney nos anos 1890.

— O que ele fez? — perguntou Dan. — Jogou alguém na boca de um crocodilo? Amarrou alguém no trilho do trem?

— Ele tentou assassinar Mark Twain.

Amy e Dan trocaram um olhar de relance. Mark Twain era descendente dos Cahill. Ele pertencia aos Janus, o clã criativo e artístico.

O funcionário, um jovem musculoso vestindo shorts cáqui, se debruçou sobre o balcão:

— Twain estava dando uma série de palestras, isso em 1896. Troppo foi visto conversando com ele num beco em frente ao auditório onde tinha se apresentado. Pelo que dizem, os dois discutiram, e Troppo bateu no ombro de Twain com uma bengala!

— Isso não parece uma tentativa de assassinato — disse Amy.

— A bengala tinha uma faca escondida. Isso bastou para que ele fosse considerado culpado, até porque nunca disse uma palavra em sua defesa. Enfim, ele escapou de um jeito muito criativo. — O funcionário se debruçou ainda mais sobre o balcão, como se estivesse prestes a contar um segredo. — Ele estava na prisão, mas tinha a tarefa de limpar o chão à noite, entendem? Então toda noite ele raspava a cera da madeira e guardava na cela dele. Até juntar cera o suficiente para fazer um molde da chave. Não foi muito esperto?

Dan e Amy trocaram outro olhar de relance. Eles se conheciam tão bem, e dependiam um do outro para tudo desde sempre, que conseguiam se comunicar sem falar nada. Ekaterina? O clã dos Ekat era engenhoso e inventivo.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Amy.

— Ninguém sabe. Diz a lenda que ele fugiu para o mato. Vocês não querem umas algemas? Um livro?

— Algemas? — perguntou Dan.

Amy puxou a camiseta dele:

— Não, obrigada. Temos que ir embora. Valeu pela história!

Amy e Dan saíram da loja e foram na direção da porta do museu.

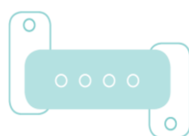
— Esse Bob Troppo parece maluco — disse Amy.

Dan concordou com a cabeça:

— Só pode ser um Cahill.

— Mas o que a Isabel quer com ele? — Amy se perguntou. — Será que é por causa dele que os Kabra estão em Sydney? Ou...

— ... será por nossa causa? — completou Dan.



Amy, Dan e Nellie estavam parados em frente a uma porta de metal. Não havia placa com nome, apenas um botão sujo que talvez fosse uma campainha. A casa era de tijolos e chapas de aço onduladas, com janelas compridas fechadas por persianas. Parecia um depósito.

— Talvez não seja aqui. — Amy de repente ficou nervosa.

— Esse é o endereço — Nellie falou e em seguida apertou a campainha.

Eles esperaram. Amy trocava o peso de um pé para o outro. Sentiu o calor aumentar em suas bochechas. Não era muita loucura dar meia volta ao mundo e aparecer sem avisar na porta de uma pessoa? Uma pessoa que mal havia conseguido manter contato com seu próprio primo e melhor amigo?

— Tô achando que a gente perdeu a viagem — Dan sussurrou após alguns instantes.

— Melhor a gente ir embora — disse Amy. Ela deu um passo para trás.

— Opa! — exclamou uma voz dentro da casa.

Um instante depois, a porta se abriu. Um homem loiro de meia-idade olhava para eles com curiosidade. Ele parecia desbotado pelo sol, desde o cabelo até a camiseta amarela e os pelos dourados dos antebraços bronzeados e musculosos. Vestia shorts largos e estava descalço.

— Bom dia — ele cumprimentou numa voz agradável. Ele falava como um australiano, mas ainda conservava o sotaque americano. — Posso ajudar vocês?

— Tio Shep? — perguntou Dan. — Somos o Dan e a Amy. Essa é nossa *au pair*, Nellie Gomez.

Shep parecia confuso.

— Dan e Amy Cahill — acrescentou Amy. — S-seus primos.

Aquilo era muito constrangedor. O tio nem mesmo tinha reconhecido eles!

Shep pareceu desnorteado por um instante. Depois um sorriso iluminou seu rosto. Seus olhos azul-claros quase sumiram, e traços irradiavam dos cantos.

Amy sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ela tinha memórias confusas dos pais, porém, ao ver aquele sorriso, sentiu como se o pai tivesse voltado para ela. Ele costumava sorrir daquele jeito quando a erguia do chão para dar um de seus fortes abraços. Ela sentiu as lágrimas arderem em seus olhos e rapidamente desviou o olhar, como se estivesse conferindo o endereço.

— Isso só pode ser brincadeira. Dan e Amy?

— A gente estava passando aqui perto — Dan disse, brincando.

Shep deu um passo à frente tão rápido que eles levaram um susto. Então ele abraçou Dan, quase o asfixiando. Depois foi a vez de Amy.

— Nossa, caramba! Entrem, entrem! — Ele conduziu todos para dentro da casa.

A casa consistia de um único cômodo enorme dividido por sofás e estantes. A parede oposta era coberta de cima a baixo por prateleiras apinhadas de livros. Amy sentiu vontade de explorar os títulos. Outra parede era toda de vidro e levava para um pátio. Grupos de móveis dividiam o cômodo em áreas de convivência, refeição e lazer, o que se via pelas pilhas de

equipamento de áudio, as guitarras, teclados, pranchas de surfe, computadores, máquinas de fliperama, três cavalos de carrossel e uma mesa de pebolim. Caixotes de madeira pintados em cores vivas continham objetos que transbordavam até o chão: roupas, mais livros, equipamento esportivo, DVDs e peças de computador.

— Nossa — disse Dan. — Esse lugar podia ter sido projetado por mim.

— Sentem-se. — Shep se apressou em tirar de cima do sofá um monte de revistas de surfe, camisetas e sandálias. — O que vocês estão fazendo em Sydney? Da última vez que soube de vocês, estavam morando com a sua tia.

— Hã, ainda moramos — explicou Amy. — Tecnicamente. Mas estamos de férias. Mais ou menos.

— Entendi. Eu acho. Cara, vocês dois cresceram

— Bom, faz oito anos que você não vê a gente.

Ele confirmou com a cabeça, e seu olhar perdeu o brilho:

— Eu sei.

Amy, Dan e Nellie sentaram no sofá.

Shep sentou de frente para eles, numa mesinha de centro feita com uma prancha de surfe.

— Escutem, primeiro de tudo, me desculpem por não ter mantido contato — ele disse. — É que eu não sou o tipo de cara que mantém contato.

— Tudo bem — respondeu Amy. Mas de repente ela percebeu que, na verdade, não estava tudo bem. Eles não conheciam Shep, porém ele era o parente mais próximo e o melhor amigo do pai deles. Tirando cartões-postais e uns dois cartões de Natal mostrando cangurus com gorro de Papai Noel, eles mal tinham recebido notícias dele.

— Não está tudo bem. — Shep ficou olhando para suas mãos unidas. — Fiquei triste quando soube do que aconteceu com Arthur e Hope. Fiquei arrasado, na verdade. Foi só depois do funeral que eu me dei conta de que eles... não existiam mais. Eu telefonei, mas uma velhota me disse que vocês já tinham problemas suficientes. Essa por acaso não seria sua tia, seria?

— É ela mesma — disse Dan, abatido.

— Ela nunca contou pra gente que você ligou — falou Amy.

— Vocês têm lugar pra ficar? Tem bastante espaço aqui. Não tem camas, mas espaço tem. — Shep sorriu para eles, e Amy teve uma sensação estranha, como se quisesse chorar e rir ao mesmo tempo. Ele era tão parecido com o pai dela.

— A gente tentou ligar — explicou Amy.

— Agora só tenho celular. Desculpem por eu ser um cara tão difícil de achar.

Amy se aproximou:

— A gente queria perguntar sobre a última viagem dos nossos pais pra cá. Você encontrou com eles?

— Se eu encontrei com eles? É claro que sim. Isso seria uns... cinco anos atrás?

— Na verdade, oito.

— Pois é, o tempo voa. — Shep balançou a cabeça. — Foi a última vez que eu vi o Artie.

Artie? Ninguém chamava o pai deles assim.

Saladin fez um *mrrp* bem alto. Shep chegou mais perto.

— Olá, resmungão — ele cumprimentou. — Você parece estar com fome. Quer sair dessa gaiolinha?

— Cuidado, faz tempo que ele está aí dentro — explicou Nellie. — E ele não gosta muito de estranhos...

Shep já estava tirando Saladin da gaiolinha e enrolando o gato nos ombros como se fosse uma estola de pele. Saladin piscou, depois ronronou contente.

— Aposto que você ia gostar de comer alguma coisa — Shep disse para o gato. Ele andou até a área da cozinha, derramou água numa vasilha rasa e enfiou a cabeça na geladeira. — Que tal um pedaço de barramunda?

— Barracuda? — perguntou Dan.

— Barramunda, ou perca gigante — disse Nellie. — É um peixe delicioso.

— Ele só gosta de salmão — explicou Amy.

— Então ele vai adorar barramunda — disse Shep.

— É o melhor peixe do mundo.

Ele tirou um pouco do peixe com um garfo, pôs numa tigela e serviu no chão. Saladin sentiu o cheiro, olhou para Shep e soltou um grande e feliz mi-UAU! Todos deram risada quando ele atacou a comida.

— Eu praticamente cresci com o seu pai — disse Shep, reaproximando-se. — Nossas mães eram primas e melhores amigas. Elas cresceram juntas, e Artie e eu também. Até os 12 anos. Daí minha mãe e meu pai se divorciaram e de uma hora pra outra eu fui parar em Oahu com a minha mãe. Art e eu tentamos manter contato, só que... bom, com 12 anos é difícil ser amigo por correspondência. Mas toda vez que a gente se encontrava as coisas simplesmente continuavam de onde tinham parado.

— Você sabe aonde nossos pais foram quando estavam aqui? — perguntou Dan.

— Claro. Eu era o piloto deles.

— Você quer dizer motorista — corrigiu Amy.

— Também — disse Shep. — Na verdade, também tenho um avião. Um belo monomotor, por isso...

O celular tocou, e ele pôs a mão no bolso dos shorts. Depois de atender, ficou escutando com muita atenção por um tempo, disse "Beleza" e desligou.

Shep ficou de pé num pulo:

— A gente precisa sair daqui. Agora!

# CAPÍTULO 4

AMY, DAN E NELLIE ESTAVAM ACOSTUMADOS A BATER EM RETIRADA. Dan enfiou os pés de volta nos tênis. Amy pulou por cima do encosto do sofá. Nellie correu para a porta, abriu e esperou Amy e Dan passarem.

Shep pulou para dentro do jipe que estava estacionado em frente à casa.

— Entrem! — ele gritou.

Havia uma prancha de surfe em pé no banco de trás, e Dan e Amy tiveram que se apertar do lado dela enquanto Nellie se jogava no banco da frente. Shep partiu cantando pneu.

Nellie chegou mais perto de Shep enquanto eles seguiam alucinados pela estrada irregular:

— O que aconteceu? Aonde estamos indo?

— Praia de Bondi, é claro! — Shep gritou por cima do vento forte. — Tá rolando surfe!

— Tá rolando surfe? — Nellie perguntou, sem acreditar. — Achei que sua casa ia explodir!

Dan se jogou no encosto do assento, aliviado. Amy soltou a respiração.

— Tem que largar tudo quando rola o chamado — disse Shep. — Aliás, vocês três são bons em dar no pé.

— A gente era monitor nas simulações de incêndio na escola — disse Dan, desanimado.

— Não se preocupem, lá está cheio de lojas — Shep gritou por cima do vento. — Vocês podem arranjar equipamento ali. E eu tenho um monte de amigos surfistas com *long-boards, short-boards, body-boards*... a gente dá um jeito.

— Nunca entendi a graça do surfe — disse Nellie. — Eu sou de New England. Pra que subir numa prancha e ser derrubado por ondas gigantes? Prefiro nadar.

Shep deu risada:

— Você vai adorar. É só tomar cuidado com as caravelas, e vai dar tudo certo.

— Caravelas? Tipo águas-vivas? Elas podem matar? — perguntou Dan, esperançoso.

— Não, mas a dor é terrível.

— Legal!

Poucos minutos depois, Shep parou numa vaga em frente a uma lojinha de surfe. Foi logo mostrando a eles o equipamento certo e botando um cartão de crédito no balcão. Vestindo shorts largos e regatas, eles seguiram Shep até uma vasta praia com ondas altas.

— As ondas parecem gigantescas — disse Amy.

Dan ficou feliz que alguém além dele tivesse dito aquilo.

— Não se preocupem. Aqui tem ótimos salva-vidas. Se tiverem algum problema, só levantem os braços, não abanem. Opa, olha lá minha galera!

Shep acenou para um grupo de pessoas que trocavam garrafas de suco e sanduíches. Todos eram bronzeados e atléticos, homens e mulheres, com cabelos clareados pelo sol como os de Shep. Havia pranchas de surfe deitadas na areia ou enfiadas nela.

— Olha o cara aí! — gritou um dos homens. — Demorou pra chegar, meu chapa.

— Que é isso que você tá trazendo, é biscoito de tubarão? — perguntou um outro.

— Por acaso eles chamaram a gente de *comida de tubarão*? — Amy perguntou, engolindo em seco.

— Não dá bola pro que eles dizem. Biscoito de tubarão é como a gente chama os iniciantes. — Shep avançava em passos largos. — Estes são Amy e

Dan, meus parentes, e a *au pair* deles, Nellie. Eles vão aprender a surfar como australianos.

— Legal — disse uma das meninas. — Tenho um *body-board* que eu posso emprestar.

Shep deu um sorriso e enfiou a prancha embaixo do braço.

— Vamos, vocês três. Vou dar uma aula rápida. E não se preocupem com os tubarões... só fiquem entre as bandeiras.

— Tubarões — disse Nellie em voz baixa. — Prefiro no meu prato. Com um molhinho do lado.

Eles passaram vinte minutos tentando aprender a manha do *body-board*. Nellie pegou o jeito quase na hora, mas Amy sempre caía da prancha e era carregada pela onda. Ela aparecia na praia, a metros de distância, e vinha engasgando, depois de ter engolido metade do oceano Pacífico. Dan não parava de dar risada da irmã e de levar porrada das ondas no rosto. Era a coisa mais divertida que ele fazia desde que enviara pelo correio sua coleção de aranhas mortas para a professora de piano.

— Acho que agora vocês pegaram o jeito — Shep disse depois de um tempo. — Se vocês não se incomodam, eu vou sair no *long-board* um pouquinho.

— Eu vou tomar sol — Nellie disse.

Nellie voltou para a areia e Shep saiu na prancha. Dan e Amy se posicionaram para a próxima onda. Amy tirou o cabelo dos olhos e sorriu. Aquele olhar preocupado que fazia suas sobrancelhas se juntarem havia sumido. Dan pegou uma onda no ponto perfeito. Ele cantarolou de alegria.

Quando ele finalmente foi dar na praia, levantou pulando, dando risada. Mas seu sorriso sumiu quando viu uma família vestida toda igual, com shorts amarelos largos e óculos de mergulho azuis, todos se jogando na água com pranchas compridas.

Os Holt. Um desfile de imbecis bombados.

Dan fugiu nadando e arrastando a prancha. Passou a arrebentação e foi indo até onde Amy estava, deitada em sua prancha, balançando com as ondas.

— Nós temos companhia.

Amy passou os olhos pela praia:

— Oh, não. Rápido, vamos...

Mas era tarde demais. Eisenhower Holt já tinha avistado os dois. Apontou um dedo grosso na direção deles.

— O jogo continua! — ele berrou por sobre o estrondo das ondas.

— O que você acha que eles querem? — perguntou Dan. — Além de afogar a gente?

— Hamilton não faria isso — disse Amy, sem muita certeza.

Eles tinham feito uma aliança temporária com Hamilton Holt na Rússia. Tinham até compartilhado uma pista com ele. Mas isso não queria dizer que eles eram amigos.

— O Hammer tem medo do papai — disse Dan. — Eu tenho medo do papai dele. Mas não se pode demonstrar medo na frente de um Holt. Eles sentem o cheiro do medo, que pra eles tem gosto de frango.

Ele deu um soco na superfície da água.

— Manda ver! — o menino gritou de volta para Eisenhower.

Eisenhower se jogou na prancha de um jeito meio estranho, mas, depois que começou a remar com os braços, foi avançando numa velocidade incrível.

— Vocês devem uma pra nós! — ele gritou. — Vocês mandaram a gente pra Sibéria! Isso não teve graça! Agora precisamos de respostas.

— Nós demos uma pista pra vocês! — gritou Amy.

— Grande coisa! A gente teria achado de qualquer modo!

— Vai sonhando! — gritou Dan. — Você não ia achar uma pista nem se ela mordesse o seu nariz e ficasse pendurada nele por uma semana!

Eisenhower chamou a família com um gesto e em seguida gritou:

— Hora de pegar onda, tripulação!

Reagan e a irmã gêmea, Madison, pularam em suas pranchas e começaram a remar com os braços. Mary -Todd foi atrás, mais devagar, de olho na arrebentação. Hamilton ficou na retaguarda.

— O que a gente faz? — Amy mordeu o lábio.

— Pega a próxima onda — respondeu Dan. — Vamos!

Eles mudaram de lado nos *body-boards* e olharam para trás. Algumas ondas estavam se aproximando, e eles deram braçadas vigorosas. Porém, não conseguiram pegar impulso suficiente. A primeira onda os levantou, mas os

dois acabaram deslizando por cima da crista em vez de serem carregados na direção da praia.

Eisenhower Holt surgiu através da onda que arrebentava, impulsionando-se com seus braços potentes na direção deles. Em segundos já tinha batido com sua prancha na de Dan, que voou e caiu na água. Quando veio à tona para respirar, a mão enorme de Eisenhower estava em cima da cabeça dele. Dan foi submergido outra vez.

Ele subiu cuspindo água.

— Para com isso! — gritou Amy. Ela se jogou de cima da prancha e começou a socar a perna de Eisenhower. — Ele tem asma!

A atenção que ele deu para os punhos enfurecidos de Amy foi como se ela não passasse de delicadas algas. Eisenhower enfiou a cabeça de Dan na água outra vez. Dan sentiu os pulmões se comprimindo. Quando voltou à tona, segurou-se resfolegante na prancha de Eisenhower. Sua própria prancha estava boiando ali perto.

Eisenhower manteve a palma de sua mão carnuda logo acima da cabeça de Dan:

— Me dá uma dica senão ele afunda de novo.

Eles tinham avançado um pouco na praia e agora estavam mais perto de onde se formavam mais ondas. Havia uma subindo.

— Mergulha — Dan disse para Amy.

— Mergulha? — perguntou Eisenhower. — Que tipo de dica é...

Dan e Amy mergulharam. A última coisa que ouviram foi Mary-Todd gritando:

— Querido, cuid...

Dan sentiu o puxão forte da onda, mas mergulhara fundo o bastante para escapar dela. Ele voltou à tona e respirou fundo. Amy emergiu do lado dele, boiando com os braços.

Eisenhower não teve tempo de manobrar nem de mergulhar. A onda o acertou e o derrubou, e sua prancha voou no ar. Eles só tiveram vislumbres de seus shorts amarelos conforme a água o revirava. Um salva-vidas ficou de pé com seus binóculos, observando.

Eisenhower foi parar na praia, com a cara enterrada na areia. Mary-Todd tinha pegado aquela onda e correu na direção dele. Eisenhower se levantou, vermelho de raiva. Afastou o braço de Mary-Todd, voltou se arrastando para a prancha e caiu de novo nas ondas. Todos os Holt começaram a remar com seus braços potentes, avançando rumo à arrebentação. Eles moviam-se como tubarões, deslizando na água com elegância e velocidade.

Shep veio até Amy e Dan, que estavam arrastando seus *body-boards:*

— Pois é, o cara levou uma vaca. Bem feito pra ele. Por acaso ele acha engraçado dar caldo numa criança? É amigo de vocês?

— É uma família muito mala que a gente conheceu no avião — explicou Amy. — Será que você e seus amigos conseguem despistar eles?

— Sério? — disse Shep.

Os amigos surfistas se aproximaram quando Shep deu um assobio. Eles vieram com braçadas rápidas.

— Meus primos têm um probleminha com aqueles turistas de amarelo ali — disse Shep. — Já começa que eles estão tentando dominar nosso território. E além disso eles são meio do mal.

Todos os amigos de Shep sorriram.

— Bora lá — disse um deles.

— Depois eu alcanço vocês — Shep falou para os amigos. Ele se virou para Amy e Dan. — Venham remando atrás de mim. Eu levo vocês pra longe.

Eles remaram com os braços seguindo Shep, mas não conseguiram resistir e viraram a cabeça para ver os amigos dele. Três pegaram a onda seguinte e foram direto até os Holt, que de novo remavam rumo à arrebentação. Com um exímio controle das pranchas, os amigos de Shep passaram deslizando bem no meio do grupo. Eisenhower caiu da prancha e subiu cuspindo. Amy viu Hamilton começar a rir, depois mergulhar depressa numa onda.

Os surfistas facilmente cortaram caminho por cima da onda e saíram remando outra vez. Eisenhower, de rosto vermelho, nadou atrás de sua prancha, gritando com os filhos e com a mulher.

Os Holt se espalharam quando outra onda se aproximou. Dois amigos de Shep remavam depressa com os braços. Amy os perdeu de vista quando a

onda subiu, mas em outro momento os viu montados nela... indo bem na direção de Eisenhower. Os olhos de Eisenhower se esbugalharam quando viram os dois surfistas descendo a onda. Ele tentou manobrar a prancha para escapar, mas ela virou e ele foi lançado no ar. Os amigos de Shep perderam Eisenhower de vista até ele chegar na parte rasa, de onde se levantou ofegante. Ele levou uma cacetada da prancha na cabeça.

Dan e Amy caíram na gargalhada.

— Certo, a gente vai pegar essa onda — disse Shep.

Amy engoliu em seco. A onda parecia enorme.

— Essa aí? — ela gemeu.

— Remem o mais depressa que conseguirem. Depois embarquem nessa belezura. AGORA!

Amy cravou os dedos no mar, remando o mais rápido que podia. Parecia que a onda a puxava para trás. E então, de repente, sentiu-se levantada quando a onda pegou sua prancha e a impulsionou para a frente. Shep ficou de pé num pulo e foi deslizando, sacudindo a água dos cabelos.

Amy decidiu que não ia morrer. Ouviu Dan gritar "Uhu!" quando a onda os levou para a praia. Ela rolou para fora da prancha, sentindo um formigamento em todo o corpo.

Amy vasculhou com os olhos o mar atrás de si. Reagan e Madison estavam remando com os braços. Mary -Tod estava se segurando na borda da prancha. Hamilton estava atrás da linha onde as ondas se formavam, oscilando de leve na água. Quando Eisenhower viu que Amy e Dan tinham alcançado a areia, tentou mudar de direção, mas os amigos de Shep o cercaram com seus *long-boards*. Ele levou outra onda na cara.

Os amigos de Shep acenaram para se despedir enquanto eles subiam pela praia. Nellie já estava de pé, à espera. Dando risada, eles correram para o jipe de Shep. Ele jogou toalhas para os três, ainda achando graça.

— Nada como a galera do surfe pra ensinar boas maneiras — Shep disse, satisfeito.

# CAPÍTULO 5

IRINA SPASKY SENTOU-SE NOS DEGRAUS DA ÓPERA DE SYDNEY. O telhado do famoso teatro avançava para frente, imitando as ondas dançarinas do porto. O sol era um disco dourado num céu tão azul quanto uma pintura. Turistas e nativos caminhavam, pessoas contentes aproveitando um belo dia numa cidade bonita.

*O fim está próximo para vocês todos,* ela pensou.

Se ela fosse parar aquelas pessoas e perguntar De onde vocês são? embora, é claro, ela nunca seria tão simpática —, as respostas seriam fáceis: Sydney, Tóquio Manila, Los Angeles. Turistas de tantas cidades grandes e cidadezinhas em tantos países diferentes. Às vezes os países deles se davam bem, mas às vezes não, e era por isso que havia governos e diplomatas e, de quando em quando, guerras. Era assim que o mundo funcionava. Pelo menos era o que eles achavam.

Mas onde estava o verdadeiro poder? Nas sombras. Nas sombras não havia fronteiras. Tudo se dissolvia se em tons de cinza.

Para um Cahill, países e fronteiras não significavam nada. Apenas os clãs importavam. Um único clã podia dominar o mundo.

*Blin!* Irina admitia, com relutância, que Grace tinha conseguido o que queria, afinal. Ela tinha elaborado um jeito de encontrar as 39 pistas. A busca que vinha acontecendo durante centenas de anos, mas que finalmente ia

terminar. Irina tinha lá suas dúvidas sobre esse fim. Sentia isso em seus ossos russos.

Mas e depois?

Irina sempre acreditara, com todas as células de seu corpo, que os Lucian eram os mais preparados para vencer. Em outros tempos ela acreditara em Vikram Kabra. Porém, os anos haviam corrompido aquele jovem brilhante que ela conhecera em Oxford. Vikram conhecera a bela Isabel e se casara com ela. Era uma vez um tempo em que qualquer lugar em que os dois entrassem parecia ficar automaticamente encantado.

Irina lembrava dias e noites em que se deixara enfeitiçar por eles — a voz calorosa de Vikram e sua inteligência afiada, a presença de espírito e o humor de Isabel.

Era uma vez... pois é, todo conto de fadas começava assim.

Quando ela os conhecera, já era agente da KGB fazia dois anos. Entrara aos 16— era a agente mais nova — e tinha sido treinada e educada para se tornar estudante de intercâmbio em Oxford. Ela conhecera Vikram, e eles ficaram amigos quase instantaneamente.

Irina ainda não sabia disso, mas era uma Cahill. Tinha sido recrutada pela KGB justamente por ser uma Cahill. Seu superior também era um Lucian, e ela tinha sido mandada para Oxford, onde Vikram estava a sua espera.

Tinha sido Vikram quem lhe mostrara o mundo dos Cahill, quem contara a ela sobre os Lucian. Irina continuara na KGB, mas, com o passar dos anos, foi fazendo cada vez mais serviços para Isabel e Vikram conforme eles galgavam os degraus da elite Lucian.

Ela acreditara neles. Acreditara na falta de escrúpulos deles. Acreditara em sua própria falta de escrúpulos. Era necessário. Os Lucian precisavam vencer a qualquer custo.

E então, poucos dias atrás, ela quase matara duas pessoas que se meteram no seu caminho.

Amy e Dan Cahill. *Crianças.*

Em que ela tinha se transformado?

Irina pôs o dedo em seu olho trêmulo, mas o nervo não parava de pular.

Ela olhou para aquele mundo iluminado, bonito. Não estava acostumada a ter dúvidas. As dúvidas deixavam uma pessoa tão... sem amarras.

Naquele exato momento ela tinha uma tarefa. Amy e Dan estavam em Sydney. A própria Isabel acompanhara a equipe dos Lucian para segui-los quando saíssem do aeroporto.

Fazia anos desde a última vez em que Isabel trabalhara como agente, e era típico dela entrar na operação e pôr em risco o cuidadoso planejamento. Seu ego entrou em cena, como sempre acontecia. Ela queria provar que ainda era perita em disfarces. Então fingira ser uma mulher idosa e, depois, só por diversão, roubara o colar de jade de Amy. Isso fez com que ela precisasse descer do ônibus, e por isso Trina tinha um problema agora. Ela não fazia ideia de onde Dan e Amy estavam hospedados, e o fato de Isabel ficar gritando *Encontre eles!* na cara dela não ajudava muito.

O QUE Isabel estava aprontando? Era perturbador pensar que ela realmente saíra de sua mansão em Londres para voar até ali. Isabel e Vikram gostavam de controlar as coisas a distância. Isabel alegava que o *jet lag* lhe dava rugas.

*Não que você precise se preocupar com essas coisas,* ela dissera a Irina com uma risada. *Obviamente, você não se importa com a sua aparência.*

Aquilo era verdade, mas ainda assim era um insulto. Irina já tinha sido uma mulher atraente. Alguns até a consideravam bonita. Uma pessoa, principalmente.

O olho de Irina começou a tremer. Aquilo fazia muito tempo.

Tanta coisa tinha dado errado na Rússia. Amy e Dan haviam sem dúvida encontrado a pista. Ela tinha certeza de que eles estavam sendo ajudados, mas mesmo assim... Tudo o que eles conseguiram fazer por conta própria... Dan pilotando aquela moto! Amy dirigindo um carro! Os lábios de Trina se curvaram, porém ela não deixou o sorriso escapar.

Ela ficou de pé. Chega. Ela tinha um dever a cumprir. Se ao menos aquelas lembranças parassem de brotar! Um garotinho passava andando entre seus pais, segurando um bicho de pelúcia, alguma coisa cinza... um macaco? Não, um cachorrinho. Era só um cachorrinho.

Irina sentiu o nervo de seu olho tremer e levantou a mão para acalmá-lo. Um grupo de jovens achou que ela estava acenando, e eles acenaram de volta.

Fazendo uma careta, ela recolocou os óculos escuros. Como ela odiava a Austrália! Era um país tão *contente*.

# CAPÍTULO 6

DIFÍCIL IMAGINAR, MAS AINDA ERA DE TARDE. A DIFERENÇA DE FUSO horário estava começando a pesar sobre eles. E havia tantas coisas para conversar. Shep fez chá, e eles sentaram ao redor de uma mesa no pátio, perto da área da cozinha. O êxtase de ter vencido os Holt no surfe tinha acabado. Agora eles queriam respostas.

Saladin pulou no colo de Shep que, distraído, acariciava o gato enquanto falava.

— Bem que eu desconfiei que a visita de Art e Hope não era só um passeio turístico — ele disse. — O Art devia estar fazendo algum tipo de mapeamento que tinha a ver com o lance de gênio matemático dele. Ele sempre se interessou por geografia quando era criança. Sempre estava em cima dos mapas. É estranho ter sido eu que viajei pelo mundo. Acho que ele gostava de visitar lugares na imaginação. — Shep sorriu. — Mas não a sua mãe. Ela estava pronta pra tudo.

— Então, aonde eles foram? — Amy perguntou.

— Normalmente eu já teria apagado esse tipo de coisa da cabeça — admitiu Shep. — No meu avião, levo várias pessoas pra vários lugares, sabem como é. Este é o trabalho que eu faço: levo turistas de avião pra conhecer o Outback. Mas dessa viagem eu lembro. Deixa eu ver... eu levei os dois até Adelaide, larguei eles lá alguns dias enquanto fui para Perth. Depois eu voltei,

peguei eles, e fomos todos para a região do Top End. Darwin. Ei, acho que ainda tenho esse itinerário. Sorte de vocês que eu acumulo tranqueira. Nunca jogo nada fora.

Com cuidado, Shep deixou Saladin no colo de Dan e se levantou. Pela porta aberta, eles o viram fuçando em uma das latas coloridas.

— Cara, olha só o que eu achei — ele disse em voz baixa, jogando longe uma raquete de tênis. — Então foi aqui que ela veio parar. Nunca curti jogar tênis. Enfim, eu sei que está aqui em algum lugar... Ahá!

Shep voltou com uma jaqueta de couro num braço e um livro grosso no outro. Ele entregou a jaqueta para Amy:

— Isso aqui era da sua mãe. Ela comprou num brechó em Darwin. Na última hora ela deixou comigo. Disse que já tinha um monte de bagagem pra carregar. Com certeza ela ia querer que ficasse com você.

Estava quente no pátio, mas Amy deixou que o peso da jaqueta permanecesse em seu colo. Ela passou os dedos pelo couro. Sua mãe tinha escolhido aquilo, enfiado os braços nas mangas. Amy abraçaria a jaqueta se pudesse, mas tinha vergonha.

Shep ergueu o livro.

— Esse é meu diário de bordo daquele ano. Vamos ver... — Ele folheou as páginas. — Era o que eu pensava. Eles me deram um itinerário, disseram que era só por precaução. Aqui.

Ele estendeu um pedaço de papel. Amy reconheceu a letra caprichada da mãe na caneta de tinta roxa que ela gostava de usar.

| | |
|---|---|
| Miami | Calcutá |
| Natal | Rangum |
| Dacar | Bangoc |
| Cartum | Cingapura |
| Karachi | Darwin |

— Eles foram pra todos esses lugares? — Amy perguntou.

— Acho que era uma viagem de volta ao mundo — disse Shep.

Dan olhou por cima do ombro:

— Mas então por que não tem Sydney na lista? E Adelaide?

— Acho que era a parte de lazer da viagem — Shep disse com um sorriso.

Amy pôs o dedo em Miami.

— Agora eu lembro! — ela exclamou. — Eles trouxeram a gente junto na primeira parte da viagem. Nós ficamos num hotel na praia. Dan, você só tinha uns 3 anos. A Grace foi junto com a gente também. Eu lembro que chorei muito quando eles foram embora. Achei que nunca mais ia vê-los...

A voz de Amy se dissipou. Ela se lembrou de si mesma aos 6 anos de idade, chorando como se o coração fosse quebrar, sentindo-se abandonada. Ela estava segurando a mão de Grace e ficou assustada ao ver que a avó também estava chorando. Grace nunca chorava.

Eles tinham ficado no saguão do hotel, olhando pelas portas de vidro enquanto seus pais entravam num táxi. Ela se lembrou daquela muralha de vidro entre eles. Por mais alto que chorasse, a mãe não conseguiria ouvi-la.

— Não me lembro de nada — disse Dan.

— Não, você era muito pequeno — explicou Amy. — Eles passaram um tempão viajando... Quer dizer, pareceu um tempão, mas deve ter sido mais ou menos um mês. A Grace ficou com a gente.

Amy de repente teve uma lembrança de Grace sentada na janela, olhando para o quintal. A avó parecia tão preocupada. Para Amy, parecia que Grace sentia exatamente o mesmo que ela: solidão e medo. Ela subira no colo de Grace. Eles voltam logo, a avó murmurara perto de sua bochecha.

Será que Grace estava tentando tranquilizar a si mesma... enquanto tranquilizava Amy? Será que Grace sentira tanto medo quanto a neta?

Eles só podiam estar numa missão Cahill. Não era uma viagem de lazer. Eles não teriam se afastado de Dan e Amy por tanto tempo se não precisassem. Amy sabia disso como uma verdade maciça em seu coração.

— Fiquei surpreso quando Arthur virou professor universitário — disse Shep. — Eu teria pensado em qualquer coisa, menos nisso.

— Como assim? — perguntou Dan. — O que você achou que ele ia virar?

— Domador de leões — respondeu Shep, pondo a caneca vazia na mesa com um estalo. Ele sorriu. — Acrobata. Piloto de Fórmula 1. Aviador, que nem eu.

Dan caiu na gargalhada:

M1d Na±aI

— Isso é brincadeira, né?

— Quando a gente era criança, Artie era o valentão — Shep continuou. — Ficava sempre me atiçando. Construiu uma corrida de obstáculos pras nossas bicicletas. Fez uma torre de caixas pra gente pular dentro do lago. Uma vez a gente construiu um escorregador, do teto da garagem até o chão. Artie sempre ia primeiro.

— Meu pai? — A voz de Dan era quase um gemido. Que demais!

Amy olhou para Dan. Ele estava sentado reto na cadeira, com os olhos brilhando. Ouvir falar no pai deles sempre o deixava feliz. Por que ela ficava tão triste?

Quando você perde os pais, a tristeza não vai embora. Ela apenas muda. Às vezes atinge você de lado, e não de frente. Como agora. Amy não esperava que de repente fosse sentir vontade de cair no choro, só de ouvir que o pai dela tinha sido um valentão quando era mais novo.. assim como Dan.

— Só que seu pai era mais inteligente do que eu. Ele fazia a lição de casa. E também sempre foi interessado por quebra-cabeças, por resolver coisas. Eu mudei pro Havaí, descobri as ondas e virei um perdido. — Shep deu um sorriso alegre para eles. — Desde então eu tenho viajado pelo mundo. Até aterrissar aqui em Oz.

— Demais — repetiu Dan. Amy percebeu que o irmão tinha encontrado um novo herói.

— Agora é a vez de vocês. — De repente, o olhar azul de Shep era penetrante. — O que vocês estão fazendo na Austrália?

Amy falou depressa, antes que Dan pudesse dizer qualquer coisa. Não que eles desconfiassem de Shep, mas seria melhor para ele mesmo se não soubesse nada da busca pelas 39 pistas.

— Estamos de férias — ela explicou. — E estamos investigando a história da nossa família para um trabalho da escola. Você já ouviu falar no Bob Troppo?

— Acho que não conheço. Ele mora em Sydney?

— Não, ele foi um conhecido criminoso de muito tempo atrás, tipo nos anos 1890 — esclareceu Dan. — Ele tem umas cicatrizes feionas no rosto. Ficou preso em Sydney e escapou para o Outback.

— Pra onde no Outback? — perguntou Shep. — É um lugar gigantesco. Milhares e milhares de quilômetros. — Ele ergueu as sobrancelhas. — A terra do Nunca Nunca.

Amy e Dan se entreolharam, perdidos. Eles não sabiam.

— Pelo jeito vocês não têm muita informação — disse Shep num tom gentil. — É assim mesmo que eu gosto. Desse jeito se descobre mais.

— Mas por onde a gente começa? — perguntou Amy.

— Bom, eu tenho um amigo que faz passeios no Outback, a partir do Red Centre — disse Shep. — Uluru, Coober Pedy, Alice Springs.

Dan e Amy não faziam ideia do que ele estava falando. Ele pescou o celular no bolso.

— Posso ligar pra ele e perguntar se sabe alguma coisa sobre esse tal Bob Troppo. — Ele discou um número e esperou, depois deu de ombros e desligou o celular. — Não atende. O Jeff não curte correio de voz. Mas alguma hora ele aparece.

Mas eles não tinham tempo para esperar essa hora chegar.

— Então — disse Dan. — Você tem um avião.

— Isso é muito legal — acrescentou Amy.

Shep deu risada.

— Peraí, to começando a entender — ele disse. — Vocês querem que eu leve vocês de avião pro Outback? Pra encontrar o meu amigo e ver o que conseguem descobrir?

— A gente não quer que você se sinta obrigado, nada disso — disse Amy, na defensiva.

— Na verdade nem foi tão ruim ter sido criado por uma tia malvada — brincou Dan. — Tirando aquelas vezes em que ela acorrentava a gente no porão.

Shep revirou os olhos, mas depois o humor desapareceu de seu rosto.

— Eu também não fui um tio muito bom pra vocês dois, não é mesmo?

— Desencana — disse Dan. Amy percebeu que, aos olhos de Dan, Shep era incapaz de errar.

Shep limpou a garganta. Ficou de pé e empilhou as canecas numa bandeja.

— Bom — ele disse —, pelo menos eu sei pilotar.

Dan comemorou com uma risada:

— Quer dizer que você topa? Você vai levar a gente, tipo uns mil quilômetros, só porque a gente pediu?

— Uns dois mil quilômetros. Bem-vindo à Austrália, meu chapa — disse Shep, sorrindo.

Ele sumiu assobiando dentro da casa.

Dan chegou mais perto de Amy:

— Bem que podia ter sido ele o nosso tutor. Em vez disso, ficamos com Beatrice, a Sanguinolenta. A vida é uma droga.

Nellie deu risada:

— Nem tudo é sorte, moleque. Enfim, agora vocês têm a mim: Nellie, a Espetacular.

O telefone de Nellie tocou, e ela estava sorrindo quando atendeu. Seu rosto mudou conforme ela ouvia. Ela cobriu o telefone com a mão e disse para Amy:

— É o Ian Kabra. Ele quer falar com você.

# CAPÍTULO 7

AMY SENTIU TODOS OS OLHOS EM CIMA DELA QUANDO PEGOU O telefone. Seu rosto ficou quente e ela virou de costas para que Dan não pudesse vê-la.

— O q-que você quer, Ian? — Ela odiava aquela gagueira. Apertando os lábios, prometeu a si mesma nunca mais gaguejar.

— Bom, não é um jeito muito simpático de cumprimentar — disse lan em seu sedoso sotaque britânico.

— Mas imagino que eu mereça.

— Você merece mais que isso — retrucou Amy.

— Eu sei. Fiz coisas terríveis com você. Mas estamos numa competição. Aprendi com meu pai que a única coisa que importa é vencer — disse Ian. — Ouço a voz dele na cabeça o tempo todo, como depois de uma partida de críquete. *Ian, não importa se você jogou bem. Você não percebeu que seu time perdeu? Se você está esperando um tapinha nas costas, não sou eu que vou dar!*

Amy sentiu um acesso de compaixão. Mas já tinha sido manipulada por Ian antes. Não ia cair naquela história outra vez. Por mais sincero que ele parecesse.

— Conta isso pro seu terapeuta.

— Olha, eu mereço tudo o que você está dizendo. Não estou ligando para conquistar sua confiança — continuou Ian. — Estou ligando porque tenho informações.

—Conta pra alguém que queira saber — rebateu Amy. Dan chegou mais perto para tentar ouvir o outro lado da conversa. Amy se afastou. — Você acha que eu vou...

— É sobre os seus pais — disse Ian. — Sobre a morte deles.

Amy gelou.

— Minha mãe me contou tudo. Eles foram assassinados.

Amy sentiu seus ouvidos zunirem. Não conseguia se concentrar. Continuava ouvindo apenas a palavra assassinados.

*Pais... assassinados... Pais... assassinados...*

— Amy? — Ela ouvia Ian falar, porém não conseguia entender o que ele estava dizendo.

De algum modo ela não soubera sempre daquilo? Lá no fundo, num lugar para onde tinha medo de olhar?

O incêndio... Grama molhada roçando nas pernas dela... Dan tremendo no seu colo... Fumaça e fogo sendo cuspidos no ar noturno...

O que era aquilo? A imagem surgira de repente em sua cabeça. Amy pôs os dedos na testa e apertou, tentando afugentar a imagem.

— ... queria falar com você sobre isso. Uma trégua temporária. Nós damos nossa palavra de que nada vai acontecer...

*Pais. Assassinados.*

— Você vem? — perguntou Ian.

— Diga o que você sabe. — Amy lutou para controlar o volume da voz. Seu coração batia forte nos ouvidos.

— Esse telefone não é seguro.

—O quê?

— Confie em mim. Não é seguro. Ouça, vou encontrar você num lugar aberto e cheio de gente: nos mercados em *The Rocks,* no cais Circular. Me encontre em frente ao Museu de Arte Contemporânea às 3 horas.

Amy não disse nada.

— Espero que você vá — disse Ian, e desligou.

— Então, o que esse mala disse? — perguntou Dan.

— O que ele queria que você fizesse dessa vez? Não, não fala. Você vai engolir tudo, não importa o que seja, não é? Oh, Ian — ele disse numa voz fina, tremendo os cílios —, me leve pra velejar no seu Barco do Amor...

Amy virou para ele, furiosa:

— Cala a boca, seu idiota! Ele só pediu pra me encontrar!

— Acho que estou pirando! — disse Dan, segurando a cabeça e balançando para a frente e para trás. — Minha irmã é uma alienígena apaixonada.

— DAN!

— Certo, vocês dois — disse Nellie. — Cada um para um canto. — Ela olhou preocupada para Amy. — Mas você não vai encontrar com ele, vai, Amy? Porque...

— Dá pra vocês dois pararem de me tratar como se eu fosse totalmente imbecil? — reclamou Amy.

— Bom, se a carapuça serve... — Dan murmurou. Amy enfiou as mãos nos bolsos. Precisava ficar sozinha e pensar. A ideia era complexa demais. Ela não conseguia nem mesmo começar a falar sobre aquilo. Ainda não.

*Pais. Assassinados.*

Amy virou e correu de volta para dentro da casa. Shep estava saindo bem naquela hora, chacoalhando as chaves do carro.

— Todo mundo pronto pra sair? Dá tempo de fazer um passeio rápido em Sydney, depois vamos ao mercado comprar um rango.

— Eu vou ficar por aqui — disse Amy, tentando manter a voz calma. — É a diferença de fuso horário. Preciso dar uma descansada.

Nellie olhou para ela com pena:

— Depois de cochilar um pouco, você vai se sentir melhor.

— Você vai sonhar com o Barco do Amor? — perguntou Dan.

— Fica na sua, moleque — Nellie disse a Dan. — Vamos dar um descanso pra Amy.

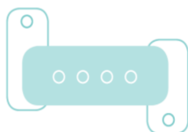
Eles foram embora, e Amy ficou sozinha com a voz de Ian na cabeça. Assassinados. Ele estaria mentindo? Ou sabia quem tinha matado os pais dela?

Amy se debruçou e respirou fundo. Alguém tinha matado seus pais. Alguém que ela provavelmente até conhecia.

Não se podia confiar nos Kabra.

Ela talvez estivesse caindo numa armadilha. Porém, não se importou.

Porque em sua mente ardia uma única pergunta: *Quem?*



O sol do fim de tarde ainda estava forte quando ela deixou o ponto de ônibus e andou em direção ao museu. O cais Circular era um lugar lotado de turistas. Ela ficou aliviada ao ver que estava cheio de gente e de movimento. Foi fácil se perder na multidão de transeuntes. Ela parou na primeira loja de coisas para turistas que encontrou e comprou um boné onde estava escrito OZ. Puxou a aba para cobrir o rosto, como se estivesse protegendo os olhos do sol forte da tarde.

Amy gostaria de ser um daqueles turistas com câmeras, passeando pelo labirinto de ruas e becos de pedrinhas. Aquela era uma das partes mais antigas de Sydney, e as lojas e cafés nas calçadas pelos quais ela passou pareciam tentadores. À frente, a espetacular ponte Harbour se curvava contra o céu de um azul vivo. Ela avistou pela primeira vez a famosa Ópera de Sydney, que olhava para ela como uma flor com pé- talas desabrochando. A música preenchia o ar. Toldos que imitavam o formato do telhado da Ópera protegiam mesas abarrotadas de peças de artesanato.

Mas ela não era turista. Seu passeio tinha um propósito. Quando parou para olhar a vitrine de uma loja, não foi para ver nenhum produto. Foi para conferir as pessoas ao redor dela no reflexo. Quando dobrou uma esquina e deu meia-volta, não foi porque tivesse errado a direção: foi para flagrar alguém que estivesse na sua cola. E quando ela inclinou a cabeça para admirar os prédios em volta, estava conferindo os telhados e algum possível reflexo de binóculos.

Quando Amy se convenceu de que não estava sendo seguida, começou a descer na direção do museu.

Desacelerou o passo e avançou com cuidado conforme chegava mais perto do porto. Estava 15 minutos adiantada. Queria ter tempo de conferir a área. Ficou escondida atrás de um portal, observando o fluxo de turistas. De vez em quando olhava o relógio, para parecer que estava esperando alguém.

De repente, ela sentiu a presença de uma pessoa atrás dela, meio perto demais:

— Que belo dia. Espero que você consiga aproveitá-lo.

Amy sentiu o medo se encrespar dentro dela ao som daquela voz áspera com sotaque russo. Ela tentou se afastar, mas havia um grupo de turistas bem na frente, discutindo em voz alta onde iam jantar. Ela sentiu algo se apertar contra suas costas.

— A propósito, as unhas estão carregadas.

Irina só precisava dobrar o dedo, e uma agulha cheia de veneno se cravaria no pescoço de Amy. Ela olhou ao redor desesperada, procurando um policial.

— Não seja estúpida. Ninguém pode ajudá-la. Agora ande.

Ela foi se afastando do porto, caminhando de volta pela rua. Seus olhos vasculhavam a área, à procura de uma saída. Será que ela conseguiria correr mais rápido que Trina? Talvez. Mas Trina estava tão grudada atrás dela que Amy sabia que seria impossível fugir sem levar uma agulhada.

— Não pense. Apenas ande. Nada de fazer gracinhas. Agora entre aqui. Entre. — Trina a forçou a entrar numa antiga construção de pedra. A porta estava destrancada e ela abriu com um empurrão. Irina entrou colada atrás dela e fechou a porta.

Elas estavam num velho bar. O balcão curvo de madeira se estendia por todo o salão. A luz fraca mostrava o brilho de âmbar em garrafas ainda enfileiradas numa prateleira. Porém, teias de aranha pendiam do teto, e a poeira que Irina e Amy haviam levantado rodopiava à luz oblíqua do sol.

— Por aqui — mostrou Irina, cutucando Amy em direção a uma pequena porta nos fundos.

O medo se espalhou dentro de Amy. Ela tinha visto o olhar intenso e vazio nos olhos de Irina na Igreja sobre o Sangue. Por muito pouco Trina não matara Amy e Dan naquela noite escura.

— Não — Amy retrucou.

— Empurre a porta, por favor — pediu Trina. Quando Amy hesitou, Irina esticou a perna e abriu a porta com um chute. Ela deu um leve empurrão em Amy. — Se eu fosse te matar, já poderia ter feito isso dez vezes. Precisamos conversar em particular, longe dos Kabra. Se você não aparecer na hora, eles virão procurá-la. Então, entre.

Amy viu que estava num grande depósito. Havia latas enormes de feijão cozido e de tomates nas prateleiras.

— Vamos fazer compras? — ela perguntou, caço- ando. Ela precisava atacar, mostrar a Irina que não estava paralisada de medo. Muito embora estivesse.

— Você já devia ter percebido que eu não entendo piadas. — Irina a empurrou até o fundo do depósito. Havia uma porta menor na grossa parede de pedra, feita de madeira velha com rachaduras fundas e compridas. Trina tirou do bolso uma grande chave de ferro

a enfiou na fechadura. Ela abriu a porta. Amy só enxergou a escuridão.

— Agora vou mostrar um pedaço especial da história da Austrália — Trina a cutucou nas costas. Amy sentiu a ponta afiada de sua unha. — Entre.

# CAPÍTULO 8

UMA LANTERNINHA MINÚSCULA ILUMINOU UMA ESCADARIA PODRE. A porta se fechou com um estrondo atrás delas.

— Talvez a gente encontre um ou outro rato — disse Irina. — Tirando isso, é totalmente seguro.

— Não se preocupe — falou Amy. — Estou acostumada com ratos. Na minha família tem um monte.

— Comediante como o seu irmão, não é? — disse Irina. — Este túnel era usado nos anos 1800. Se um vagabundo entrasse num bar e bebesse rum demais, na manhã seguinte acordava num navio a caminho do alto-mar. Era levado para o porto pelo túnel.

Elas chegaram à base da escada. O chão era de terra, as paredes eram de pedra esfacelada. Amy não enxergava o que estava à frente.

— A-aonde você está me levando? — Ela odiava aquela vacilação na própria voz. Não ia deixar acontecer de novo.

— Rá! — Irina latiu a exclamação sem humor. — Você acha que estou sequestrando você? Estou salvando você. Eu não me rebaixaria a tanto.

— Ah, não? — disse Amy. — Achei que você fosse do tipo sem limites.

— Isso é uma piada? Enfim, é verdade que não há nada que eu não faria para vencer. Mas hoje, Amy Cahill, estou lhe fazendo um favor. Você está

precisando de um conselho que vou lhe dar. É o seguinte: você tem medo de tudo, exceto do que deveria temer.

— Valeu — ironizou Amy. — Isso ajudou muito.

— Por exemplo, agora mesmo você está com medo de mim. É compreensível, eu sou sua inimiga. Mas neste momento, eu sou o menor dos seus problemas.

— É mesmo? — disse Amy. — Que estranho. Considerando que estou num túnel cheio de ratos e que você acaba de me ameaçar com veneno.

— Tem mais uma coisa que preciso lhe dizer: você não lembra o que jamais deveria esquecer.

— Isso realmente esclarece tudo.

— Continue, pode rir da minha cara. Mas, antes de nos separarmos, você precisa entender que o que você não sabe vai destruir você. E o mundo.

— Meio exagerada você, né? — De algum modo, provocar Irina mantinha o medo de Amy sob controle.

— Não. — Irina virou-se, ficando de frente para Amy. No escuro, ela estava muito próxima. — Ouça aqui, Amy Cahill. É hora de você levantar a cabeça e olhar em volta. As 39 pistas são como um jogo para o seu irmão, certo?

Amy foi subjugada pelo olhar feroz de Irina. Seus olhos, mesmo sob o brilho fraco da lanterninha, eram de um azul gelado, e os cílios eram de um negro impressionante em contraste com eles. Ela não podia discordar do que Irina dissera. Em vários aspectos, a busca pelas pistas era mesmo um jogo para Dan.

— Mas você é mais esperta. É por isso que me arrisco tanto para falar com você. Seus pais morreram por causa disto. Você acha que eles queriam partir?

— Não fale dos meus pais! — Amy teria tapado os ouvidos com as mãos se não tivesse medo de parecer infantil.

— Nenhum pai jamais ia querer abandonar um filho. Você acha que eles deixariam seus queridos filhos por causa de um jogo?

— Pare com isso!

— Você acha que sua mãe deixou você sozinha e correu de volta para uma casa em chamas só por causa do marido dela?

Amy olhou para Irina, assustada. Congelada.

— Como você sabe o que aconteceu? — ela sussurrou.

Irina deu de ombros:

— Pelos jornais, é claro. Mas talvez não. Só você sabe com certeza. Porque você sabe quem estava lá naquela noite. Você já tinha idade bastante para ver. Você não quer acreditar no que um Cahill diz, e isso é esperto da sua parte. Cada um de nós tem seus planos. Então você precisa se lembrar.

— Não me lembro de nada daquela noite — disse Amy. Mas alguma coisa se desprendeu e veio à tona dentro de seu cérebro, grama fria, cinzas voando, uma janela estilhaçada, Dan chorando...

— Vocês têm sido criativos, isso eu admito — disse Irina. — Você e seu irmão pensam rápido. Mas chega uma hora em que é preciso pensar mais profundamente. Você precisa enfrentar o que não quer enfrentar. Enquanto não conseguir fazer isso, você será vulnerável.

— A quê?

— A alguém que lhe diga o que você quer ouvir — respondeu Irina. — Então pergunto outra vez, O que aconteceu na noite do incêndio?

*Ela estava sufocando com a toalha fria e molhada que a mamãe usava para tapar sua boca. A mamãe segurava a mão dela com tanta força. Ela ouvia as chamas, mas não enxergava. Era tudo fumaça. Dan chorava nos braços da mamãe.*

— Não lembro! Eu era criança! — O medo arrancou as palavras da garganta de Amy. Ela estava ficando tonta e enjoada com aquelas visões.

— É estranho — Irina falou, com o olhar de repente desfocado. — Lembro com tanta clareza de quando eu tinha 7 anos. O dia em que me perdi da minha mãe nas ruas de São Petersburgo... Lembro-me do casaco que estava vestindo, dos meus sapatos, da cor exata do rio, o olhar no rosto dela quando me encontrou...

— Bom pra você — disse Amy, engolindo saliva.

— Alguém visitou sua casa aquela noite? — perguntou Irina. — Você ouviu alguma coisa? Sua mãe subiu a escada para buscar você? Como você saiu da casa?

— Pare!

*Eles lutaram para descer a escada. O pai estava no estúdio, jogando livros no chão.*

— Tire as crianças daqui! — ele gritou.

— Papai! — ela gritou. Ela estendeu os braços e o pai parou por um instante.

— Meu anjo — ele disse —, vai com a mamãe.

— *Não! — Ela fungava enquanto a mãe a puxava para longe. — Não! Papai!*

— Não — Amy sussurrou. — Não.

— Nós empurramos as más lembranças para longe — disse Irina. Uma tristeza sombria amorteceu sua voz. — Dizemos a nós mesmos que é melhor não lembrar. Não é melhor. É melhor lembrar de tudo, até da dor.

— O que você quer de mim?

O olhar de Irina retomou sua objetividade cintilante:

— Vamos. O tempo está acabando. Este lugar pertence aos Lucian. Se nós duas sumirmos, Isabel não vai demorar muito para procurar aqui.

Elas começaram a andar outra vez. Amy achou que a luz estava ficando mais cinza. Será que elas estavam chegando ao fim do túnel? Amy estava pronta para correr, caso estivessem. Sentiu alguma coisa passar rastejando e deu um pulo.

— É só um rato — Irina disse. — Mais um parente nosso, não é? E é um rato que vai encher seus ouvidos de mentiras.

— Pare com isso! — exclamou Amy. — Se você não vai me matar nem me sequestrar, o mínimo que pode fazer é falar direito.

Elas tinham alcançado a porta.

— Certo, vou falar direito. Isabel marcou uma reunião, não é?

— Foi o Ian.

Irina fez um gesto de desprezo:

— Ian é o chamariz. Ela acha que você é burra o bastante para ir correndo se ele pedir. Ela o escolheu para sacudir a isca. Isabel sabe que você irá se quiser descobrir quem matou seus pais.

— Ela sabe quem os matou?

Irina ergueu um dos ombros:

— Essa é a pergunta errada. A pergunta certa é: será que ela vai dizer a verdade? É claro que não. Ela vai contar uma mentira para amolecer você. A mentira vai parecer verdade. Então ela vai oferecer um acordo.

— E você acha que eu sou burra de acreditar no que ela vai dizer.

Irina levantou o dedo:

— *Niet,* não burra. Você está aqui comigo agora porque eu sei que você é esperta. Você deve saber que, se Isabel não conseguir o que quer, ela talvez não seja... razoável. Haverá consequências ruins se você recusar o acordo.

— Então o que você quer que eu faça? — perguntou Amy.

— Não vá. Você não precisa da versão dela daquela noite. Você tem sua própria versão. É só procurar dentro de você. — Irina pôs a mão na porta. — Aqui dá para uma rua a três quarteirões do porto. Não há vigilância. Você pode pegar um ônibus ou um táxi bem em frente. Volte para onde quer que esteja hospedada.

— Por que eu deveria fazer isso?

Irina suspirou:

— Porque você precisa temer a coisa certa, como eu disse no começo. Você acha que a pessoa que matou seus pais iria hesitar em matar você também?

— Não acredito em nada do que você está falando — retrucou Amy. — Acho que você está tentando me manipular e me assustar.

O olhar de Trina incendiou-se de raiva ou de exasperação, Amy não soube ao certo.

— Garotinha acorde. Você deveria estar assustada. — Ela hesitou. — E se eu lhe der uma pista para provar que estou falando a verdade. Que tal?

— Qual é a pegadinha?

— Não tem pegadinha — disse Irina, impaciente. Ouça. Mais cedo ou mais tarde vocês vão achar uma dica que aponta para o metrô de Nova York. A pista está escondida lá, no azulejo de um mural. Estação da rua 17 na linha 6 do metrô. Eu sei o que você vai dizer... Trina, a linha 6 não passa na rua 17. Mas é por isso que a pista é tão difícil de achar. Um raminho de alecrim.

— Por que eu deveria acreditar em você?

Irina deu de ombros.

— São 39 pistas, eu dou uma de graça. E daí? Não tem nada de mais. Isso vale a pena se você confiar em mim.

— Eu nunca confiaria em você, nem em um milhão de anos — disse Amy.

— Não estou pedindo um milhão de anos. Nem nunca. Nem para sempre — retrucou Trina. — Só estou pedindo um dia. Hoje.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Amy. Se essa pista for verdadeira, você acabou de trair o seu clã.

Irina recuou:

— O que estou fazendo é justamente pelo meu clã. Algum dia espero que isso fique claro. — Ela destrancou a porta e abriu com um empurrão. — Vire à direita no final do beco. Vá.

As pernas de Amy tremiam quando ela saiu. Ela estava num beco escuro e estreito. À frente via a luz do sol e o trânsito, um táxi que passava devagar. Quando alcançou a rua, olhou atrás de si. Irina tinha sumido.

Será que Irina a deixara mesmo ir embora?

Ela hesitou. Por que deveria confiar em Trina? De repente, Amy ficou paralisada de medo. Seus pais tinham sido assassinados. Aquilo tudo era muito real. Será que naquele exato instante alguém a observava? Se Trina tinha mentido, também tinha preparado uma armadilha. Se Amy pegasse um táxi ou um ônibus, alguém a seguiria direto para a casa de Shep. Irina dissera onde quer que esteja hospedada. Eles ainda não sabiam.

Mas se Trina não tivesse mentido, Amy estava entrando na armadilha de Isabel.

As pessoas estavam começando a olhar para ela com curiosidade. Será que seu atordoamento estava tão na cara? Ela se obrigou a andar. Quando chegou à esquina, viu que estava a quarteirões de distância do museu. Uma balsa atravessava a água, passando embaixo da ponte Harbour.

Talvez fosse sua chance de fugir. Ninguém esperaria que ela fosse embora pela água.

Ela viu a balsa entrando no porto. Amy estava a quarteirões de distância do museu. Podia facilmente se misturar à multidão e embarcar.

A toda velocidade, ela correu na direção do embarcadouro da balsa. Passageiros andavam em fila pela passarela. Ela chegaria lá rapidinho.

Amy alcançou o cais e se pôs a correr. De repente, uma lancha passou em alta velocidade na frente da balsa parada e veio direto para o cais. No último instante, o motor parou e a lancha ficou oscilando a poucos centímetros de distância. O menino que estava na proa desceu e pulou na frente dela.

— Aí está você! — disse Ian.

Isabel acenou do convés:

— Amy! Embarque aqui!

Amy olhou de relance para trás. Trina estava de pé na ponta do cais, bloqueando o caminho de volta para The Rocks. Ela usava óculos de sol, e Amy não conseguia ler a expressão em seu rosto.

Amy sentiu-se uma tonta. Irina tinha planejado aquilo. Provavelmente estivera atrás dela o caminho inteiro e mandara uma mensagem de rádio para Isabel.

Ian tomou o braço dela.

— Fico feliz que você tenha vindo — ele disse em voz baixa. — Temos muita coisa para conversar.

Isabel acenou do volante da lancha:

— Não está um lindo dia?

Amy sabia que não tinha escolha. Caíra direitinho na armadilha. Soltou-se do braço de Ian e embarcou na lancha.

# CAPÍTULO 9

— SENTE-SE, AMY — ISABEL DISSE, APONTANDO PARA O BANCO comprido com almofadas na popa da lancha. Ela vestia roupas casuais, uma camiseta listrada e uma elegante calça branca com tênis brancos. — Vamos dar uma voltinha no porto, e depois vou lhe mostrar uma enseada linda. Devolvo você em 45 minutos. Prometo!

— Acho que... — O resto da frase de Amy foi abafado quando Isabel deu partida no motor. A lancha afastou-se do cais em disparada, passando bem rente à balsa que agora apitava. Amy tapou os ouvidos com as mãos.

— Oops, desculpinha! — Isabel deu risada enquanto virava o volante e pulava por cima da esteira de outro barco. As ondas batiam no casco. — Vamos fugir desse trânsito. Não se preocupe, Amy, sou uma capitã experiente.

— Minha mãe tem um barco na nossa casa nas Bahamas — Ian gritou no ouvido de Amy. — Ela já participou de corridas. Não precisa ficar apreensiva.

Amy ouviu em sua mente Dan imitar o sotaque britânico de Ian, seu vocabulário formal. Ela queria que o irmão estivesse ali para tirar sarro de Ian. Qualquer coisa que acabasse com aquele medo em seu estômago.

Ela tinha passado tanto tempo temendo a sombria e incolor Irina e a ameaçadora família Holt que aquele novo tipo de vilão não fazia sentido. Isabel parecia uma modelo. Seus olhos brilhavam e seu sorriso era generoso e cálido. Ela era uma das mulheres mais bonitas que Amy já tinha visto. Isabel

estava empoleirada na cadeira do capitão, balançando alegremente seus tênis brancos. Perigosa? Não parecia possível. Era só mais uma mentira de Irina.

Diante deles um caminho se abria na água. Amy cerrou os dentes com força quando o barco deu uma arrancada alucinante. Ela sentiu a proa se levantar da água. Eles cruzaram o porto numa velocidade que Amy considerou apavorante.

— Assim é bem melhor! — gritou Isabel. Quando ela se virou, seus olhos estavam brilhando de entusiasmo. — Você não adora isso?

— ADORO! — Ian gritou, mas Amy percebeu que ele estava agarrado na amurada.

A lancha se chocou contra as ondas quando eles entraram numa parte mais agitada do porto. Amy pulava para cima e para baixo, tentando continuar sentada. O vento jogava seu cabelo nos olhos.

Por fim, quando Amy achava que seus ossos iam se desintegrar e virar pó depois de tantas batidas na água, Isabel reduziu a velocidade e entrou numa bela enseada. Amy viu uma praia branca em forma de ferradura. Avistou umas poucas pessoas espalhadas na areia e alguns banhistas além da arrebentação. Ela relaxou. Antes estava com medo de que Isabel a levasse para algum lugar totalmente isolado ou em alto-mar.

Se ela precisasse, dali podia pular da lancha e nadar até a praia.

A lancha oscilava de leve nas ondas. Isabel atravessou o convés e sentou-se numa espreguiçadeira, voltada para Ian e Amy. Ela segurou as mãos dos dois.

— Agora, vocês dois — ela disse. — Chega de implicância. Vocês estão aqui para fazer as pazes.

Amy olhou incrédula para ela. *Implicância?* Obviamente a mamãe Kabra não fazia a mínima ideia das tendências homicidas do filho.

Amy retirou a mão da de Isabel.

— Não vim aqui fazer as pazes com o Ian — ela disse num tom firme. Ficou aliviada por sua voz ter saído com tanta força. — Vim aqui porque ele me disse que meus pais foram assassinados.

— Bem direto ao ponto, não é mesmo? — Isabel soltou a mão de Ian. — Eu admiro isso! Então está bem. Vou lhe contar umas coisas em caráter

confidencial e espero que você respeite isso. Eu não vim para a Austrália só para buscar meus queridos filhos. — Isabel parou. — Existe um agente duplo no clã dos Lucian. Acreditamos que esse agente duplo vem atuando faz algum tempo. Está sempre frustrando nossos planos.

*Nataliya,* pensou Amy. Ela tinha mandado Amy e Dan para a Rússia. Era uma Lucian, porém os ajudara a conseguir uma pista.

— Ficamos nos perguntando onde essa pessoa estava conseguindo informações, recursos. E então nos demos conta. Os Madrigal. Um dos nossos se juntou a eles.

Amy não acreditou naquilo. Se Isabel estava se referindo a Nataliya, só podia estar enganada.

— O que é que eu tenho a ver com isso? — Amy perguntou.

— Eu acredito... nós acreditamos, nossos membros do mais alto escalão... que essa pessoa, esse espião, esse agente duplo, junto com os Madrigal... assassinou os seus pais.

*Não*. Isabel com certeza não estava se referindo a Nataliya. Era outra pessoa. Nataliya tinha se arriscado tanto para ajudá-los.

— Como você sabe? — ela perguntou, engolindo a seco.

— O incêndio foi proposital. Foi uma armação muito inteligente — Isabel disse. — Nós mesmos investigamos. Lamento deixá-la chocada, Amy, mas você precisa aceitar esse fato. Precisa entender o que está enfrentando. Os Madrigal não têm escrúpulos.

— Por que eu deveria acreditar em você? — contestou Amy. Por que ela deveria acreditar em qualquer pessoa?

A voz de Isabel era suave:

— Porque eu era próxima dos seus pais, esse é um motivo. Eu chorei a morte deles. Quando percebi que o espião Lucian estava aliado aos Madrigal, decidi que precisava me envolver na busca. Chamei Ian e Natalie de volta. Quero uma aliança com você e Dan. Vou ajudá-los a levar esse assassino à justiça.

— Quem é ele? — Amy perguntou, com dificuldade.

— Não só vou ajudar você e seu irmão — disse Isabel, ignorando a pergunta de Amy — como também todos os recursos dos Lucian ficarão à

disposição de vocês. Informações. Bases secretas. Dinheiro. Vamos compartilhar as pistas e venceremos juntos.

— Chega de falar das pistas. *Quem matou meus pais?*

— Irina Spasky.

O sol estava se pondo no céu, manchando de cor-de-rosa a água azul. O clarão atrás de Isabel deixava seu rosto ensombrecido, apagando seus traços. A luz parecia irradiar como fogo ao seu redor. Amy sentiu uma tontura.

Era aquela a advertência que Trina fizera. A mentira vai parecer verdade. Mas era mesmo uma mentira? Ou Trina apenas queria que Amy pensasse que era?

— Meu marido e eu conhecemos Irina quando éramos adolescentes — disse Isabel. — Eu vi a transformação dela, de acadêmica idealista em assassina calculista. Mas nunca sonhei que ela fosse atacar os próprios parentes. A busca pelas pistas é para ela como uma fome insaciável. Essa busca a corrompeu. Sinto muito, Amy. Isso com certeza não é fácil de ouvir. Mas você tinha que saber quem matou seus pais.

E Isabel parecia sentir muito. Seus olhos brilhantes, da cor de mel escuro, estavam cheios de compaixão.

— Se juntarmos nossas forças, poderemos derrotá-lo — Isabel disse. — Poderemos expô-la. É disso que ela tem medo, mais que qualquer outra coisa. Os Madrigal... são eles que mudam o jogo. O que sabemos sobre eles? Só que estão decididos a destruir todos os clãs dos Cahill... E no entanto ninguém sabe quem ou o que eles são. Suspeitamos que o grupo foi formado por membros renegados da família Cahill centenas de anos atrás e que sua meta é destruir a família inteira. Era de pensar que os clãs se uniriam contra eles. Mas, em todos esses anos, os clãs não conseguiram formar uma aliança, mesmo contra um inimigo comum. Até agora. — Isabel juntou as mãos. — O futuro está nas nossas mãos, Amy. Podemos achar as 39 pistas e você pode vingar seus pais. Isso se trabalharmos juntos.

— Não entendo o que você ganha com isso — disse Amy.

— Seu cérebro. Os instintos do seu irmão. Você tem que admitir que vocês superaram até os meus filhos. E lembre-se de uma coisa, Amy... talvez você já seja uma Lucian. Grace escolheu não firmar alianças. A mim você

parece bastante Lucian — disse Isabel. Sua voz era baixa e rouca, quente. Ela abriu os braços. — Então isso talvez seja apenas... voltar para casa. Mais uma coisa que oferecemos, a mais importante de todas. Proteção. Irina tem truques na manga, eu garanto. E os Madrigal não têm escrúpulos.

Será que Amy estivera no túnel com a assassina de seus pais? Ela pensou outra vez no olhar de Irina quando as duas discutiram na cripta da igreja. Ela sabia que Irina era capaz de coisas terríveis...

A não ser que... Irina tivesse dito a verdade, e era Isabel quem estava mentindo. Amy sentiu o estômago embrulhar.

*Não confie em ninguém,* dissera o senhor Mclntyre. Pela primeira vez, Amy realmente entendia o que aquelas palavras significavam. O que estava em jogo era tão maior do que ela pensara. As mentiras iam muito mais fundo. Iam até o coração dela.

— O que você me diz, Amy? — Isabel olhou preocupada para ela. — Odeio despejar tudo isso ao mesmo tempo em cima de você, mas você precisa acelerar o passo, e logo, se quiser sobreviver.

Por que Isabel presumia que Amy acreditaria nela? Talvez porque lan a enganara com tanta facilidade? Ela desviou o olhar para ele. Ele tinha os olhos fixos na mãe, seu belo perfil voltado para Amy. Ele mal dissera uma palavra na lancha. Não tinha nem olhado nos olhos dela, nem mesmo uma vez.

Ele mentira para ela infinitas vezes. Será que tinha contado para a mãe como Amy era ingênua?

Isso não importava, Amy pensou. Se aquilo fosse verdade, então ela e Dan descobririam o que fazer a respeito. Juntos. Eles eram uma equipe. Tinham chegado até ali.

Amy levantou o queixo:

— Dan e eu podemos cuidar dos nossos próprios problemas. Então obrigada, mas não.

O rosto de Isabel tingiu-se de um leve vermelho. Amy notou que ela estava suando um pouco acima do lábio.

— Você precisa ter certeza — Isabel disse numa voz firme. — Não posso fazer esta oferta outra vez.

— Minha resposta é definitiva — disse Amy.

Isabel parou por uma fração de segundo. Então sorriu:

— Eu entendo. Vou levar você de volta.

Isabel ficou de pé e foi até a amurada:

— Mas, primeiro, vamos parar um pouquinho para admirar esta linda enseada. A Austrália tem as praias mais belas do mundo, você não concorda? É claro que é preciso tomar cuidado com as marés de retorno, as caravelas e os tubarões, mas qual é a chance de um deles achar você? Os ataques de tubarão, na verdade, são bastante raros. Eu acho os tubarões bonitos. O grande tubarão-branco é uma máquina que procura comida o tempo todo. Tem um único objetivo na vida e sabe exatamente qual é ele e o que fazer para consegui-lo. Pode arrancar seu braço ou sua perna com uma única mordida, mas você não pode culpar o tubarão. E então quando o sangue começa a tingir a água, que mais ele pode fazer senão continuar comendo?

— Mãe, por favor... — Ian começou a dizer, mas Isabel falou mais alto que ele.

— Você já entrou numa jaula de tubarão? Eu já. Olhei nos olhos de um, e é como olhar para a própria morte.

Isabel andou até um compartimento do outro lado do convés. Ela abriu a tampa e içou um grande balde branco. Amy viu os músculos de seus braços saltarem enquanto ela erguia o balde e o carregava até a amurada. Com uma concha, ela começou a despejar alguma coisa na água.

O cheiro atingiu o nariz de Amy no mesmo instante em que ela se deu conta. Isabel estava jogando pedaços de peixe na água. Amy viu os pedações brancos e viscosos, os restos cobertos de sangue. Ouviu o splash quando meio peixe ensanguentado atingiu a água.

Ela sentiu Ian ficar tenso ao seu lado. As mãos dele agarraram a beirada da almofada do assento.

Isabel não olhou para Amy. Estava sorrindo para si mesma enquanto servia com a concha o ensopado macabro.

Amy olhou para a água azul e tranquila. Viu a barbatana, que se movia de um lado para o outro numa linha, a poucos metros da lancha. Depois viu outra, mais longe. Os tubarões deviam ter sentido o cheiro do sangue. Agora estavam avançando, vindo na direção da lancha.

Isabel endireitou o corpo. Foi até uma prateleira perto do volante e aplicou nas mãos uma porção de gel bactericida. Depois esfregou as mãos com vigor.

— Então está bem — ela disse animadamente. — Por que você não me conta todas as pistas que você e seu irmão juntaram? Ou prefere nadar um pouquinho?

# CAPÍTULO 10

NÃO HAVIA INDÍCIO DE CRUELDADE NO ROSTO DE ISABEL. ESSE ERA O detalhe mais assustador de todos. Ela continuava com o mesmo sorriso radiante.

— Você está louca? — perguntou Amy.

Entretanto Isabel não parecia louca. Agora Amy enxergava a frieza por trás do calor.

— Não vai precisar de maiô — Isabel disse. — Afinal, depois de alguns segundos, isso não vai fazer diferença. Ou alguns minutos. Os tubarões talvez comam primeiro os pedaços de peixe, mas logo vai chegar sua vez. — Ela deu um leve chute no balde com o tênis branco. E ainda sobrou bastante. Mas então? O que me diz? Vai nadar ou vai falar?

— Não vou pular nessa água — Amy respondeu. Ela se levantou e foi até o outro lado da lancha.

— Bom, se você não quer fazer isso sozinha, posso jogá-la — ameaçou Isabel. — Falo até um "lá vamos nós". Sou treinada em artes marciais. Isso não vai ser problema. Ian pode ajudar.

— Mãe? — a voz de lan vacilou um pouco.

Ela virou-se para ele com um olhar feroz. Sua voz era como uma faca cortando vidro:

— Não me chame de mãe! Quantas vezes vou ter que lembrar isso a você? Me faz parecer velha! — Ela recuperou a compostura e deu de ombros para Amy. — Enfim, meu filho preguiçoso e covarde talvez não me dê uma mãozinha. Mas não preciso.

Ela avançou na direção de Amy, que recuou até atingir a amurada. Não havia para onde ir, a não ser a água.

— Amy e Dan, os pequerruchos — ela ironizou. — Quem diria que eles iam achar um jeito de viajar pelo mundo? Paris, Moscou, Veneza, Seul, Karachi. Vocês armaram um pandemônio na base secreta dos Lucian.

*Karachi?* Amy pensou em meio ao pânico. Ela e Dan não tinham ido a Karachi.

— Quem ajudou vocês na Rússia? Quantas pistas vocês acharam? — Isabel plantou seus braços musculosos na amurada, um de cada lado de Amy. De perto, Amy viu a perfeição sinistra de sua pele, o brilho cruel em seus olhos dourados e escuros.

— Jogue mais alguns peixes na água — Isabel ladrou para Ian.

Ian não se mexeu.

— AGORA!

Ian se levantou e andou na direção do balde. O coração de Amy batia com força, ela não conseguia recuperar o fôlego. Isabel não estava mais prendendo Amy contra a amurada, mas estava perto e pronta para dar o bote. Amy se perguntou que chance teria se corresse até a proa e pulasse na água. Se nadasse o mais rápido possível, será que conseguiria chegar muito longe antes que um tubarão arrancasse um pedaço dela?

Isabel virou-se impaciente para Ian, e Amy viu alguma coisa com o canto do olho. Um grupo de manchas coloridas no céu acima do ombro de Isabel. Laranja, roxo, rosa: parapentes listrados sobrevoando a praia.

O parapente vermelho e laranja avançava mais rápido que os outros. Cortou o céu com agilidade, fazendo um grande círculo sobre a água. Amy percebeu que ele estava pegando correntes de vento, chegando cada vez mais perto da lancha. Ela viu um par de robustas pernas brancas dependuradas. Mãos carnudas nos controles.

Hamilton!

Amy não fez nenhum gesto que indicasse o que estava prestes a se abater sobre eles. Isabel mandou Ian se apressar. As barbatanas dos tubarões cercavam o barco.

Amy ficou tensa quando Hamilton pegou uma corrente descendente. Ele tapou o sol por um instante. Isabel olhou para cima, protegendo os olhos com a mão, enquanto ele descia depressa.

— Vamos! — ele gritou para Amy. Ela pulou em cima do banco com almofadas e agarrou os tornozelos dele.

— Uhu! — Hamilton gritou enquanto Amy recolhia as pernas e segurava firme.

Isabel deu um grito de fúria e tentou agarrar as pernas de Amy. Hamilton manobrou o parapente para longe. Deu uma guinada para a esquerda, e Isabel pulou e agarrou o vazio. Ao mesmo tempo, Amy deu um chute violento no balde. Ele virou, derramando tripas e sangue de peixe por todo o convés. Isabel escorregou e caiu bem em cima da meleca. Sangue e tripas sujaram seus tênis imaculados e sua calça branca. Ela deu um grito.

— Mandou bem, Amy! — comemorou Hamilton.

Porém uma lufada de vento fez os dois penderem para o lado, e Isabel conseguiu agarrar o tornozelo de Amy com a mão melada de sangue e peixe. Amy gritou e chutou.

— Uou! — exclamou Hamilton quando o parapente se inclinou.

Isabel escorregou e caiu outra vez em cima dos restos de peixe. Amy recolheu as pernas de novo enquanto eles voavam por cima da amurada da lancha. Ela agora estava quase encostando na água. A poucos centímetros abaixo da superfície, via o borrão escuro do tubarão.

— H-Hamilton...

— Segura aí! — ele gritou.

O tênis de Amy deslizava na superfície. O tubarão deu meia-volta.

— HAMILTON!

— Fica sossegada! Esse brinquedinho tem motor!

— Então USE!

Ele deu partida no motor. O parapente ergueu-se a alguns centímetros da água. Os dois continuaram deslizando, subindo cada vez mais alto. Em pouco tempo estavam sobrevoando a baía.

— Beleza! — Hamilton gritou. — Acho que agora peguei a manha...

Os braços de Amy começaram a doer.

— Hamilton, não vou conseguir segurar! — ela gritou. Se ela caísse daquela altura, não achava que iria sobreviver.

— Não esquenta — Hamilton falou.

Com suas pernas potentes, ele simplesmente dobrou os joelhos e puxou Amy para cima.

— Segura no cinto — ele mandou. Amy agarrou a barra do parapente, e eles se inclinaram para o lado.

— Caramba — Hamilton disse para o parapente, corrigindo o movimento. — Essa foi meio perto demais. Foi mal. É a primeira vez que eu piloto este troço.

— E você desceu pra me salvar? Não teve medo?

— Os Holt não sentem medo — respondeu Hamilton. — Você não sabia disso?

Os outros parapentistas estavam agora voando alto, na direção deles. Ela viu o rosto vermelho de Eisenhower. Ele estava gritando alguma coisa.

— O que seu pai está falando? — perguntou Amy.

— Não sei respondeu Hamilton. — Eu desliguei meu rádio. Ele provavelmente quer que eu pouse para a gente poder interrogar você. Ele não faz ideia de por que vocês estão na Austrália. Isso está deixando o velho maluquinho. Mas você cumpriu o trato e me deu aquela pista. Por isso, eu te devo uma.

Ele voou até a outra ponta da praia, perto da água rasa.

— Tem uma estrada no final da praia — ele explicou. — Você pode voltar por lá.

— Agora parece que eu te devo uma — disse Amy.

— Deve mesmo. Um dia eu cobro. Não se esqueça do Hammer. A brigada Holt está atrás daquele morro, por isso eles não vão te ver se você

correr depressa. Dobre os joelhos quando pular e corra que nem um furacão. Eu vou decolar de novo.

Ele fez uma descida suave com o parapente.

— Agora! — ele gritou, e Amy se soltou.

Ela dobrou os joelhos antes de cair na areia macia e saiu correndo. Hamilton subiu, pegando uma corrente ascendente, e em pouco tempo estava lá em cima, sobrevoando Amy.

Suas pernas tremiam, mas ela conseguiu correr pela estrada. Ela afrouxou o passo quando teve certeza de que estava em segurança. Tentou não pensar nos tubarões e na água ensanguentada.

Enfiando as mãos trêmulas nos bolsos, Amy começou a andar. Foi bombardeada por imagens: fogo, sangue, tubarões, a boca de Isabel com batom nos lábios, como uma cicatriz. O sol em volta da cabeça de Isabel parecia fogo...

*Grama úmida roçando em suas pernas fluas. Fumaça. Fogo. A mãe de Amy debruçando-se sobre ela, com as mãos em seu rosto...*

Amy sacudiu a cabeça com força. Não tinha que lembrar! Não queria lembrar! As imagens a deixavam zonza, enjoada e apavorada.

*Você não lembra o que jamais deveria esquecer.*

Mas e se ela não quisesse lembrar? E se quisesse deixar as lembranças trancadas para sempre?

# CAPÍTULO 11

MAMÃE NÃO ESTAVA CONTENTE.

Isso nunca era bom.

Contudo, daquela vez, era a azeda da Irina Spasky quem ia levar a bronca. Isso era legal.

Natalie manteve a postura ereta, embora isso fosse difícil naquele sofá cheio de almofadas. Ela não parava de deslizar para a frente no cetim escorregadio. Mas mamãe sempre conferia sua postura, mesmo se estivesse esbravejando com alguém.

Ian sentou-se ao lado da irmã. Ele voltara do mar enjoado. Seu rosto estava verde como a nova bolsa Prada chartreuse de Natalie.

— Isso é culpa sua. — A voz de Isabel assumira o tom frio e preciso que Ian e Natalie secretamente chamavam de bisturi. Era uma voz que abria um corte e deixava sangrar. Isabel andava de um lado para o outro na frente de Irina, com sapatos de salto alto que deixavam marcas no carpete grosso da suíte de hotel. A pesada pulseira de amuletos chacoalhava com sua agitação. — Precisei ficar de molho uma hora para tirar aquele cheiro de mim. Tive que jogar fora o modelito inteiro. E era Chanel!

Natalie tremeu. Nada era pior que perder uma peça de alta-costura.

— E isso sem falar que a menina escapou! — Isabel pôs a mão no pescoço, onde o colar de jade de Amy brilhava em contraste com seu vestido branco sem mangas. Natalie não entendia por que a mãe estava com aquilo quando podia estar usando diamantes.

— Sinto muito, mas não entendo por que isso é minha culpa — disse Irina. — Lembrete: eu não estava no barco.

Ian se endireitou ao lado dela e Natalie olhou fixo para Irina, fascinada. Será que ela não sabia como lidar com Isabel quando ela estava brava? Era preciso concordar com tudo o que ela dizia e pedir desculpas, por mais injustas que fossem as acusações. Quem não fizesse isso estava frito.

Isabel virou de costas e se aproximou dela. Natalie conhecia aquele olhar. Irina ia aprender com quem estava lidando. Ia levar um tiro na testa. Aquilo ia ser muito bom.

— "Sinto muito" digo eu — disse Isabel com desprezo. — Você tinha uma única e simples tarefa. Encontrar Amy. Trazê-la para a lancha.

— Sinto muito uma segunda vez — retrucou Irina.

— Mas ela entrou na lancha, o que era o objetivo. Não entendo...

— Você não entende porque é tola! — Isabel deixou seu ódio pingar de cada palavra. — Você ia entregar Amy para nós às 15h12 *em ponto*. E ia chegar pela rua Argyle, para que Ian avistasse você com o binóculo e eu tivesse tempo de preparar a lancha. Você não fez nada disso! Chegou com 15 minutos de atraso. Quinze minutos! Isso deu tempo de os Holt se organizarem. Nem aqueles primatas precisam de tanto tempo para preparar um plano! — Isabel se plantou na frente de Trina.

— Eles estavam nos espionando. E você é responsável pela contraespionagem. Faça um esforço com essa sua cabecinha. Não foi apenas um fracasso... foi um fracasso ridículo.

Natalie deu um sorrisinho. Por que deveria esconder de Trina o quanto estava apreciando aquilo? Trina nunca tinha conseguido enfiar na cabeça que ela não era a chefe. Ian e Natalie eram os representantes pessoais de Vikram e Isabel. Eles eram os líderes Lucian de fato. Trina era incapaz de engolir isso.

Isabel aproximou o polegar do indicador:

— Faltava isso aqui para eu obrigar Amy a me contar todas as pistas que eles acharam. Isso aqui! Aquela ratinha estava apavorada.

— E se ela não fizesse isso? — Trina perguntou.

— E se ela não fizesse o quê?

— Cooperasse. Você ia jogá-la para os tubarões?

— Não me amole com essa história de "e se" — Isabel disse, virando-se e fazendo um gesto de desprezo.

— O que me interessa são os resultados. E agora fomos derrotados. Pelos Tomas. É inaceitável!

Os ombros estreitos e tonificados de Isabel levantaram e baixaram. Quando ela se voltou, sua expressão era de calma. Não que seu rosto algum dia tivesse demonstrado muita emoção. Isabel mantinha bem ocupados os melhores cirurgiões plásticos de Londres. Tinha sido puxada, espetada, alisada e enchida. Natalie gostaria que a mãe não fosse tão obcecada, mas imaginava que manter a forma aos 40 devia dar um trabalho gigantesco.

— A questão, Irina, é que esta não é a primeira vez que você não consegue atingir seus objetivos — ela continuou. — Você está esmorecendo. Está... bem, francamente, você está velha.

— Lembrete — disse Trina —, temos a mesma idade.

— O seu *pensamento* é velho — retrucou Isabel. — Você não acompanha os tempos. Na sua época, você foi a melhor espiã na ativa. Isso eu admito. Mas se você não se atualizar, vai ficar de fora. Entendeu? Como se diz por aí, agora é a hora do ou vai ou racha. Não existe fracasso para um Kabra.

— Não existe fracasso para um Lucian, você quis dizer? — perguntou Trina.

Isabel pareceu confusa por um instante.

— É claro que foi isso o que eu quis dizer.

— Porque o objetivo dessa busca é conseguir o poder dos Cahill para os Lucian, não para a família Kabra — disse Irina. — A não ser que eu esteja equivocada.

— Bem, naturalmente. — Isabel tamborilou com os dedos na perna.

De algum modo, Trina tinha conseguido deixar a mãe Kabra incomodada. Isabel deu um peteleco numa sujeirinha do vestido como se

fosse um míssil. Natalie torceu para que a mãe destruísse Irina, senão uma tarde horrível os aguardaria.

— E eu também argumentaria que talvez os Kabra conheçam o fracasso de vez em quando — Trina continuou, mantendo a voz branda. — Seus filhos, por exemplo.

*Sua bruxa maldita,* pensou Natalie. Ela esperou que Ian dissesse alguma coisa, mas ele parecia uma estátua ao lado dela.

Irina sorriu.

— Parece que Amy e Dan Cahill se saíram melhor que eles em todos os aspectos. Quantas pistas vocês dois acharam? — ela perguntou. — Digo, vocês dois, sozinhos. Quantas? — Ela pôs o dedo na cabeça. — Deixa eu pensar... ah, lembrei! Uma.

— Mamãe! — Natalie ergueu o corpo. — Ela não pode falar com a gente desse jeito.

Irina virou-se outra vez para Isabel:

— A verdade é que aqueles dois se revelaram muito mais espertos do que estávamos esperando. E se descobrirem o que realmente aconteceu com os pais deles? Até agora, eles têm sido astutos. Mas se tiverem um motivo ainda maior para vencer.., vingança.., eles vão se tornar perigosos.

De repente, Isabel abriu o fecho do colar de jade e o jogou aos pés de Irina:

— É isso que eu penso desses Cahill. Sem falar na sua obsessão ridícula por Grace Cahill. Ela era uma velha maluca que achava que sabia mais que todo mundo. Bom, ela e os netos dela não vão nos atrapalhar... não importa o quanto eles saibam.

Irina pegou o colar do chão. Passou os dedos no dragão entalhado no centro.

— Você achou que isso era importante — continuou Isabel. — Mais um de seus erros. Mandei fazer um exame completo nele hoje de manhã. É só um colar. Uma peça barata de sentimentalismo à qual a menina se apega. Roubar isso foi uma perda de tempo para mim. Mas cansei de perder tempo. Agora, se puder cumprir uma tarefa simples... Isabel jogou seu celular para Irina. — Ligue para o Arranjador.

*Quem é o Arranjador?,* Natalie se perguntou.

Irina limpou a garganta:

— Não tenho mais certeza se ele é confiável.

— É claro que ele é confiável — retrucou Isabel. — Usamos o Arranjador muitas vezes. Diga a ele que estou em Sydney e preciso de umas coisas. Depois entro em contato com ele e passo uma lista.

Isabel pegou sua bolsa:

— Ian, Natalie. Venham. Vamos às compras.

Natalie ficou de pé num pulo. Até que enfim!

— Dispensada, Irina.

A porta bateu atrás deles. Natalie precisou praticamente pular para acompanhar o passo rápido da mãe.

— Irina só tem inveja de você, mamãe — Natalie disse. — Ela quer ser a líder, mas não leva o mínimo jeito.

— Pois é — concordou Ian.

Natalie lançou um olhar para o irmão. Ele tinha que falar aquilo com entusiasmo. Isabel estava contando com o apoio deles.

Ela esperou que a mãe fosse sorrir e concordar, mas Isabel apenas martelou várias vezes o botão do elevador.

— Cala a boca, Natalie. Estou tentando pensar — ela disse, ríspida.

Natalie esfregou os dedos no tecido do suéter. Caxemira. Sua mãe tinha comprado um de cada cor para ela. Sempre que ela ficava chateada, pensava nos suéteres empilhados no enorme closet em sua casa em Londres. Ela tinha a melhor mãe do mundo.

Isabel deu mais marteladas no botão do elevador:

— Ligue para o *concierge,* Ian. Primeiro, peça um carro. Depois, mande consertar os elevadores.

# CAPÍTULO 12

O ECO DA PORTA BATENDO SE DISSIPOU. IRINA FICOU OLHANDO PARA o telefone. Teria que ligar para o Arranjador. Talvez ele estivesse fazendo um serviço fora do país, mas seria sorte demais.

Ela imaginava que havia um deles em cada cidade, uma pessoa capaz de arranjar qualquer coisa que fosse necessária. Passaportes, carros, explosivos, venenos. Os Lucian achavam muito úteis esses contatos. O Arranjador era um dos melhores. Não se detinha com nada, conseguia arranjar qualquer coisa e não fazia perguntas. Ela própria já tinha utilizado seus serviços.

De que Isabel precisaria desta vez? O que planejava?

Inquieta, Irina andou de um lado para o outro no quarto. Ela tinha perdido a confiança de Isabel. Não conhecia mais o plano, apenas partes dele.

Ela passou os dedos pelas pedras verdes e frias do colar. Os insultos de Isabel passaram por ela como ar. Não tinham machucado.

Irina enfiou o colar no bolso do casaco preto e fechou o zíper. Ela nunca ficava sentimental. Jamais. E no entanto entendia o sentimento. Possuir uma coisa que um ente querido tocara. Guardar essa coisa para si.

Quando ela finalmente se obrigara a limpar o quarto de Nikolai tantos anos antes, dobrou sua calça favorita e achou uma coisa no bolso. Uma medalha que ela própria havia ganhado na escola, primeiro lugar no campeonato de salto com vara, O metal estava embaçado, a fita estava gasta e

desbotada. Porém, Nikolai carregara aquilo consigo. Encostara naquele objeto todo dia. Uma lembrança de sua mãe. Ele precisava de alguma coisa real para tê-la por perto. Ela não sabia daquilo.

Ela não sabia.

Foi naquele momento que ela desmoronou. Segurou a calça junto de si, soluçando. Soltou um grito de agonia. Lentamente havia se recomposto, porém nunca mais foi a mesma. Ainda estava em pedaços. Tinha perdido o filho.

Ela enfiou a mão no outro bolso e encostou na medalha. Agora era a vez de ela guardar um objeto consigo como lembrança. De tocar algo que ele havia tocado.

*Irina, o problema em Helsinki precisa da sua atenção.*

*Meu filho está doente. Não é uma boa hora.*

Ela ainda se lembrava da risada estridente de Isabel.

*As crianças sempre ficam doentes.*

*Não, é mais que isso. O médico disse...*

*Não me amole com detalhes. Faça seu serviço. As passagens estão a sua espera no aeroporto.*

Então ela o beijara, tinha beijado seus cachos dourados. Sussurrara que ficaria ausente só por dois dias. Anna, a vizinha que tomava conta dele, e que ele adorava, ficaria ao seu lado. Irina traria para o filho tudo o que ele quisesse.

Um macaco, ele havia dito, e ela dera risada.

Ela precisara viajar em caráter sigiloso. Sem comunicação, sem telefones, sem nada. Por isso não pegou as mensagens de Anna, cada vez mais desesperadas. Não recebeu a ligação do médico. Voltou a Moscou dois dias depois e descobriu que seu filho de 9 anos estava morto. Ela trazia nas mãos um macaco de pelúcia, com um sorriso de expectativa no rosto, quando Anna lhe contou aos prantos a notícia.

Irina se levantou. Uma vez Isabel a forçara a fazer algo de que ela se arrependia a cada instante. Isso não aconteceria de novo.

# CAPÍTULO 13

AMY FOI RECEBIDA PELO CHEIRO DELICIOSO DE COISAS GOSTOSAS cozinhando quando abriu, cansada, a porta da casa de Shep. Levara mais de uma hora para voltar. Bastante tempo para digerir o que tinha acontecido. Mas isso ainda não tinha dissipado seu medo. Ele estava ali no seu estômago, um bolo frio e duro.

Quando ela fechou a porta, começou a tremer. Agora que estava em segurança, teve a noção real de como era horrível o que tinha acontecido. E se Hamilton não a tivesse salvado? Ela se viu caindo naquela água, viu os tubarões nadando em volta com seus olhos pretos mortíferos...

Ela sentia tanto frio. Não conseguia nem dar um passo, de tanto que tremia.

Na área da cozinha, Nellie estava cozinhando, com os cabelos presos por uma bandana colorida. Ela mexia alguma coisa numa frigideira enquanto Shep, do lado de fora, cuidava da grelha. Dan estava jogando pebolim contra si mesmo, correndo de um lado da mesa para o outro.

Nellie ergueu o olhar. Seu sorriso de boas-vindas sumiu do rosto quando ela percebeu o estado de Amy.

Ela soltou a colher de pau, respingando molho de tomate no fogão. Amy viu o vermelho brotar feito sangue na água. Foi tomada de uma tontura, um zumbido nos ouvidos. A sala começou a girar...

Nellie a segurou quando seus joelhos cederam.

— Dan, pegue um cobertor! — A voz de Nellie era firme, mas alastrou-se pelo espaço aberto. Ela carregou Amy até o sofá.

A única coisa que Dan achou foi a jaqueta de couro. Ele a trouxe, e Amy se embrulhou de bom grado nela.

— O que aconteceu? — perguntou Dan, com rugas em seu pequeno rosto. Ele estava assustado.

— Eles não me machucaram. Quer dizer, se eu tivesse sido jogada na água cheia de peixes ensanguentados, junto com os tubarões, daí quem sabe? Mas Hamilton apareceu de parapente, por isso...

— O quê? — exclamou Nellie ao mesmo tempo que Dan gritou: — Tubarões?

Amy contou brevemente como Irina a conduzira pelo túnel e advertira sobre Isabel, mas mesmo assim ela tinha ido parar na lancha. Explicou que Isabel lhes oferecera a proteção dos Lucian, e o que aconteceu quando ela recusou a proposta. Quando ela descreveu Isabel calmamente jogando os pedaços de peixe no mar, Nellie ficou branca. Mas o engraçado foi que, conforme contava a história, Amy parou de tremer e seu medo desapareceu.

Ela contou tudo, incluindo a pista do alecrim que Trina lhe dera. Mas não contou a coisa mais importante. Que Ian, Trina e Isabel tinham dito que Hope e Arthur foram assassinados. E que Isabel acusou os Madrigal e Irina do crime.

— Que droga — disse Dan, jogando-se de volta nas almofadas. — Eu perdi isso! Se eu estivesse junto, Isabel Cobra não teria nenhuma chance. A gente podia ter empurrado ela para dentro da água. Ou amarrado ela com linha de pesca. Ou a gente podia ter usado o Ian como bate-estaca!

— Dan — disse Nellie, brava —, isso não é um jogo. As 39 pistas são como um jogo para o seu irmão, certo? Dan ficou de pé num pulo e começou a fingir que estava voando de parapente sobre tubarões famintos. Amy tomou uma decisão enquanto o observava. Não podia contar para ele o que

aconteceu com seus pais. Havia um ponto fraco secreto no irmão, que ele encobria com piadas. Era o fato de Dan ter perdido os pais tão novo, antes que pudesse ter lembranças deles. Ela teria que lidar com aquilo sozinha. Pelo menos por enquanto.

Amy pôs a mão no pescoço, esquecendo por um instante que não tinha mais o colar de Grace. A ausência da joia fez com que ela se sentisse mais sozinha do que nunca. Aquela sensação por dentro — de que havia algo que precisava lembrar — era grande e assustadora. Ela teria que esconder aquilo de Dan, também.

*Ele odeia quando eu me comporto como irmã mais velha. Mas é isso que eu sou.*

Nellie fez carinho no joelho dela:

— Comida. É disso que você precisa.

Ela se levantou e voltou para a cozinha.

Amy apertou ainda mais a jaqueta que a embrulhava. Sentiu o forro se rasgar e deu um gemido baixo. Era a única coisa da mãe que possuía e ela tinha estragado! Ela passou os dedos pelo forro, procurando o rasgo e ouviu um estalo. Sentou-se e examinou a jaqueta mais de perto. Ela já havia sido rasgada na costura e consertada antes. Amy enfiou a mão dentro do rasgo e tirou um pedaço quebradiço de papel pautado, alguma coisa arrancada de um caderno.

— O que é isso? — perguntou Dan, aproximando-se.

— Um pedaço de papel velho de caderno, escondido no forro.

Com o coração batendo forte no peito, Amy leu as palavras em voz alta.

*28 de junho de 1937*

*Cada base secreta onde consegui me infiltrar agora parece instável. A guerra assoma no horizonte, nada parece simples nem seguro, de Natal a Karachi. Eles têm medo de nós; isso é bom.*

*Voei de Bandung para Darwin. Aqui mandamos os para quedas de volta para aliviar o peso, por isso também estou enviando esta jaqueta. GP foi instruído a entregá-la a você. Amanhã seguimos para Lae. Depois cruzamos o Pacífico até Howland.*

*Lamento informar que não consegui achar nosso assassino H, nem qualquer pista verdadeira de seu paradeiro. De Bandung consegui ir à Batávia e encontrar nosso contato.*

*Ele contou sobre um d'homem branco com cicatrizes" que os nativos acreditavam que havia escapado da montanha. Seu corpo estava intacto, mas não sua mente. A tragédia que ele enfrentara foi terrível o bastante para enlouquecê-lo.*

*Aqui em Darwin nosso informante acabou se revelando inútil. Logo ficou claro que o cavalheiro — e uso esse termo com pouco rigor, pois se tratava de um grande charlatão — estava apenas procurando outra recompensa. Só nos forneceu charadas. Teve até a audácia de tentar me vender um anel... Isso lhe trará boa sorte, ele disse, então o comprei na esperança de assim conseguir informações. Não foi o que aconteceu. Quando perguntei de novo se ele conhecia H, ele disse que ambos estavam num buraco, mas para eu não me preocupar. Então deu uma gargalhada, e a conversa terminou ali. Ele teve um prazer visível em não me dar informação nenhuma... e me fazer pagar por isso.*

*Agora parto para o desconhecido. Não há mais bases secretas onde eu possa me infiltrar. Apenas o céu. AE*

— Não entendi — disse Dan. — Quem você acha que é AE? Algum cara australiano que pilotava um avião?

— Não era um cara — respondeu Amy com um princípio de entusiasmo.

Ela ficou de pé num pulo e correu até as prateleiras de livros de Shep. Naturalmente, já tinha conferido a biblioteca dele. Shep tinha prateleiras inteiras dedicadas à história da aviação. Não demorou muito até Amy achar o que estava procurando. Ela jogou o livro na mesa feita de prancha de surfe.

Dan veio correndo:

— Amelia Earhart?

— Só pode ser! — disse Amy. — O último voo dela foi mais ou menos nessa época.

Amelia Earhart tinha sido uma das heroínas de infância de Amy. Grace lhe dera uma biografia da aviadora quando ela tinha 8 anos.

— Ela era incrível. Foi a primeira mulher a atravessar o Atlântico voando sozinha. Ela quebrou recordes de velocidade e altitude. Não deixou que nada a impedisse.

Amy folheou até o índice e procurou "último voo". Então achou a página e leu todo o itinerário.

— Olhe — ela disse, apontando para a página. — Ela esteve em Darwin, na Austrália, em 28 de junho de 1937. Estava tentando se tornar a primeira mulher a dar a volta ao mundo, pelo caminho mais comprido. E Dan, olha os outros lugares em que ela parou!

Ela pôs o papel com o itinerário dos pais deles ao lado da jornada de Amelia. Seus pais tinham passado por vários dos pontos principais.

— As listas combinam — concluiu Dan. — Mas por que nossos pais iam percorrer os lugares aonde Amelia Earhart foi uns quinquilhões de anos antes?

— Uns sessenta anos antes — Amy corrigiu. Ela pôs o dedo no papel. — Isabel me disse alguma coisa sobre a base secreta dos Lucian em Karachi. Aposto que estas cidades também são bases de outros clãs.

— Então o que aconteceu depois que Amelia partiu de Darwin?

— Ela voou para Lae, na Nova Guiné, para reabastecer o avião. Então partiu para a ilha Howland... que é basicamente um ponto no meio do Pacífico... Só que nunca chegou lá. O avião nunca foi encontrado. Correram vários rumores de que ela sobreviveu, mas basicamente todo mundo acredita que ela e seu navegador não conseguiram localizar a ilha e ficaram sem combustível. Mas, antes de isso acontecer, parece que ela tinha um objetivo secreto. Você percebe o que isso quer dizer? Ela era uma Cahill!

— Então quem era GP? — perguntou Dan.

Amy procurou no livro:

— Deve ser George Putnam, o marido dela. Eles enviaram os paraquedas de volta porque não serviriam para nada quando sobrevoassem o mar. Mas essa pessoa em quem ela confiou para enviar a jaqueta não fez isso. Já naquela época, essa jaqueta teria valido um bom dinheiro como souvenir. Deve ter ficado em Darwin. A mamãe deve ter recebido algum tipo de dica que apontava para ela...

— "Nosso assassino H" — Dan leu. — Você acha que pode ser Bob Troppo? Talvez ela esteja chamando ele de assassino porque ele agrediu Mark Twain com a bengala. Ela diz que ele tem cicatrizes, que nem na foto.

— Só pode ser! — exclamou Amy. — Faz um bom tempo que os Cahill estão à procura dele, eu acho. Queria saber por quê. — Ela releu a carta. — Queria saber onde fica Bandung.

Shep a escutou da cozinha, onde ele estava transferindo peixe grelhado para uma travessa.

— Fica na ilha de lava, não muito longe de Jacarta — ele disse. — Na Indonésia.

— Foi onde Earhart fez escala antes de voar para Darwin — explicou Amy.

— "Eles têm medo de nós" — Dan leu. — Quem são esses "nós"?

Amy ergueu o olhar e encarou o irmão:

— De quem todos os clãs têm medo?

— Dos Madrigal — respondeu Dan.

— Isabel disse que os Madrigal talvez sejam Cahill renegados. Eles teriam abandonado seus próprios clãs e formado um novo grupo. São como uma sociedade secreta. Isso explicaria por que ninguém sabe de verdade quem eles são... Apenas têm medo deles. — Amy franziu a testa. — Mas Amelia Earhart não poderia ser uma Madrigal. Isso é impossível. Ela era uma heroína. Uma exploradora. E não só isso, ela não era... traiçoeira nem malvada. Não consigo acreditar que ela trairia o próprio clã só em troca de poder.

*Ou que ela pudesse pertencer a um grupo que um dia mataria nossos pais... isso se essa parte da história for verdadeira.*

— Talvez ela só fosse muito boa em esconder as coisas — ponderou Dan, franzindo a testa. — Certo, até agora temos Amelia Earhart, bases secretas dos clãs e algum cara maluco sem nome... Talvez ele seja H, talvez seja Bob, mas com certeza tem um parafuso a menos. Ainda não sei o que estamos fazendo na Austrália. E o que nossos pais estavam fazendo aqui? E por que eles vieram para Sydney? Amelia Earhart não veio.

— Bom, provavelmente eles vieram para cá para se encontrar com Shep e pedir que ele os levasse em seu próprio avião. Assim havia menos chance de alguém os seguir.

Amy voltou-se para Shep e ergueu a voz:

— Shep, por que nossos pais foram para Adelaide? Você sabe?

— Claro — respondeu Shep. — Precisamos parar para reabastecer antes de seguir para Darwin. Tínhamos algumas opções, e eles escolheram Adelaide.

Ele pôs a travessa de peixe na mesa de jantar.

— Não quero ser enxerido — ele disse —, mas tenho a sensação de que ainda não ouvi a história inteira. Só hoje nós já fomos atacados por surfistas americanos enormes, Amy desapareceu por horas e depois apareceu com cara de enterro, e agora pelo jeito Amelia Earhart está falando com vocês de um túmulo submarino. Vocês não querem me inteirar do que está acontecendo? Já que vou cruzar metade da Austrália com vocês no meu avião, além do fato de sermos primos, acho que tenho o direito de saber.

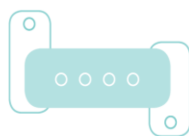
— Com certeza — concordou Dan. — A verdade é que fazemos parte de uma gangue de ladrões especialistas que invadiu a Casa da Moeda dos Estados Unidos e roubou 1 bilhão de dólares em ouro. Amy e eu somos pequenos o bastante para entrar nos dutos de ventilação. Nós pegamos o ouro e demos no pé, por isso eles estão atrás da gente. Mas o que eles não sabem é que nós estamos trabalhando diretamente para o presidente.

— E Amelia Earhart...

— ... estava numa missão secreta para achar um lugar para esconder o ouro do mundo inteiro, numa fortaleza subaquática altamente confidencial. Também estamos procurando isso.

Shep fez que sim com a cabeça:

— Ceeerto. Ainda bem que a gente esclareceu isso. Agora é hora de comer.



Amy não conseguia dormir. Toda vez que fechava os olhos, via o olhar feroz de Irina, azul feito uma chama no escuro.

*Você acha que sua mãe deixou você sozinha e correu de volta para uma casa em chamas só por causa do marido dela?*

*Lembre daquela noite, Amy. Pense naquela noite. Você estava lá. Você já tinha idade bastante para ver.*

Toda aquela confusão, todo aquele aperto no peito a fazia sentir como se não conseguisse respirar. Por que ela tinha tanto medo? Por que Isabel lhe parecia tão familiar e por que aquilo a enchia de pavor?

Nellie estava cochilando ao seu lado e Dan era apenas uma massa disforme enrolada numa colcha no sofá embaixo da janela. Amy saiu da cama. A jaqueta de couro estava jogada na poltrona perto de Dan. Ela a vestiu e a apertou ao redor de si. A ideia emocionante de que aquilo pertencera a Amelia Earhart tinha sido substituída pela simples necessidade de tocar alguma coisa que sua mãe tinha tocado. Ela repousou a bochecha no colarinho.

— Tenho saudade deles — disse Dan com voz sonolenta. — Como é possível ter saudade de alguém que eu nem lembro?

— Também tenho saudade — disse Amy em voz baixa. — Estar aqui é tão estranho. Porque eles estiveram aqui também.

— É. Dá a sensação de que eles vão entrar por aquela porta a qualquer momento. Não sei por quê.

Amy percebeu que tinha a mesma sensação. Ali, ela se sentia mais perto dos pais. Fazia muito tempo que não se sentia tão perto deles. E ela e Dan estavam a meio mundo de distância de tudo o que conheciam.

— Eles deixaram a gente durante um mês inteiro. — disse Dan, bocejando. Ele falava devagar, sonolento, e ela percebeu que o irmão estava prestes a adormecer. — É bastante tempo pra ficar longe dos próprios filhos.

— Deve ter sido superimportante — sussurrou Amy.

— Ainda bem que eles estavam procurando as pistas, que nem nós — disse Dan. Ele bocejou outra vez. — Não seria ótimo se, depois que isso acabar... Shep pudesse ser nosso pai? A gente podia vir morar com ele...

— Não sei, não, Dan. Ele não é do tipo paternal.

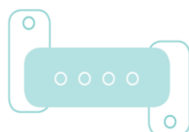
— As pessoas não sabem se são do tipo paternal até virarem pais. Além disso, você consegue imaginar a gente voltando para Beatrice, a Sanguinolenta?

Amy não conseguia. Era totalmente incapaz de imaginar como seria o final daquela história. Mas assim que Dan disse aquilo, ela percebeu que ele tinha razão. Ela não conseguia se imaginar voltando para a tia Beatrice. Não conseguia se imaginar voltando para a escola, nem para Boston.

O lugar deles não era mais lá.

O lugar deles não era em lugar nenhum.

Depois de um minuto, a respiração de Dan ficou profunda e regular. Amy voltou para o sofá-cama que estava dividindo com Nellie. Voltou para baixo das cobertas e adormeceu, apertando a jaqueta da mãe ao redor de si.



Ela sonhou. A mãe segurando a mão dela. Um fogo estalando na lareira. E, na sequência, um incêndio descontrolado... cinzas caindo feito neve no gramado.

— *Tire as crianças daqui!*

Ela acordou assustada. Ainda estava escuro. Ela ouvia ao seu lado a respiração leve de Nellie.

E então a memória iluminou seu cérebro, e as sombras se dissiparam.

Ela não tinha ido dormir depois do banho. Ligara seu pequeno abajur verde e escolhera um livro. Às vezes, lia até cair no sono. Era um segredo que ela escondia dos pais. Grace sabia. Grace sempre a deixava fazer isso.

Então ela ouviu o som de visitas chegando. Ouviu um murmúrio. Depois, de repente, as vozes ficaram mais altas. Ela se levantou e prestou atenção. Estava vestindo uma camisola, a com desenhos de coalas que a mãe trouxera de sua longa viagem. As vozes dos pais pareciam diferentes. Havia nelas algo duro, algo que cintilava e tilintava, como moedas.

Ela desceu as escadas devagar e seguiu o corredor até o estúdio de Arthur. Não conseguiu ver os pais. Havia estranhos em volta deles. A luz estava fraca, porém o fogo ardia na lareira.

Ela ouviu torrentes de palavras. Amy fechou os olhos, tentando lembrar.

*A infiltração das bases secretas...*

*Aonde vocês foram...*

*E a voz do pai dela: Nossas viagens não são da sua conta.*

*Vamos todos manter a calma. Só queremos o que é nosso. Aonde vocês foram...*

*Contem para nós, senão...*

*Senão o quê? Vocês entram na minha casa e têm a audácia de me ameaçar?*

A voz da mãe era dura e fria. Aquilo assustou Amy. Ela atravessou correndo o círculo de pessoas:

— Mamãe!

Mas antes que a mãe pudesse recolhê-la do chão, outra pessoa fez isso. Alguém que cheirava a perfume e maquiagem. Uma moça bonita de olhos grandes, cor de mel. Na mente de Amy, ela tinha visto o tremular do fogo refletido ali.

— *E quem é esta aqui? Que camisola bonita! Que ursinhos alegres.*

— *Coalas — Amy corrige, pois tem orgulho de saber a palavra.*

*Os dedos da moça a apertam, só um pouco. Ela olha por cima da cabeça de Amy e sorri para a mãe e o pai.*

— *Sua mamãe e seu papai trouxeram isso pra você da viagem deles?*

*A moça está segurando muito apertado. Amy começa a se contorcer, mas as mãos não afrouxam.*

*E a mãe dela parece estar com tanto medo...*

Amy sentou-se na cama. A verdade trouxe um jorro de horror.

Os fatos a atingiram feito socos.

A moça que a tinha segurado era Isabel Kabra. Quem mais estava lá? Ela se esforçou para lembrar. Várias pessoas, estranhas a ela na época. Amy ficara tímida demais para olhar no rosto deles. Eles sabiam que seus pais tinham voltado de uma viagem, mas não sabiam direito aonde tinham ido e, por algum motivo, precisavam saber. Os pais de Amy tinham escondido o destino da viagem... até que uma menina de 7 anos descera a escada correndo de camisola e dissera a palavra coalas.

Então os inimigos dos pais dela tiveram a resposta.

Ela os traíra.

# CAPÍTULO 14

— HORA DE ACORDAR, GALERA — CHAMOU SHEP, ALEGRE. — VOU FAZER um café e umas coisinhas pra comer, depois nós partimos pro aeródromo. Todo mundo dormiu bem?

Ainda estava escuro lá fora. Shep tinha acendido as luzes.

— *Mmmfff* — Nellie murmurou, com a cabeça enfiada no travesseiro.

— Muito bem — disse Dan, erguendo-se de um emaranhado de colchas.

Enquanto Nellie cobria a cabeça com o travesseiro e Shep fazia o café, Amy levantou-se desajeitadamente e foi até o banheiro. Jogou água fria no rosto e se olhou no espelho.

Aquelas pessoas precisavam descobrir onde os pais dela tinham estado. Aquilo era importantíssimo. A descoberta revelara algo. Algo que fez um deles pôr fogo na casa.

Culpa dela.

Ela lembrou do rubor de triunfo no rosto de Isabel enquanto ela a segurava. O modo como ela a prendera mesmo quando Amy tentara se soltar... aquilo tinha sido uma ameaça.

Isabel estava dizendo: Eu posso atingir seus filhos.

Amy fechou os olhos, lembrando do medo e da raiva que passavam pelo rosto da mãe. Ela se segurou na pia e se debruçou enquanto as palavras batiam dentro dela...

Minha culpa minha culpa minha culpa

Dan bateu na porta:

— Você está dormindo aí dentro?

Amy abriu a porta e andou até o sofá. Mecanicamente, começou a guardar as coisas na mochila.

Nellie lançava olhares preocupados, mas Amy sempre desviava o rosto. Ela não podia falar sobre aquilo. Se falasse, ia acabar se abrindo por inteiro. Ia chorar e chorar e não parar nunca mais.

*Foi por minha culpa que meus pais morreram.*

Pesquisa. Aquilo sempre ajudava. Se ela conseguisse pôr a mente para trabalhar em um problema, conseguiria esquecer o que não queria lembrar.

Enquanto Shep fazia panquecas, Amy abriu o laptop de Dan e procurou algo que envolvesse Amelia Earhart e Darwin, a cidade australiana. Amy foi clicando nas fotos e achou uma que fora tirada no aeroporto de Darwin. Amelia estava subindo a escada de um prédio, segurando sua jaqueta e um caderno. Talvez fosse o mesmo caderno em que escrevera a carta! Amy olhou mais de perto: no dedo mindinho de Amelia havia um anel com uma pedra branca. Ela voltou para uma foto de Amelia em Bandung. Não havia anel nenhum. Devia ser o anel que ela tinha descrito, o que o homem estranho lhe vendera.

Amy tentou ampliar a imagem, mas a foto ficou borrada. Dan apareceu e olhou para a tela:

— O que você está fazendo?

— Não sei direito — admitiu Amy. — Está vendo o anel no dedo de Amelia? Deve ser o que ela comprou em Darwin. Estou tentando ver de perto. Fico imaginando por que esse cara tentou vender um anel pra ela.

— Bom, com certeza não foi um bom amuleto da sorte — Dan disse. Ele imitou um avião caindo em espiral e se espatifando no chão. Amy fez cara feia.

— Parece uma pedra branca — ela disse.

— Provavelmente uma opala — sugeriu Nellie, dando uma olhada rápida no computador. Ela estava a caminho do banheiro.

— É bem provável — concordou Shep. — Mais de 90% das opalas do mundo estão na Austrália. Mesmo naquela época, imagino que já havia um comércio de minérios bem sólido.

— O informante de Amelia disse que eles estavam num buraco, mas que ela não precisava se preocupar — citou Amy.

Shep abriu um sorriso:

—Num buraco? Isso me lembra Coober Pedy. Significa "homem branco num buraco", na língua aborígine.

— Quem é esse Coober?

— É o nome de uma cidade, rapaz — explicou Shep.

— A maioria das construções são subterrâneas, porque lá faz um calor bizarro, mesmo para os padrões da Austrália. E é a cidade número 1 do mundo inteiro em mineração de opalas.

— Onde fica? — perguntou Dan.

— Ah, um pouco ao norte de Adelaide. De carro dá umas nove horas.

Aquilo não parecia um pouco, ruas talvez na Austrália fosse. Amy viu seu entusiasmo crescer. Ela sentia que estavam chegando perto de alguma coisa. Ela sabia que Dan sentia isso também.

— Quanto tempo nossos pais ficaram em Adelaide? — perguntou Dan.

— Deixa eu ver... Eu peguei uns turistas em Perth e levei eles pra Alice Springs e Uluru... ou será que era Shark Bay e Ningaloo... não lembro, mas acho que fiquei fora uns três ou quatro dias. Depois voltei para Adelaide e busquei Hope e Arthur para a viagem até Darwin.

Amy e Dan se entreolharam. Não precisavam dizer em voz alta. Eles sabiam. Seus pais tinham ido a Coober Pedy. Tinham partido de Adelaide e ido de carro. Só não quiseram envolver Shep mais que o necessário. Isso poderia ter colocado a vida dele em perigo. Amy e Dan fizeram um gesto com a cabeça um para o outro.

Shep apontou a espátula para Amy e depois para Dan.

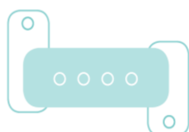
— Como vocês fizeram isso? Vocês dois acabaram de ter uma conversa sem dizer uma palavra!

Eles se entreolharam de novo. Não é que a gente não confie nele. Mas nossos pais tinham razão. Quanto menos ele souber, melhor para ele.

— Vocês fizeram isso de novo! O que estavam falando? — Shep pôs as mãos nos quadris. — Espere um instante. Acho que eu entendi. Vocês querem que eu leve vocês de avião até Coober Pedy, não é?

Dan deu um sorriso inocente:

— Suas panquecas estão queimando.



Depois de um desjejum de panquecas levemente chamuscadas, eles carregaram a bagagem no jipe de Shep e partiram para o aeródromo. O sol estava nascendo quando eles deixaram a periferia de Sydney e pegaram uma estradinha que serpenteava por entre os morros. Por fim, Shep parou o jipe em frente a um portão de metal e digitou um código. O portão se abriu e eles entraram.

— Parabéns — Shep disse. — Vocês acabam de passar pela segurança do aeródromo.

Ele estacionou o jipe e apontou para o avião.

— Hã, parece meio... pequeno? — Amy opinou.

— Pequeno? Cabem 14 pessoas nessa belezura — disse Shep.

— Você é um bom piloto — atalhou Nellie. — Né?

Shep deu de ombros:

— Tirando aquelas aterrissagens forçadas.

Dando uma risadinha, ele se dirigiu para a administração do aeródromo.

— Engraçadinho esse seu primo — Nellie disse, bocejando.

— Vamos ver como é o avião — chamou Dan.

Eles contornaram a aeronave e Nellie entrou na cabine. Dan foi atrás. Amy ficou do lado de fora, tentando imaginar a sensação de estar lá em cima no céu. Ela tinha viajado num helicóptero em alta velocidade de noite e ficara apavorada; ela tinha sido recolhida por um parapente, mas de algum modo

aquele aviãozinho a deixava ainda mais nervosa. Talvez porque tivesse tempo para pensar em como ele parecia pequeno e como era vasto o céu na Austrália.

Quando Shep saiu da administração e veio andando sem pressa na direção deles, o nervosismo de Amy aumentou. Um piloto não deveria vestir um uniforme? Era só o Shep, usando seus shorts cáqui e com uma mancha de groselha na camiseta.

— Hã... tem certeza que a gente vai fazer isso? — Amy perguntou, entrando na cabine.

— Você tá brincando? — perguntou Dan, pulando no assento.

Nellie estava olhando pela janela da cabine e não respondeu.

— Nellie?

Amy seguiu o olhar dela. Viu uma nuvem de pó que se erguia no ar, logo além dos arbustos rasteiros.

Shep embarcou, o que fez o avião parecer menor.

— É *um willy-willy!* — gritou Dan, apontando para a coluna de poeira.

— Quem? — perguntou Amy.

— Um tipo de tornado inofensivo — disse Shep, tomando o assento do piloto. — E isso não é um *willy –willy*. Não tem *willy-willies* por aqui. Acho que é só um caminhão correndo numa estrada de terra. Apertem os cintos, galera. Temos permissão para decolar.

Ele pôs os fones de ouvido, e Dan pareceu decepcionado enquanto apertava o cinto. Nellie fez a mesma coisa, ainda olhando para a poeira.

— Não é um caminhão. É um daqueles jipes enormes. Será que a gente pode ir logo? — ela perguntou com uma impaciência repentina na voz.

— Preciso terminar a checagem antes de decolar — explicou Shep num tom amistoso.

Nesse mesmo instante o jipe, vindo em alta velocidade, arrebentou o portão de metal. Shep não escutou aquilo por causa do barulho do motor do avião, que despertava com um ronco.

— Dá pra ir mais depressa? — Amy perguntou. Shep não ouviu o que ela disse, mas fez o sinal de positivo com a mão.

Isabel Kabra estava ao volante do jipe. Ela parou cantando pneu. Amy viu ela virar a cabeça e espremer os olhos à luz forte do sol, tentando enxergar dentro das cabines dos aviões.

Lentamente, a hélice do avião começou a girar.

— Beleza, vambora — Shep disse. O avião avançou em direção à pista de decolagem.

Isabel virou a cabeça para trás. Usava grandes óculos de sol, mas Amy quase pensou ter visto o brilho dos seus olhos.

O avião deslizou em direção à pista.

Amy, Dan e Nellie observaram Isabel acelerar o jipe com um gemido dos pneus. Para surpresa deles, ela partiu na direção oposta. Porém, quando Shep entrou na pista de decolagem, eles viram Isabel surgir no campo próximo à pista.

— O que esse maldito carro está fazendo aí? — Shep perguntou.

— Talvez sejam curiosos — Nellie sugeriu.

Shep continuou em frente. Eles pegaram velocidade. Amy relaxou no assento. Os planos de Isabel tinham sido frustrados. Ela devia estar furiosa.

— Rá, rá — Dan disse em voz baixa.

Quando eles começaram a avançar mais depressa, Isabel de repente girou o volante e subiu na pista de decolagem.

— Mas que... — exclamou Shep.

Ela pisou fundo no acelerador do jipe. Amy viu claramente os rostos apavorados de Natalie e Ian no banco de trás. Natalie estava com a boca escancarada num grito.

— Não posso parar. Preciso decolar! — Shep berrou.

— Vai! — gritou Nellie.

O avião levantou voo e por poucos centímetros não bateu no jipe.

A última coisa que Amy viu foi a cara de Isabel. Completamente calma. Natalie ainda estava gritando. Isabel estava disposta a arriscar a vida dos filhos para detê-los.

Assim que o avião atingiu altitude, Shep tirou os fones de ouvido.

— O que foi aquilo? — ele gritou. — Aquele jipe maluco quase matou a gente! Vocês viram quem estava no volante?

— Você viu, Amy? — perguntou Dan.

— O sol estava no meu olho — respondeu Amy. — Nellie?

— Fiquei assustada demais — Nellie falou.

— Vou falar com o aeroporto pelo rádio e mandar prender esse idiota — Shep disse.

Ele pôs de volta o fone de ouvido e começou a falar depressa no microfone.

Dan e Amy se entreolharam. Até parece que alguém ia prender Isabel Kabra. E ela estava na cola deles.

# CAPÍTULO 15

ELES VOARAM AO LONGO DA COSTA, COM A ÁGUA AZUL E TRECHOS DE areia dourada embaixo de si. Amy começou a cabecear e caiu no sono. Não era surpresa, pensou Dan. A irmã tinha lidado com tubarões e agulhas envenenadas, tudo num único dia. Aquilo era de derrubar qualquer um.

Depois de uma hora, nem mesmo a paisagem de cartão-postal conseguia prender sua atenção. Dan se cansou de procurar cangurus pela janela. Ele não se entediava tanto desde que Amy o obrigara a servir de babá para as bonecas dela quando ele tinha 5 anos. Ele começou a se perguntar sobre o nome Austrália. O que será que significava? Dan quase acordou Amy para perguntar para ela, mas decidiu que não era uma ideia muito boa.

A voz de Shep soou no alto-falante:

— Tem lanches no armarinho embaixo da pia.

— Cara! Você falou a minha língua! — Mas Shep não escutou. Dan levantou e foi procurar a comida.

Quando Amy acordou, eles estavam sobrevoando uma terra vermelha, vasta e vazia, e Dan tinha travado uma linda amizade com as guloseimas australianas.

— Quanto tempo faz que a paisagem está assim? — perguntou Amy, bocejando.

Dan estava mastigando uma batata frita.

— Infinito. Mas olha isso. — Ele mostrou um saco de batatas fritas. — Essas são sabor frango! Não é genial? Você está com fome? Aqui tem várias coisas típicas: biscoito de chocolate e salgadinhos de queijo cheddar, de tomate e de hambúrguer. Dá pra imaginar que alguém bolou um salgadinho com gosto de hambúrguer? Os australianos são nossos amigos. E olha, o melhor chocolate do mundo: ele é recheado com um creme de mel!

— Não estrague o apetite, rapaz — disse Nellie imitando o sotaque australiano. Ela agora estava usando o chapéu que Dan tinha comprado no aeroporto. — Talvez a gente faça escala pra comer um PE

— PF! — Dan deu risada e cuspiu batata frita. — Demais!

— Que nojo — reclamou Amy. — Não precisa cuspir.

Shep espreguiçou e deu um bocejo.

— Quer dar uma descansada? — Nellie perguntou.

— Posso assumir o controle por um tempo.

Vendo o olhar curioso de Shep, ela explicou:

— Eu piloto aviões desde adolescente.

— Isso não faz muito tempo. Não estou levando fé.

— Confie em mim. — Nellie disse, sorrindo. — Tenho licença de piloto. Quinhentas horas. Voo por instrumentos. Voo noturno.

Ela e Shep começaram a falar sobre mudanças de vento, propulsão e carga de passageiros. Dan chegou perto de Amy:

— Você sabia que a Nellie pilota avião?

Amy fez que não com a cabeça:

— Acho que ela nunca mencionou isso.

— A Nellie não menciona um monte de coisas. E, de repente, elas aparecem.

Um princípio de suspeita passou rapidamente entre os irmãos, mas eles o afugentaram.

Nellie assumiu os controles. Shep ficou observando por um instante, depois voltou para a cabine de passageiros para falar com eles. Ele encostou na parede e cruzou os braços.

— Certo, tem alguma coisa aqui que não está cheirando bem — ele disse. — Vocês conheciam a pessoa que estava dirigindo aquele jipe? Porque não parece coincidência ele ter surgido daquele jeito.

Dan vestiu uma máscara de inocência:

— Não?

— Tem alguma coisa que vocês queiram me contar? Sobre o que realmente estão fazendo na Austrália?

— Ok — disse Dan. — Acho que é hora de a gente contar a verdade.

Amy lançou a ele um olhar de nem sonhando.

— Lá em Massachusetts, Amy e eu invadimos nossa escola uma noite. Nada de mais, certo? Só que nosso vice-diretor, Mortimer C. Murchinson, é um alienígena. De noite ele arranca o próprio rosto e se transforma numa criatura de três metros com oito braços...

— ... que joga basquete no Boston Celtics — Shep disse com um suspiro. — Entendi. — Ele estudou os dois com um olhar inquisidor. Depois virou-se e voltou para o cockpit. — Se vocês virem algum bombardeiro vindo na nossa direção, deem um grito, ok?

— Entendido, capitão — respondeu Dan.

Nellie pilotou o avião durante mais uma hora, depois Shep reassumiu o controle para o pouso em Coober Pedy.

— Onde fica? — perguntou Dan, retorcendo o pescoço. Ele só via quilômetros de terra vermelha adiante. O horizonte era curvo, como se ele pudesse ver a beirada do planeta.

— Estão vendo aquelas pirâmides? — disse a voz de Shep no alto-falante.

— Parecem morrinhos de sal — Dan disse para Amy.

— São pilhas de bota-fora da mineração de opala, areia que sobra depois da escavação — explicou Shep. — Vamos sobrevoar os campos de opala. Falei com meu camarada Jeff hoje de manhã, Ele vai buscar a gente.

O avião aterrissou na pista e desacelerou até parar. O aeródromo era ainda menor que o de Sydney. Havia umas poucas construções e dois aviões bimotores. Eles saíram da cabine e foram atingidos por um bloco de calor. A garganta de Dan estava tão seca quanto as colinas de terra. Shep pulou do avião, parecendo tão animado quanto no começo da viagem.

— É sempre tão quente assim? — Dan perguntou a Shep.

— Hoje está até fresco. Só uns 37 graus, mais ou menos. Deixa eu tratar da papelada, o Jeff deve aparecer logo mais.

Shep entrou na administração e saiu no exato momento em que uma picape quatro por quatro coberta de terra surgiu na estrada que dava no aeródromo. Um homem alto e magro, vestindo os típicos shorts cáqui, pulou para fora do veículo.

— Deixaram você aterrissar com essa lata-velha laranja? — ele gritou com sotaque australiano.

— Da próxima vez, vou aterrissar na sua cabeça — Shep respondeu. — Acho que cabe.

Eles deram tapinhas nos ombros um do outro. Shep virou-se para eles.

— Deixa eu apresentar meus primos, que eu reencontrei depois de muito tempo — ele disse. — Amy, Dan e a *au pair* deles, Nellie Gomez. Este é Jeff Chandler, o melhor guia turístico do Red Centre.

— Os amigos do Shep são meus amigos — afirmou Jeff. — O que vocês vieram fazer em Coober Pedy? Vieram para o bota-fora?

— Obrigada, mas não temos tempo para festas. — disse Amy, espantando uma mosca preta enorme.

O homem riu:

— Não, bota-fora são as sobras das escavações. Vários turistas adoram procurar opalas nas pilhas de bota-fora. A chance de achar uma pedra de valor não é muito boa, mas sempre existe a esperança, não é mesmo?

— Na verdade, meus parentes vieram procurar umas informações — disse Shep. — Sobre uma pessoa que talvez tenha morado aqui nos anos 1930. Ele tinha o rosto coberto de cicatrizes e lá em Sydney era conhecido como um criminoso chamado Bob Troppo. Ele não falava e talvez fosse louco.

— Deixa eu ver. Cicatrizes no rosto, criminoso, fechadão, louco de pedra — disse Jeff. — Tipo metade da população daqui. — Ele riu da cara de espanto que Amy e Dan fizeram. — Sem problema. Eu sei exatamente quem consultar. Subam aí.

Eles entraram na picape, Jeff pegou a estrada de terra e acelerou sem dó. Ele apontou para os campos de opala.

— Para andar por ali, têm que tomar muito cuidado. Todo ano morre um casal de turistas nos poços abertos de mineração. Eles andam de costas pra tirar uma foto, e tchuf, caem lá embaixo, é uma tragédia. Nem preciso dizer que achamos isso bem chato.

— Aposto que os turistas acham mais chato ainda — disse Dan.

— Sem drama, eles já estão mortos.

Jeff atravessou o centro da cidade, que não era muito grande. Parecia uma cidadezinha do Velho Oeste tirada de um filme. A área em volta era tão árida quanto a Lua. As poucas pessoas que estavam na rua usavam chapéus de abas largas, e muitos homens tinham cabelos compridos e bigode. Em cada canto havia placas em que se liam OPALAS e HOTEL SUBTERRÂNEO. Havia até a placa de uma igreja subterrânea.

— Cadê todo mundo? — Nellie perguntou.

— Nas minas ou, a esta hora, em casa — Jeff respondeu. — Ou seja, embaixo da terra. A maioria das pessoas aqui mora em casas subterrâneas. Elas ficam fresquinhas de dia e quentinhas à noite.

— Sei — disse Dan. — Que nem uma garrafa térmica.

— Isso mesmo, rapaz! A população vai e vem... umas duas mil pessoas hoje em dia. E são umas 45 nacionalidades diferentes, todo mundo tentando fazer fortuna. A gente se dá muito bem, até que alguém decide explodir alguma coisa. Talvez devessem parar de vender dinamite no supermercado, hein?

— Ele está brincando, né? — Nellie perguntou a Shep.

— Infelizmente, não.

Jeff tinha ido mais devagar nas ruas principais, mas voltou a acelerar na periferia da cidade. Seguia pela estrada de terra com todas as janelas abertas. Pelo menos as moscas tinham ficado para trás.

— Chegamos! — ele anunciou de repente.

Eles estavam numa área deserta. Havia morros em volta, e era possível ver as pirâmides da mineração de opala, que agora já eram familiares.

— Chegamos... aonde? — Nellie perguntou.

— Na casa do Kangaroo Ken — respondeu Jeff, sorrindo. — Não acredite em nada do que ele disser, mas ele sabe tudo sobre Coober Pedy.

Com essa recomendação ambígua, ele pulou da picape e seguiu em direção a um dos morros em cuja encosta via-se uma porta colorida. Conforme se aproximaram, eles viram que a porta estava enfeitada com inúmeras latas de cerveja achatadas e pregadas à superfície.

— Decoração interessante — comentou Nellie.

— Você ainda não viu nada — acrescentou Shep.

— Posso arranjar um preço amigo se vocês quiserem passar a noite. O Ken também aluga quartos. — Jeff abriu a porta sem bater e enfiou a cabeça lá dentro: — Cooo-eee! — ele gritou. — Tá em casa? É o Jeff, rapaz! Trouxe umas pessoas que querem te conhecer!

— Não precisa gritar, entra logo antes que a casa fique cheia de varejeiras, seu panaca! — uma voz gritou de volta.

Jeff piscou para eles:

— Não estranhem o jeito dele. O cara dá uma de australiano durão por causa dos turistas. Ele é meio surdo, por isso falem alto.

Eles se apertaram dentro da casa e Nellie rapidamente fechou a porta. Eles estavam num pequeno corredor. Uma luz fraca vinha das duas janelinhas perto da porta. Havia centenas de coisas pregadas na parede: placas de carro, adesivos de para-choque em várias línguas, camisetas, papéis de bala, cartões-postais. As coisas eram tantas que ficavam pregadas umas por cima das outras e formavam uma espécie de papel de parede maluco. Onde a parede não estava coberta, havia assinaturas e mensagens rabiscadas.

— A casa foi construída no interior do morro, então agora estamos embaixo da terra — Jeff explicou enquanto eles passavam por 1ma cozinha e uma sala de jantar. As paredes irregulares curvavam-se ao redor deles. Era como estar numa caverna, a não ser pelo fato de que havia um fogão, una geladeira, uma mesa de jantar e um tapete no chão.

Eles seguiram Jeff mais para dentro da casa, e ele os conduziu até uma sala de estar iluminada por abajures. Eles imaginavam que iam entrar em alguma espécie de bunker, mas em vez disso estavam numa sala normal, com um sofá marrom, uma mesinha de centro, uma prateleira de livros e uma TV. Foi preciso um minuto para se darem conta da parte bizarra: não havia janelas.

Mas depois daquele calor infernal lá fora, a casa parecia fresquinha e confortável.

Um homem velho estava sentado no sofá, lendo um jornal. Ele tinha a pele bronzeada da cor de uma noz, e era totalmente careca. Também vestia shorts cáqui e uma camiseta em que se lia NÃO PERGUNTE. Ele olhou para os recém-chegados por sobre os óculos de leitura:

— Bom dia, forasteiros. Quer dizer que vocês acharam minha espelunca? Então puxem um banco que eu vou botar lenha no churrasco.

— Pode parar, Kenny — afirmou Jeff. — Eles vieram pesquisar uma coisa na história de Coober Pedy, não para ver seu teatrinho de australiano durão.

— Você disse que esse é seu bando? — o homem perguntou, dando uma risadinha. — Eu sabia que você ia acabar mal. — Ele deu um tapa no próprio joelho.

— Teatrinho! — Jeff gritou. — Bom, enfim. Meus amigos precisam de umas informações. — Ele ergueu a voz. — Você já ouviu falar de um sujeito chamado Bob Troppo?

— Achamos que ele pode ter morado aqui nos anos 1930 — Amy acrescentou em voz alta. — Ele pode ter sido um minerador, mas não temos certeza disso. Não temos certeza do nome dele, talvez fosse Bob. O rosto dele tinha cicatrizes em um dos lados, e ele não falava.

— Prossiga.

— Achamos que ele conhecia alguém aqui... alguém que vendeu um anel para Amelia Earhart.

— Cacilda! — exclamou Ken. — Achei que o velho Ron só estava tirando uma com a minha cara.

— Você já ouviu essa história?

— Meu próprio pai me contou isso! Pouco antes da guerra, ele viajou para Darwin com umas opalas soltas e umas joias. Ele me contou uma história de que Amelia Earhart comprou um anel dele. Típico do meu pai, ele contava uma história absurda e você não tinha como provar que não era verdade.

— Bom, nesse caso era — disse Dan. — Temos certeza disso.

— Pena que ele não está aqui pra esfregar isso na minha cara. — O velho deu risada.

— E quanto ao homem com cicatrizes? — Amy perguntou.

— Deve ser o Fossie — respondeu Ken. — Meu pai chamava ele assim porque ele teve sorte no fossicking.

Amy e Dan fizeram cara de interrogação.

— *Fossicking* — explicou Jeff — é aquilo que eu falei, procurar opalas nos montes de areia que sobram depois que se escava uma mina. Exige muita paciência, garanto.

— Fossie ganhou mais dinheiro no *fossicking* do que na mineração. Era um sujeito estranho. Não falava, nunca olhava na sua cara. Com certeza tinha uns cangurus soltos no andar de cima.

— Alguém além de nós alguma vez perguntou sobre ele? — Dan questionou. Ele tinha esperança de ouvir notícias dos pais.

— Hein?

Dan repetiu a pergunta, desta vez mais alto.

— Não, ninguém — respondeu Ken. — Não resta muita gente em Coober Pedy que se lembre dele, e nós somos um povo fechado. Além disso, Fossie não conversava com ninguém no bar. Morreu antes de Coober Pedy virar uma cidade de verdade.

O rosto de Nellie mudou e Amy sabia que ela estava tentando não sorrir com a ideia de aquele vilarejo coberto de terra ser uma "cidade de verdade". Era como se ela tivesse acabado de inalar pimenta e estivesse tentando não espirrar.

— Você alguma vez encontrou com ele? — Dan perguntou.

— Uma única vez. Ele não gostava de visitas, isso eu garanto. Mas, quando estava morrendo, mandou chamar meu pai, e eu fui junto. Na época, eu era só um garoto. Ele deixou a mina dele para o meu pai. Não era muita coisa, nunca tiramos nenhuma pedra dela. Depois disso, ele saiu numa caminhada e nunca mais voltou. Morreu no deserto, sozinho, como ele queria.

— Você sabe onde ele morava?

— É claro que sei! Ele morava ali mesmo na mina. Cavou um quarto bem do lado dela. Muita gente fazia isso naquela época. Ele foi o primeiro a inventar um sistema de ventilação, a fazer o sistema funcionar direito.

Amy e Dan se entreolharam. *Ekat.*

— Será que a gente pode ver?

— Claro, fica ali no fim do corredor.

— Peraí — hesitou Amy. — Você está dizendo que Bob... quer dizer, Fossie... morava aqui?

— Bom, não exatamente aqui — disse Ken, apontando a sala com um gesto. — Meu pai aumentou a escavação e construiu a casa. Fossie só abriu um túnel e minerou dentro do morro. Cavou um quarto para ele mesmo.

— O quarto ainda existe? — Amy perguntou.

Ele fez que sim com a cabeça:

— Claro. Nós só erguemos uma parede pra bloquear a mina. Mas o quarto de Fossie ainda existe. Shazzer o arrumou para servir como quarto de hóspedes. Ela foi minha terceira esposa.

— Quarta, eu acho — Jeff disse. — E minha mãe, caso você não lembre. Você foi meu padrasto durante uns dois anos.

— Tem razão! — Ken deu risada. — Como você está, filhão? Claro, podem dar uma olhada — ele disse para Amy e Dan. — Faz no mínimo cinquenta anos, por isso acho que vocês não vão achar nada. Mas podem procurar à vontade.

# CAPÍTULO 16

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, AMY SE AJOELHOU E SENTOU NOS calcanhares:

— Ken tinha razão. Não tem nada aqui. Já faz muito tempo.

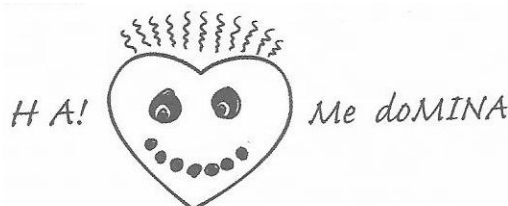
Eles tinham vasculhado atentamente o quarto mobiliado, inclusive o pequeno armário. Nada restava do lar que Bob Troppo construíra ali.

— Odeio becos sem saída — resmungou Dan. — Achei que dessa vez a gente tinha dado sorte.

Eles se levantaram abatidos e voltaram para o corredor com a decoração maluca. Amy virou de costas para dar uma última olhada e sentiu o sangue gelar. Ela apontou para a parede em cima da porta:

— Dan, olhe!

Entre velhos cartões-postais do mundo inteiro, desenhos malucos e várias mensagens rabiscadas, havia um desenho bobo.




— A mamãe desenhou isto — disse Amy perdendo o fôlego, apontando para o coração.

— Eu sei. Está desenhado com uma caneta roxa! E veja: os olhos são vermelhos e o sorriso é azul. Ela costumava fazer waffles em formato de coração para nós, com olhos de morango e sorriso de framboesa.

— A mãe de todo mundo faz isso — desdenhou Dan.

— Mas por acaso elas fazem cabelos cacheados de abobrinha? Olha! Verde!

Dan lançou para a irmã um olhar dolorido.

— Eu gostava de mergulhar a abobrinha no mel.

— HA — disse Dan.

— Tá bom, eu sei que é nojento, mas...

— Não, HA. Talvez signifique Hope e Arthur. Eles estiveram mesmo aqui! — Dan tremeu com um calafrio repentino, como se os fantasmas dos pais estivessem bem ali embaixo da terra com eles.

— Você acha que eles sabiam que a gente viria aqui? — Amy sussurrou.

Dan fez que não com a cabeça:

— Eles nunca iam imaginar que a gente participaria da busca pelas pistas. A Grace sabia desse negócio de abobrinha no waffle?

Amy fez que sim:

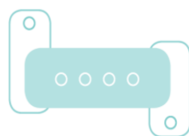
— Claro. Ela também fazia para mim.

— Então deve ser uma mensagem para a Grace — concluiu Dan. — Eles estavam dizendo para onde ela tinha que ir.

—Onde?

Dan apontou para o final da última palavra:

— A velha mina.



Já era fim de tarde, mas o calor continuava brutal. O ar quente parecia vibrar. Dan precisou espremer os olhos para ver o mapa que Ken tinha feito para eles. Eles ficaram de pé no morro atrás da casa de Ken. Ou melhor, Dan corrigiu mentalmente, em cima da casa de Ken.

— Ali atrás é um velho campo de mineração — Ken dissera —, por isso tomem cuidado com os poços de mina, nem todos estão sinalizados. O velho poço de ventilação do quarto de Fossie ainda está lá, vocês vão vê-lo perto do círculo de bandeiras laranja. Peguem o primeiro poço depois das bandeiras e desçam. Depois voltem pelo lugar de onde vieram. Não tem erro!

Eles deixaram a bagagem e Saladin com Ken, que tinha quartos vagos para aquela noite. Jeff teve que voltar para o trabalho e encontrar um ônibus cheio de turistas, mas Shep, Nellie, Amy e Dan avançaram pelo campo com cuidado. Viram as bandeiras laranja de advertência, brilhando contra o céu azul.

— Lá está o poço de ventilação, bem ali — Dan apontou. — Então, nós pegamos o poço seguinte.

— Não era exatamente isso que eu tinha em mente quando aceitei trazer vocês aqui — Shep acrescentou, evitando um poço. — Ver a paisagem, relaxar um pouco, tudo bem. Mas entrar numa mina velha não é o que eu chamaria de lazer.

— Você não precisa vir — sugeriu Dan. — Pode esperar a gente no bar.

— Não vou deixar vocês descerem sozinhos afirmou Shep. — Não pude ajudar vocês no passado, mas agora posso. — Ele sorriu. — Estou aqui para proteger vocês do fantasma de Amelia Earhart. Ou do diretor sem rosto da sua escola.

— Vice-diretor — corrigiu Dan.

— Chegamos — disse Nellie. Ela parou diante de um poço. Uma escada de ferro descia em direção a um fundo que eles não enxergavam.

— Bom, vamos lá exclamou Shep. — Se nós não voltarmos dentro de uma hora, Jeff virá nos procurar. Isso se ele não esquecer.

Shep se equilibrou com cuidado e começou a descer a escada. Dan foi atrás dele. Seus dedos escorregaram no metal, e ele agarrou com mais firmeza, com o coração batendo forte. Por que eles sempre iam parar embaixo da terra? Cavernas, túneis de metrô, catacumbas... Será que os Cahill eram vampiros que odiavam a luz do sol?

Nellie desceu e Amy ficou na retaguarda. Era um longo caminho até lá embaixo. Eles estavam encobertos pelo escuro, a luz que vinha do topo deixava os degraus um pouco visíveis. Por fim, Dan ouviu a voz de Shep.

— Cheguei. Eu chutaria que são uns 12 metros.

Uma luz se acendeu. Quando os pés de Dan finalmente encostaram no chão, ele soltou um suspiro trêmulo de alívio. Não que ele fosse contar a alguém como se sentia. Mas estava apavorado com a ideia de ter descido tão fundo por um buraquinho.

Todos tinham comprado lanternas potentes na cidade e Dan acendeu « dele. O brilho iluminou o poço. Um lampião sujo de terra havia sido abandonado num canto. As próprias paredes pareciam ter sido escavadas e esculpidas a mão.

— Certo. Se seguirmos o túnel principal e virarmos à esquerda, devemos achar a mina de Bob — disse Shep.

Dan sentiu os pulmões começarem a se contrair. A cada passo eles levantavam mais poeira, e ele sentiu o já conhecido aperto no peito.

— Você está bem? — sussurrou Amy.

— Estou — Dan respondeu. Ele não gostava de admitir que tinha dificuldade para respirar.

Nellie pôs a bombinha na mão dele e Dan a usou rapidamente. Ele olhou para a *au pair* com gratidão. O túnel ficou mais estreito. A cada poucos metros, eles chegavam a outro ponto que tinha sido explorado por um minerador. Dan achava que as paredes iam brilhar em muitas cores como as opalas, mas elas eram de um tom de bege opaco e arenoso.

O túnel se estreitava ainda mais e depois fazia uma curva acentuada à direita. Havia uma pilha de entulho em frente a uma abertura.

— Acho que é aqui — afirmou Shep.

Ele se ajoelhou e espiou por cima do entulho. Dan olhou por sobre o ombro dele. A abertura dava para uma pequena sala, parecida com uma caverna, O chão era liso e regular. Num canto havia um velho colchão manchado sobre uma cama de ferro.

— Ele deve ter morado na mina, além de naquele quarto na casa do Ken — Shep disse.

Amy e Dan entraram primeiro. Ali o lugar era um pouco mais iluminado por causa do poço de ventilação, que vazava uma luz fraca de um dos cantos.

Amy se agachou e pegou um jornal do chão. Ela o iluminou com a lanterna:

— É de Adelaide. Datado de 1951. Acho que estamos no lugar certo — ela disse. — Ken disse que Fossie foi embora daqui no começo da década de 1950. Se ele era jovem quando agrediu Mark Twain, devia estar com quase 90 anos.

Shep entrou pela abertura:

— Você disse que ele agrediu Mark Twain? — Ele ergueu as mãos, — Deixa quieto. Nem me contem.

Dan vasculhou a parede com o facho da lanterna.

— Amy, olhe isso — ele disse. — Ele escreveu em todas as paredes.

Antes Dan tinha achado que se tratava de uma estampa, mas percebeu que eram as palavras anel de fogo escritas numa letra pequena e apertada.

As palavras não tinham fim. Minúsculas, apagadas em alguns pontos, em outros cobertas de terra, elas percorriam o cômodo inteiro, repetidas inúmeras vezes, como um papel de parede bizarro que cobria cada centímetro da caverna. Dan e Amy iluminaram em volta com as lanternas.

— Quanto tempo vocês acham que ele demorou pra fazer isso? — Amy perguntou numa voz sussurrada.

— Anos — respondeu Shep, olhando ao redor. — Um sujeito tem que ser bem pinel pra fazer isso — ele disse, dando um assobio baixo.

— Anel de fogo — leu Dan. — O que isso quer dizer?

— Um anel de opala? — Amy perguntou. — As opalas têm brilhos vermelhos e amarelos.

Shep foi até a parede oposta e deu uma batidinha:

— Isto não é sólido. Deve ser o muro em comum com a casa de Ken. — Ele chegou mais perto e, sem querer, chutou uma velha caixa de ferramentas coberta por torrões de terra. Ele bateu na parede com os punhos. — Pois é, essa parede é de gesso. Engraçado...

— Amy! — Dan gritou. — Achei alguma coisa. Uma data! Está gravada na pedra.

1937 M

— E tem um M do lado dela! — exclamou Amy.

— Isso talvez signifique que Amelia Earhart realmente era uma Madrigal — concluiu Dan. — Bob sabia que ela estava procurando por ele. Foi o ano em que a Madrigal veio.

— Não temos certeza de que ela era uma Madrigal — retrucou Amy. — Ela pode ter vindo aqui para tentar protegê-lo dos Madrigal.

— Nossos pais devem ter visto este lugar — disse Dan. — Mas como eles entraram? E como saíram?

— Talvez a mamãe e o papai tenham ficado naquele quarto e de noite quebraram a parede para atravessar — sugeriu Amy. — Depois eles a consertaram.

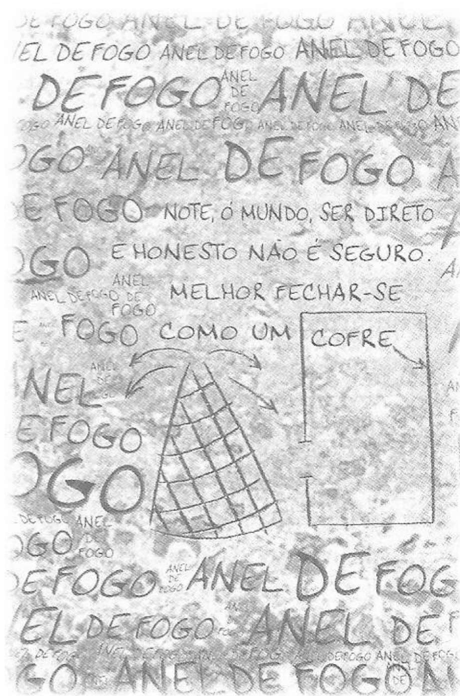
— Eles podem ter deixado para fora só uns pregos e um martelo — disse Shep —, depois empurrado a caixa de ferramentas pela abertura. Esta caixa não parece tão velha.

— O Ken não teria escutado — disse Dan. — Ele não escuta nada.

— Papai até que era um bom carpinteiro. Mamãe também — continuou Amy. — Eles fizeram várias reformas na nossa casa antiga.

— Ei, quem sabe nós somos Ekat! — Dan sussurrou. Ele chegou mais perto do poço de ventilação e olhou para a parede. — Tem um desenho aqui, e algum tipo de citação.

Parcialmente escondido dentro dos rios de palavras repetidas, eles viram:




— Isso é meio triste — disse Amy.

— Me parece uma filosofia dos Cahill — Dan murmurou. — Conte apenas mentiras, o tempo todo.

— Veja o desenho. Parece uma casquinha de sorvete de ponta-cabeça. Com setas.

— Pessoalmente, prefiro com cobertura de chocolate — brincou Dan.

— Acho que é um desenho desta sala — Amy mostrou. Esta abertura deve ser onde antigamente ficava a porta.

— Espero que ele não tenha largado o emprego — disse Dan. — Ele não tinha muito futuro como artista.

— "Ser direto e honesto não é seguro" — leu Amy. — Por que será que ele escreveu isso?

— Não foi ele que escreveu — acrescentou Nellie.

— Foi Shakespeare. Na peça Otelo. Eu interpretei Desdêmona no último ano do colegial. Nós ambientamos a peça no futuro e vestimos roupas de papel-alumínio. Foi um sucesso. Mas essa segunda parte não é do Shakespeare.

— Espera um instante — hesitou Dan. Ele ficou de joelhos e começou a examinar a parede.

— O que você está procurando? — perguntou Amy.

— É estranho ele ter escrito a palavra cofre bem no lugar onde escreveu. Talvez estivesse querendo indicar que tinha um cofre aqui.

Amy se agachou no chão junto com Dan. Eles passaram os dedos pela parede do canto.

— Encontrei uma fissura — exclamou Amy, empolgada. — Precisamos de alguma coisa para usar como alavanca.

Nellie fuçou na caixa de ferramentas e voltou com uma talhadeira. Amy cutucou a fissura devagar. Sentiu e a pedra começava a ceder. De repente, a pedra saiu na mão dela.

Dan espiou lá dentro:

— Tem uma abertura entalhada. — Ele enfiou a mão. — Peguei alguma coisa!

Seus dedos se fecharam em volta de alguma coisa lisa e fria. Ele tirou da abertura uma caixinha de metal. Abriu. Dentro havia um envelope de couro enrolado num cordão de couro.

Lentamente, Dan desenrolou o cordão. Ele abriu o envelope. Estava vazio.

— NÃO É JUSTO! — ele gritou.

Amy se deixou cair para trás, decepcionada:

— Outra pessoa chegou aqui antes!

— Tipo, nossos próprios pais! — Frustrado, Dan jogou de lado o envelope de couro.

— Espere. — Amy pegou o envelope do chão. Conseguiu enxergar nele algumas letras douradas e desbotadas. — É um monograma! R C H!

Ela olhou para Dan:

— Amelia estava procurando H, lembra? Deve ser o nome verdadeiro de Bob Troppo!

— Mas como vamos descobrir quem ele é? — perguntou Dan. — Não sabemos onde ele nasceu ou de onde ele veio...

— Enfim, é um ponto de partida. — Amy se apoiou para ficar de pé. — Precisamos do laptop.

Nellie, de repente, pôs um dedo nos lábios:

— Estou ouvindo alguma coisa — ela sussurrou. — Alguma coisa lá em cima...

Dan chegou mais perto do poço de ventilação. Ficou embaixo da abertura e olhou para cima. Ouvia o som de vozes, mas não enxergava ninguém, apenas um círculo fraco de céu azul.

— É aqui — alguém disse.

Dan viu uma sombra e pulou rápido para trás.

— Eca — alguém gemeu numa voz fina. — Não coloque elas perto de mim.

— Parece a Natalie Kabra — Dan sussurrou.

— Estou cercada de tolos — disse uma voz impaciente de mulher. — Me dê o vidro.

— Essa é a Isabel — sussurrou Amy.

De repente, algo caiu pelo poço de ventilação. Era uma coisa preta, do tamanho de um prato de sobremesa. Dan sentiu a coisa roçar em seu braço. Olhou para baixo e viu a maior e mais peluda aranha que já tinha visto. Ela começou a subir pelo braço dele em direção ao rosto. Dan deu um grito e recuou até a parede. Estava paralisado demais para encostar no bicho.

Shep foi depressa até ele:

— Está tudo bem — ele o acalmou. Shep espantou a aranha, que fugiu correndo no chão. — Não é venenosa.

— A-acho melhor a gente se afastar do poço — Amy disse.

Todos olharam para ela por um segundo. Então, quando uma chuva de aranhas começou a cair no chão, rapidamente pularam para trás. Em poucos instantes, havia um tapete de aracnídeos rastejantes e peludos que agitavam suas pernas grossas. Amy gritou.

— Pra trás! — Shep mandou. Ele engoliu em seco e apontou para uma aranha peluda no chão. — Essa é uma teia-de-funil. E ali tem outra...

Dan prendeu a re5piração. Ainda estava tremendo por causa do encontro com a aranha do tamanho de um prato.

— A aranha mais venenosa do mundo? — ele perguntou.

— Está tudo bem, ela não é agressiva — Shep o tranquilizou. — Só... não... assuste ela.

— C-como é que se assusta uma aranha? — Amy gemeu.

— E se a gente batesse um papo com ela? — Nellie perguntou com a voz trêmula.

— Certo, ouçam a boa notícia. — Shep vasculhou rapidamente o chão com os olhos. — Acho que só estou vendo duas.

— Você acha? — Nellie perguntou, pulando para longe de um espécime peludo.

Uma aranha-teia-de-funil tinha corrido para a saída. Ficou ali parada por um instante, erguendo as pernas peludas e, com hesitação, explorando o novo ambiente. A outra andava na parede, e eles se afastaram dela.

— Certo — disse Shep, observando as aranhas sem tirar os olhos das teias-de-funil. — Parece que só tem duas teias-de-funil, mas tem algumas costas-vermelhas. Não são mortíferas, se bem que a picada pode ser bem feia. Vamos ter que sair daqui. Sem problemas. Vamos só...

Com um baque abafado, outra criatura caiu na terra. A cobra se enrolou e levantou a cabeça.

Eles ouviram a risada de Isabel descendo pelo poço.

— Oiê! — ela falou. — Achei que vocês estavam se sentindo solitários aí embaixo. Mandamos uns bichinhos de estimação para vocês!

Dan engoliu em seco:

— Por favor, não me diga que isso é o que eu acho que é...

— Taipan — disse Shep, sem fôlego. — A cobra...

— ... mais venenosa do mundo — completou Dan.

# CAPÍTULO 17

A COBRA CRUZOU A SULINHA RASTEJANDO. DAN ACHOU QUE ELA NÃO parecia contente, depois daquela queda de mais de dez metros.

— Não entrem em pânico. Só deixem ela fazer o que tem que fazer — Shep sussurrou.

— Eu nem sonharia em interferir — disse Nellie, andando para trás.

— No veneno dela existe uma neurotoxina que pode causar paralisia — contou Dan. Mas o veneno também contém uma miotoxina. O que significa que ele pode decompor o tecido muscular...

— Realmente não precisamos dos detalhes — falou Nellie. — Será que dá pra resumir com um "não deixe ela te morder"?

A cobra marrom-alaranjada foi avançando devagar na direção da saída que dava no túnel principal. Sua língua aparecia e sumia na boca. Ela devia ter uns 2 metros de comprimento. Eles prenderam o fôlego quando o animal levantou a cabeça. Mas a cobra apenas se enrolou e ficou parada no chão da mina. Eles teriam que passar por cima dela para sair de lá.

Shep estendeu a mão e pegou um martelo:

— Alguma hora ela vai se mexer, podemos esperar. Dan sentiu o já conhecido aperto no peito. Sua respiração saía com um chiado. Ele tossiu, e Amy olhou para o irmão com preocupação.

— Você está bem?

— Estou. — Ele mal conseguiu pronunciar a palavra.

— Dan! Sua bombinha! — Havia urgência na voz de Nellie. — Está no seu bolso.

Ele enfiou a mão no bolso abarrotado. Ali dentro havia a embalagem de um doce, uma pedra legal que ele tinha achado no jardim de Shep e um pedaço de barra de cereais que ele estava guardando para comer depois. Quando Dan puxou a mão, a bombinha pulou para fora, voou pelo ar e caiu no chão da mina, rolando na direção da cobra.

O coração de todo mundo pareceu parar. O único som que se ouvia era a respiração difícil de Dan.

A bombinha parou de rolar a poucos centímetros da taipan.

O chiado da respiração de Dan ficou pior, e ele pôs as mãos no peito.

— Eu pego — disse Nellie.

— Não. — A voz de Shep era baixa, mas ressoava com autoridade. Ao mesmo tempo, ele já se mexia. Deixou o martelo a postos, para o caso de a cobra dar o bote, e chegou mais perto. A língua da cobra tremulava. Com agilidade, Shep chutou a bombinha de volta na direção de Nellie. Então, pulou para trás quando a cobra se movimentou. Ela rastejou mais uns cinco centímetros, depois parou. Amy soltou o fôlego, tremendo.

Nellie tirou uma aranha de cima da bombinha com o sapato. Rapidamente, ela a entregou para Dan.

Ele sentiu seus pulmões se abrirem. Sua respiração áspera ficou mais suave. Mas ele ainda sentia o aperto no peito, ainda estava lutando para respirar. Daquela vez era sério. Havia muita poeira no ar, e não ajudava seus nervos o fato de ele estar numa caverna cheia de criaturas venenosas. Ele se debruçou para a frente quando sua visão se encheu de pontos pretos. O pânico só faz piorar, ele disse a si mesmo.

— Apenas continue respirando, com calma e devagar, Dan — disse Nellie. Ela virou-se para Shep. — Temos que tirar o Dan daqui. Ele precisa de cuidado médico.

Dan ficou assustado ao perceber que não tinha fôlego para dizer *Estou bem*.

Uma aranha subiu pelo tênis de Amy, que deu um grito e pulou para longe.

— Está tudo bem, essa não é venenosa — Shep explicou. Então, falou para Nellie: — Pegue a caixa de ferramentas. Cuidado, veja se não tem nada rastejando nela.

Com muita precaução, Nellie pegou a caixa de ferramentas do chão e a entregou para Shep.

— Vamos fazer uma visita surpresa para o Ken — avisou Shep. — Só precisamos abrir uma nova porta. Aguenta aí, Dan.

Ele golpeou a parede com o martelo. Um pedaço dela caiu no chão.

— Dá um martelo — pediu Nellie. — Vou ajudar.

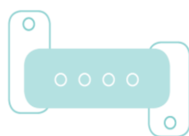
— Vocês dois, fiquem de olho na taipan e nas aranhas — mandou Shep. — Se elas vierem nessa direção, me avisem.

Ele batia na parede, que ia se desfazendo em pedaços. Nellie martelava com golpes potentes. Em poucos minutos, os dois tinham aberto um buraco grande o bastante para eles passarem. Dan foi primeiro, e então, um por um, todos foram dar no interior do closet de Ken.

Dan ficou sentado no chão, lutando para respirar.

— Ele precisa de um médico — disse Nellie, aflita.

— Ligue pro Jeff e diga que é uma emergência — mandou Shep. — E então diga pra ele chamar a polícia.



Quando eles conseguiram encontrar um médico, Dan já estava se sentindo melhor. O médico fez um exame geral e o aconselhou a ficar longe das minas de opala. Dan concordou na mesma hora.

— Essa é a primeira vez que eu ouço você dizer “sim, senhor” a sério para uma autoridade — Nellie disse sorrindo quando eles voltaram para o carro de Ken. Ela o abraçou e até lhe deu um beijo na cabeça, mas Dan não se incomodou.

— Nunca mais me assuste desse jeito, rapaz — ela ameaçou. — Senão...

—Pois é — acrescentou Amy. — Talvez a gente devesse deixar as minas fora do nosso itinerário por um tempo.

Ela disse isso numa voz calma, mas ainda estava abalada por ver o irmão tão pálido e aflito.

Ken não ficou feliz quando espiou seu quarto de hóspedes e descobriu que tinha perdido uma parede do closet. Isso sem falar no fato de que havia várias criaturas mortíferas rastejando do outro lado. Com a ajuda de alguns especialistas de Coober Pedy, a cobra e as aranhas foram capturadas e levadas embora. A polícia fez perguntas, mas Dan e Amy não tinham respostas. Shep não conseguia deixar de franzir a testa de preocupação. Por fim, Jeff e Shep se propuseram a levar Ken para o bar, para que ele pudesse se acalmar.

Tinha sido um longo dia. Mesmo assim, Amy estava com comichão para pesquisar as iniciais encontradas no envelope de couro. Depois de um rápido jantar, ela ligou o laptop de Dan.

— Certo — ela disse, com os dedos a postos nas teclas. — O que nós vamos procurar? Digitar as letras RCH não vai nos levar a lugar nenhum.

— Acho que podemos supor que o C significa Cahill — sugeriu Dan.

Amy concordou com a cabeça:

— Eu estava pensando a mesma coisa. E se pudermos situá-lo na Sydney de 1896, eu diria que ele tinha pelo menos uns 20 anos de idade. Então, isso quer dizer que ele nasceu mais ou menos...

— Nos anos 1870 — concluiu Dan.

Amy acessou um site de busca:

— Certo. Vamos começar com Robert Cahill alguma coisa... só para o caso de Bob ser o nome verdadeiro dele. Vou tentar... “Robert Cahill” com “Sydney” e “1890”. — Amy resmungou quando uma longa lista de ocorrências apareceu na tela. — Nada parece promissor — ela murmurou.

— Tente “Darwin” — sugeriu Dan. — É uma cidade menor.

— Principalmente naquela época — concordou Amy.

Amy digitou “Robert Cahill”, “anos 1890” e “Darwin”. Veio outro rio de informações. Ela deu uma olhada na lista.

— Isso não está dando certo, fica aparecendo um monte de referências a Charles Darwin... Peraí... — De repente, Amy se endireitou na cadeira. — Tem que ser isto! Achei o nome dele! É...

# CAPÍTULO 18

— ROBERT CAHILL HENDERSON — ISABEL REPETIU NO TELEFONE celular. — Entendi.

Ela virou de costas para falar com os passageiros no banco de trás. Eles tinham saído de Coober Pedy em alta velocidade, mas ela tinha parado na beira da estrada para atender ao telefonema que estava esperando.

— Já estava na hora de alguém fazer alguma coisa direito. A base secreta dos Lucian usou o computador central para analisar todos os Ekaterina conhecidos, de 1840 a 1900. O computador tinha uma ocorrência para Coober Pedy e Cahill. Pelo jeito, até um mudo lunático tem que usar o nome verdadeiro para pedir uma autorização de mineração. Robert Cahill Henderson é o nosso homem.

— Então aonde vamos agora? — Natalie perguntou, jogando seus longos cabelos sedosos por cima do ombro. — Tomara que seja um lugar bom para fazer compras. Dubai? — ela perguntou, esperançosa.

— Jacarta — respondeu a mãe dela.

— Onde fica isso? — indagou Natalie, jogando-se no encosto do banco. — Não parece glamouroso.

— Por que eu estou pagando pelos seus estudos?

— Isabel questionou. — Jacarta fica em Java. Henderson viajou dali para Sydney num navio chamado Lady Anne, em 1883. — Isabel olhou para Trina.

— Qual é o "problemski", camarada? Está preocupada com Dan e Amy, aqueles coitadinhos? Eles parecem ter sete vidas. Eles sobreviveram. Esse sustinho vai mantê-los na linha.

Irina não disse nada. Aos seus pés estava o vidro vazio e a caixa que o Arranjador entregara a Isabel. Isabel estava assobiando enquanto carregava a caixa para o avião particular que fretara para levá-los a Coober Pedy. Ela também tinha conseguido um jipe para uma viagem partindo de Adelaide.

Irina ficou sem saber o que havia dentro da caixa até que Isabel a abrira. Isabel sorriu ao tirar dali o vidro de aranhas mortíferas. Planejara soltá-las no quarto de hotel dos Cahill, mas aquilo era ainda melhor. Jogaras aranhas pelo poço, bem em cima da cabeça deles! Isabel também manuseara a cobra com facilidade. Não havia uma gota de suor em sua testa quando ela abriu o trinco e a segurou por trás, usando luvas pesadas. Ela sentira prazer em fazer aquilo. Prazer em estar perto de um terror tão fatal.

— Quero que você siga os fedelhos Cahill enquanto eu levo lan e Natalie comigo. Mande informes sobre a movimentação deles. Se por acaso eles partirem a caminho de lava, faça com que se atrasem. Estou cansada dessas crianças na minha aba.

— E depois? — Irina perguntou.

— E depois o quê? — retrucou Isabel, irritada. Ela estava conferindo o batom no espelho retrovisor e o inclinou para encarar Irina.

Eles não vão ficar longe por muito tempo — continuou Irina. Nós já vimos como são teimosos. O que você planeja fazer com eles no final?

Isabel deu de ombros:

— Ainda não planejei isso. Estou concentrada nesta pista. Talvez até encontremos todas as 39 pistas... Dá pra imaginar, crianças?... Porque temos quase 100% de certeza de que Robert Cahill Henderson possuía a maioria delas, se não todas. Amy e Dan serão insignificantes. Serão apenas pó. Não vai valer a pena lidar com eles.

Isabel brincou com os amuletos de ouro na pulseira, depois voltou a atenção para as unhas. Irina observou a indiferença despreocupada de Isabel, como se ter unhas impecáveis fosse a coisa mais importante do mundo. Ela

conhecia Isabel bem demais, e há tempo demais. Era verdade que o esmalte era muito importante para ela. Porém, livrar-se do pó também era.

Isabel tinha usado alguns de seus melhores truques para afugentar as crianças. Logo, ela libertaria sua ira. Irina podia senti-la crescendo.

*Esta estrada tem sido longa, ela pensou. Agora, posso finalmente ver seu fim.*

# CAPÍTULO 19

— ROBERT CAHILL HENDERSON FOI UM QUÍMICO BRILHANTE — AMY LEU rapidamente. — Ele era noivo de uma prima da rainha Vitória. E um defensor das teorias de Darwin. É por isso que o site de busca achou tantas ocorrências. Isto é fascinante...

— Ahã. Me acorde quando acabar — disse Dan. Ele estava esticado em uma das duas camas no quarto de hóspedes de Ken. Olhou de relance para o closet. — É certeza que eles pegaram a cobra?

— Certeza. Enfim, um dia, de repente, ele rompeu o noivado, o que na época era uma coisa muito séria, e partiu para o Pacífico Sul. Disse que ia estudar mais a fundo as teorias de Darwin. Mas ele não era naturalista, era químico — Amy acrescentou, pensativa. — Por isso é estranho.

— Que seja — disse Dan, bocejando. — Quando chega a parte fascinante?

— Ele contornou as ilhas da Indonésia até se assentar em uma delas para realizar experimentos. Foi dado como morto na erupção do Krakatoa em 1883.

— Caca-quem?

— Krakatoa — disse Amy. — Foi uma explosão vulcânica enorme. Na verdade, uma série de explosões. A montanha basicamente implodiu. Depois vieram tsunamis imensos que mataram umas 36 mil pessoas. Mesmo na

Austrália deu para ouvir o barulho da última explosão. A nuvem de poeira que veio depois criou cenas espetaculares no pôr do sol, até nos Estados Unidos.

— Agora você está chegando na parte legal.

— É isso! A casquinha de sorvete de cabeça pra baixo! — Amy disse, empolgada. — Era um vulcão! Ele estava desenhando o Krakatoa. Mas por que ele de repente abandonou a noiva e foi para a Indonésia? Tem que existir um motivo.

— Claro — disse Dan. — Ele era um cara esperto. As opções eram casar ou ir tomar sol na praia. Não tem comparação. Mesmo com o vulcão, esse cara estava na vantagem.

— Então, ele devia estar nas redondezas do Krakatoa quando a erupção começou. Mal conseguiu escapar vivo — disse Amy. — Ele chegou a Sydney de alguma maneira. E desde então, os Cahill e os Madrigal estão procurando por ele. Por quê?

*Se vocês encontraram alguma coisa, ela pertence a todos nós. Se vocês ficarem com ela, vocês são ladrões. É simples assim.*

Era muito estranho. O rosto de Dan estava em sua frente, mas ela se ausentara, por um breve instante. Em pé, de camisola, ouvindo a conversa dos adultos.

— Terra chamando Amy — brincou Dan.

*Ela não caiu no sono enquanto as pessoas não partiram. Ouviu a porta da frente se fechar. Olhou para fora para garantir que eles tinham mesmo ido embora. Mas eles estavam ali, juntos, embaixo da janela. Ela levantou um pouco a persiana para poder olhá-los de novo. Só conseguia enxergar o topo de suas cabeças.*

*— Ora, coragem — disse a moça bonita. — Temos nossa resposta. Eles o localizaram na Austrália. Isto precisa ser resolvido hoje à noite.*

Culpa dela.

Culpa dela.

— Amy? Você saiu do ar. — Dan olhou para ela. — Sério mesmo, está tudo bem?

Amy olhou para o irmão. Para o seu rosto pálido, o modo como ele estava preocupado com ela mas tentava não estar. A crise de asma o castigara

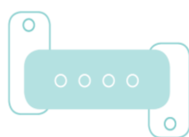
muito, embora ele fingisse que não. Ela via a exaustão em suas olheiras profundas.

— Estou bem — ela respondeu.

— Então, qual é a próxima parada, capitão? — perguntou Dan. — Voltar pra Sydney?

Ela limpou a garganta. Sua voz soou enferrujada aos seus ouvidos:

— Darwin. Temos que continuar seguindo os passos deles.



No avião na manhã seguinte, Amy se acomodou no assento e abriu a biografia de Amelia Earhart que tinha emprestado de Shep. Ela não sabia o que estava procurando, por isso foi folheando o livro, lendo diversos trechos, enquanto Nellie se isolava do mundo com seus fones de ouvido e Dan atacava um pacote de batata frita sabor frango. Uma boa noite de sono havia restituído seu habitual apetite insaciável.

—Dan, ouça isso — ela gritou. — Em 1935, quando Amelia estava no Havaí, ela foi consultar um vulcanólogo famoso!

—Fascinante! — disse Dan, abrindo a embalagem de um chocolate.

— Você não entende? Ela podia estar coletando informações sobre o Krakatoa já naquela época — explicou Amy.

Dan fechou os olhos e fingiu que estava roncando. Amy deu um suspiro e pegou as páginas que achara na internet e imprimira na impressora de Ken. Ela leu relatos da primeira erupção. De quando em quando, lia algum fato interessante para Dan, mesmo que ele tivesse feito uma bola com todas as embalagens e fingisse jogar basquete. Então, ela leu uma história que a fez se endireitar no assento. Leu outra vez, devagar.

—Dan!

— *Cesta!* Outra de três pontos!

Amy jogou um travesseiro nele.

— DAN! Ouça isto. Durante o dia da erupção, um navio a caminho de Batávia... era assim que eles chamavam Jacarta naquela época... teve um problema. Eles deram de cara com uma enorme nuvem de cinzas. E depois um monte de pedra-pomes... ou seja, rocha vulcânica.., começou a cair como chuva no convés. Então, o capitão quis parar num porto a quilômetros de distância. Eles nunca conseguiram chegar no porto, tiveram que mudar de direção. Mas olha isso... o carregamento era de wolfrâmio.

Dan endireitou o corpo:

— Wolfrômio? Isso é tungstênio, uma das pistas.

— E não é só isso, O capitão menciona que eles tinham vários pés de mirra no convés. E estava chovendo pedra-pomes e cinzas, por isso ele precisou mandar a tripulação levar tudo para baixo. Qual é a chance de um navio estar carregando ao mesmo tempo tungstênio e mirra?

— Eles estavam trazendo pistas. Provavelmente para Henderson, certo?

— Só pode ter sido! Ele estava juntando pistas! — exclamou Amy. — É isso! Ele era um cientista, por isso estava trabalhando em alguma espécie de fórmula. Talvez seja por isso que é tão importante tentar encontrá-lo, por que todos os clãs estão atrás dele. Ele montou algum tipo de laboratório... — Amy deu um murro no assento. — No Krakatoa! É isso! Ele precisou encomendar materiais. E então, quando o Krakatoa entrou em erupção... o laboratório foi destruído. Ele deve ter sido pego no tsunami... mas sobreviveu.

— Então, só o que sobrou... foi o que estava na cabeça dele — concluiu Dan. — E ele era pinel.

Amy concordou com a cabeça, lembrando dos escritos insanos e obsessivos na mina:

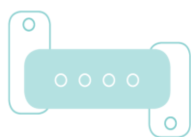
— Aposto que ele era mesmo um Ekat. Ele atacou Mark Twain, por isso não pode ser um Janus. E Isabel não parece saber muita coisa sobre ele, por isso ele não pode ser um Lucian. Ele com certeza não parecia ser um Tomas.

Dan franziu a testa:

— Nós sabemos que um Lucian, Constantino da Rússia, encontrou c maioria das pistas no começo do século XIX. Parece que dois dos clãs estavam chegando bem perto naquela época.

Amy apontou para os papéis:

— Sabe o que mais diz aqui? A ilha de Java é parte de uma área inteira de vulcões no Pacífico, chamada de Anel de Fogo. RCH não estava falando de opalas. Estava falando de Java. É pra lá que temos que ir agora!



Nellie assumiu o comando do avião e Shep veio se esticar em um dos assentos. Ele piscou quando Amy e Dan mencionaram Jacarta.

— Eu disse que faria qualquer coisa por vocês, e vou fazer, mas meu avião não tem esse alcance — ele explicou. — Acho que são uns 2.500 quilômetros. É melhor vocês pegarem um voo comercial. Tem um monte partindo de Darwin. Tenho um telefone via satélite, posso fazer a reserva daqui mesmo. — Shep hesitou. — Confio em Nellie para tomar conta de vocês. Mas não tem nenhuma chance de desencanarem de Java? O perigo parece estar perseguindo vocês.., ou é isso, ou vocês têm um azar incrível. Vocês podiam passar uns tempos comigo. Não que eu seja uma figura paterna nem nada assim... sou só um surfista vagabundo. Vocês não podem desistir de... fazer essa tal coisa que não querem me contar o que é?

Amy piscou para represar as lágrimas que surgiram de repente.

— Seria uma honra passar uns tempos com um surfista vagabundo como você. — Ela engoliu em seco. — Mas precisamos fazer isso.

Shep olhou nos olhos dela por um instante. Então, fez que sim com a cabeça:

— Eu também nunca tentei convencer o Artie a desistir de nada.

Enquanto Shep fazia as reservas, Amy olhou para baixo. Eles estavam sobrevoando terra vermelha e penhascos altos, um rio azul-escuro que serpenteava através de um cânion. Era um belo espetáculo.

— Katherine Gorge — Shep disse a ela, desligando o telefone. — Tem vistas impressionantes aqui no Top End.

— Queria que... — Amy começou, mas não completou a frase. *Da próxima vez que eu viajar ao redor do mundo, seria legal realmente ver as coisas.*

— Coloquei vocês num voo que parte mais ou menos uma hora depois que chegarmos — disse Shep. — Vai ser bem apertado, mas eu conheço o aeroporto. A gente dá um jeito. — Ele olhou para Amy e Dan. — Vai ser uma correria quando chegarmos lá, por isso parece uma boa hora para eu dizer que, se vocês algum dia precisarem de mim pra alguma coisa, é só falar. Não vou deixar vocês na mão de novo.

— Obrigada — agradeceu Amy. — E você não deixou a gente na mão.

— Você nos ajudou quando uma outra pessoa teria gritado e corrido — disse Dan. — Somos primos para a vida inteira.

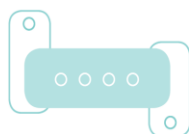
— E mais uma coisa acrescentou Shep. — Até agora fui expulso da minha praia favorita, quase bati o avião na pista de decolagem, quase morri numa mina e tive que ficar conversando com o cara mais chato de Coober Pedy num bar durante duas horas. Isso sem falar que eu me apeguei a vocês três. Então, desembuchem. A verdade. Acho que eu mereço saber. O que está acontecendo realmente? E sem aquele lance de alienígenas.

Amy e Dan se entreolharam.

— Certo — começou Amy, soltando o fôlego. — Nossa avó Grace deixou um testamento que nos fez escolher entre 1 milhão de dólares e uma busca por 39 pistas que, quando forem combinadas, vão fazer de nós as pessoas mais poderosas do mundo. Então, escolhemos a busca. Assim como vários de nossos terríveis parentes CahilI. Todos eles tentaram matar a gente em algum momento.

Shep suspirou:

— Se não querem me contar... Vocês é que decidem.



Em menos de uma hora, a cidade de Darwin erguia-se à frente, curvada ao redor de um belo porto. Para além dela havia um vasto mar azul. Eles aterrissaram e atravessaram o aeroporto correndo até o guichê da linha aérea.

— Isso é impossível — eles ouviram uma voz dizer. — *Deve* haver assentos na primeira classe.

A funcionária do balcão se debruçou para dar a resposta. Amy, Dan e Nellie se esconderam atrás de uma pilastra. Shep fez o mesmo, curioso.

— Que foi, galera? Outro bando de alienígenas sanguinários?

— Exatamente — disse Dan.

— Não podemos pegar esse avião — sussurrou Amy.

Shep espiou pela beirada da pilastra e viu Isabel, Natalie e lan.

— Não me parecem tão maus — ele falou.

— Eles só tentaram matar você com a cobra mais venenosa do planeta — explicou Dan.

— Nós precisamos chegar em Java — disse Amy.

Shep fez que não com a cabeça:

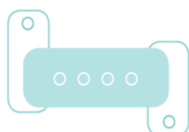
— É perigoso demais. Não posso deixar vocês irem.

Amy olhou para ele com firmeza. Não havia súplica nesse olhar, apenas determinação:

— Você disse que ia ajudar a gente, não importa o que custasse.

Relutante, Shep fez que sim com a cabeça:

— Não curto isso, mas tudo bem. Hora do plano B. Vamos dar uma olhada na sala dos pilotos.



Shep os conduziu para a área do aeroporto aonde chegavam os voos fretados. Entrou na elegante sala como se ela lhe pertencesse e vasculhou o recinto com os olhos.

— Estamos com sorte — ele sussurrou para Amy, Dan e Nellie. — Vejo uma pessoa que me deve um favor.

Eles foram atrás de Shep, que avançou casualmente até um homem alto usando um uniforme de piloto, sentado com um copo de café perto da janela.

— Greg! — Shep chamou. — Legal ver você aqui, meu chapa!

— Shep, faz um milhão de anos que eu não te vejo. Quando você vai tomar vergonha na cara e arranjar um emprego de verdade?

— Nunca, eu acho. — Shep brevemente apresentou todos eles. — O negócio, cara, é que a gente está com um probleminha. Precisamos ir para Jacarta. E, por acaso, lembrei que você me deve um favor.

— Não, senhor. Você me deve um favor.

— O quê? Lembra daquele lance que eu fiz pra você lá em Brisbane no ano passado?

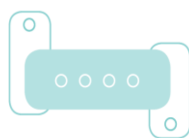
— Eu retribuí em Perth, em dezembro.

Shep coçou a cabeça:

— É verdade. Bom, você tem algum serviço pra fazer agora?

— Acabei de voltar de um. Vou tirar umas semanas de folga.

— Perfeito! Então, estou prestes a te dever mais um favor. — Shep sorriu largamente para o amigo. — Me empresta o seu avião.



Eles não sabiam como Shep conseguiu, mas ele conseguiu. Como tripulantes de um serviço de frete eles passaram pela segurança. Ficaram esperando na sala cheia de almofadas enquanto Shep cuidava dos detalhes da partida.

— Beleza — disse Shep, esfregando as mãos. — Estamos prontos. Hangar 8. Estou doido pra mexer nesse avião. É um jato de luxo. Incrivelmente maneiro.

— Você realmente salvou a gente — falou Amy. — Obrigada.

— Estou fazendo isso pelo Artie e pela Hope — Shep respondeu. — E por vocês dois. Somos uma família. Acho que, depois de todos esses anos, finalmente entendo o que isso quer dizer. Por isso, devo a vocês um obrigado maior ainda.

— Família, cara. — Dan estendeu o punho, e Shep fez o mesmo. Eles bateram um punho no outro.

— Família — Amy repetiu. Ela bateu no punho de Shep também.

Shep limpou a garganta:

— Certo. Agora vamos embarcar nesse avião antes que eu mude de ideia.

Eles foram recebidos por uma brisa úmida quando saíram da sala dos pilotos e andaram até o avião. Dan subiu os degraus e espiou lá dentro. Era uma aeronave luxuosa, com assentos aveludados, uma área para refeições e telas em todos os assentos.

— Nossa! — exclamou Dan. — Viajar com estilo! Até que enfim!

— Vai ser um voo de mais ou menos oito horas — disse Shep. — Deve ter um bom estoque de comida a bordo, e filmes, jogos, o que vocês quiserem. — Ele virou-se para Nellie. — Aposto que você nunca viu uma belezoca que nem essa.

— Na verdade, já pilotei um desses de Akron para Reikjavik — respondeu Nellie.

— Uau, que mulher enigmática — disse Shep. — Que tipo de *au pair* é você?

— Eu só gosto de pilotar — explicou Nellie.

— Estou vendo que meus primos estão em boas mãos — Shep disse para ela. — Frieza diante de uma taipan e capacidade de pilotar um voo transcontinental. Ótima combinação.

Amy franziu a testa para Dan. Que outras surpresas Nellie ia tirar da manga?

Nesse exato instante, vários seguranças uniformizados vieram na direção deles.

— Com licença, senhor — o mais alto deles disse educadamente para Shep. — Posso ver seu passaporte? — O segurança estendeu a mão.

— Nós já passamos pela segurança — afirmou Shep.

— Seu passaporte, por favor. — A voz do homem era firme.

Shep conferiu os bolsos dos shorts:

— Achei que estava aqui. Espera um instante.

— Vocês todos podem vir conosco, por favor?

— São eles! São meus queridinhos! — A voz ecoou de um lado ao outro do hangar.

Uma mulher de vestido preto entrou correndo no hangar, com as mãos juntas. Eles demoraram para reconhecer Irina. Ela estava usando um cachecol amarrado embaixo do queixo e pequenos óculos sem aro.

— Achei minhas tortinhas! — ela exclamou. — Vocês estão bem? Ele machucou vocês?

— Ele quem? — perguntou Dan.

Esta mulher diz que é prima de vocês — disse o segurança.

— Ela é — admitiu Amy. — Tecnicamente, mas...

O segurança virou-se para Shep:

— Neste caso, você está preso por sequestro.

# CAPÍTULO 20

— ISSO É RIDÍCULO! — SHEP EXCLAMOU QUANDO ELES VOLTARAM PARA o hangar. — Eu também sou primo deles!

— Vejam como ele diz grande mentira pela boca — disse Irina, enxugando os olhos com o lenço. Ela estava forçando seu sotaque russo. — *Maiá morkovká!* — ela gritou para Amy. — Minha cenourinha! Como meus olhos ansiaram por pousar no seu rosto!

Amy agarrou o braço de Shep:

— Ele é nosso primo!

— Posso ver seu passaporte, senhor? — o segurança perguntou a Shep com voz severa.

— Estava comigo até agora há pouco...

— Venha cá, meu tesouro — Irina chamou Dan, tentando abraçá-lo. — Eu sou como avó para estas crianças. Elas fugiram de tutora em Boston. Veja documentos. Veja! Sede do Serviço Social, cidade Massachusetts, está procurando. Mandaram trazer de volta para casa.

— Tudo parece em ordem — disse o segurança, examinando os documentos. — Parece que o Serviço Social está procurando esses dois nos Estados Unidos.

— Essa mulher é uma espiã mentirosa e assassina! — Dan gritou, apontando para Irina.

— Ela tentou nos matar! — berrou Amy. Irina enxugou de novo os olhos, que estavam totalmente secos:

— Eles sempre tiveram problema com autoridade — ela disse ao policial. — Você conhece crianças americanas, tão mimadas. Mas são minhas tortinhas, e amo os dois. São minha família.

— Você disse que é babá e prima deles? — perguntou o segurança.

— Uuuuuuu — chorou Irina, cobrindo o rosto com o lenço. — Meu coração fica quebrado como xícara, só de ver esses doces rostinhos de anjo!

Até o segurança ergueu a sobrancelha. Amy achou que Irina estava forçando a barra. Obviamente, ela não tinha muita prática com sentimentos.

— Se vocês, por favor, me deixarem voltar para o avião, posso pegar os documentos — explicou Shep.

— Com certeza guardei no lugar errado, mas eles não podem estar muito longe.

— Não se mexa. — O segurança virou-se para Amy e Dan. — Essa senhora é Trina Cahill e ela diz que...

— Ela não é uma Cahill! — Amy gritou. — Quer dizer, ela é, mas esse não é o nome dela!

O segurança enxugou o suor da testa:

— Será que vocês todos podem parar de gritar? Estamos tentando esclarecer essa história.

Outro segurança saiu correndo do prédio. Ele sussurrou na orelha do chefe. Amy ouviu a palavra Interpol.

O chefe dos seguranças virou-se para Irina:

— A senhora por acaso conhece uma tal de Trina Spasky?

— Nunca ouvi falar — afirmou Trina, com um olhar vazio. — Spasky é nome comum em Rússia.

— Ela é Irina Spasky! — Amy gritou.

— Essa pessoa está sendo procurada pela Interpol por... hã... diversos crimes internacionais. — O segurança consultou a lista. — Dubrovnik, 2002: viajar usando passaporte falso. Sófia, 1999: injetar veneno paralisante em homem não identificado. Sri Lanka...

— O segurança parecia pálido. — Caramba.

— Essa pessoa é ela! — Dan gritou. — Tranquem essa russa na cadeia e joguem a chave fora!

Irina sorriu:

— Crianças bobas. Digam, senhores, por que não estão procurando criminosos como essa Spasky, em vez de acusar pobre babá russa tentando salvar crianças de sequestrador?

O segurança deu um suspiro:

— Isso é o que a senhora diz.

Shep começou a falar com o segurança, explicando que era primo de Arthur Trent e cidadão respeitável, com um plano de voo e um avião que precisava decolar. Ele puxou Nellie para a discussão.

Irina voltou-se para Amy e Dan. Ela baixou a voz e disse num sussurro:

— Estou aqui para ajudar vocês. Vocês estão indo direto para uma armadilha.

— Ah, jura? Porque parece que nós já estamos numa armadilha — ironizou Dan.

— Você não perde a chance de me alfinetar — disse Irina. — Eu entendo.

— É você quem tem agulhas nos dedos — falou Dan.

— Não vamos cair na sua armadilha — afirmou Amy, furiosa. — Você deve ter pensado que matou a gente naquela mina...

— Eu não estava envolvida no que aconteceu — disse Irina. — Eu não sabia qual era o plano de Isabel até o momento em que ela o pôs em prática. Eu teria impedido se pudesse.

— Mentirosa!

— Vocês ainda não perceberam quem é seu verdadeiro inimigo?

Dan apontou para Trina:

— Bingo!

— Não vão para Jacarta. Se Isabel souber que estão lá, ela vai matar vocês, entenderam?

— E, de repente, você vira nossa avó? — perguntou Dan com escárnio. — Tenha dó. Você teria matado a gente se tivesse a chance.

— Amy. — Trina disse o nome dela em voz baixa.

Amy nunca ouvira aquele tom na voz de Irina. No começo, não entendeu direito o que era, mas então ela percebeu: estava faltando o sarcasmo.

— Isabel lhe disse que fui eu quem matou seus pais. Correto?

Amy apenas continuou olhando.

A cabeça de Dan alternava entre Irina e Amy:

— O que foi que ela disse?

— Ela mentiu. Ela está disposta a contar qualquer mentira para conseguir o que quer. Você se lembrou de mais alguma coisa a respeito daquela noite?

— Nossos pais foram assassinados? — Dan perguntou num sussurro. Ele lançou um olhar desnorteado para Amy. Parecia um menino perdido. Era exatamente o olhar que Amy temia ver.

— Sim — Amy respondeu. — Eu lembro de você.

Ela fez a acusação com frieza, esperando que Trina mordesse a isca. Trina devia ter estado lá, mesmo que Amy não se lembrasse dela.

— Mas não só eu, correto?

— O que está acontecendo? — indagou Dan com a voz trêmula.

— Por quê? — perguntou Amy. Ela forçou as palavras a vencer o caroço em sua garganta. — Como você foi capaz?

— Não fui eu — respondeu Trina. — No entanto, eu estava lá.

— Isso se chama ser cúmplice de assassinato — argumentou Amy.

O rosto de Dan parecia ter encolhido de tanta perplexidade. Era como se alguém tivesse lhe dado um chute forte no estômago. A voz de Shep ficou mais alta:

— Se vocês pelo menos deixassem eu voltar pro meu avião!

— Acho que o avião não é seu — disse o segurança. — Está em nome do sr. Gregory Tolliver, e estamos tentando entrar em contato com ele. Infelizmente, o celular dele está desligado.

— Ele é meu camarada — explicou Shep. Vai confirmar o que estou dizendo.

— Bom, se eu não conseguir falar com ele, vai ser difícil ele fazer isso.

— Só estou dizendo...

— Cúmplice, não — Irina disse rapidamente para Amy. — Eu fui embora. Mas pelo menos um de nós ficou. Você lembra quem?

— Por que você não me diz?

— Porque você precisa lembrar.

— Você fica sugerindo que é a Isabel. Eu sei muito bem o que você quer que eu diga. Qual é a diferença entre vocês duas? Ela acusa você, e você acusa ela.

O rosto de Irina perdeu cor:

— Qual é a diferença entre nós? — ela repetiu. — Ainda estou descobrindo.

— Podemos voltar para a sala dos pilotos, por favor? — Nellie pediu ao segurança. — Isso é muito estressante para as crianças.

A mão de Irina prendeu o pulso de Amy:

— Você precisa acreditar em mim...

— Ei! Tira a mão da minha prima! — Shep mandou. — Você vai deixar ela fazer isso? — ele perguntou para o segurança. Por uma fração de segundo, ele olhou para Amy. Ergueu o punho e deu um soquinho no ar. *Família*, pensou Amy. Era como se Shep estivesse se despedindo.

Irina soltou a mão de Amy e se aproximou:

— Não posso impedir vocês — ela disse depressa. — Mas lembrem-se da minha advertência. Por enquanto, é a única esperança que tenho.

— Está bem — o segurança disse para Nellie, distraído quando Shep começou a discutir com Irina. — Mas não saiam da sala!

— Pode deixar! Combinado, amigo! — Nellie disse num tom jovial e puxou Dan e Amy consigo. Assim que eles se afastaram um pouco, ela murmurou: — Vamos voltar pro avião.

— O quê?

Shep me passou a documentação. Estava no bolso dele. Podemos ir embora.

— Você consegue pilotar essa coisa? — perguntou Amy, nervosa.

— É baba — respondeu Nellie.

— Mas, e os seguranças? — perguntou Dan.

— É por isso que a gente precisa ir depressa — explicou Nellie. — E discretamente.

— Como se rouba um avião discretamente? — perguntou Dan.

— Assim.

Nellie andou até o avião. Olhou de relance para trás, depois subiu a escada correndo. Amy e Dan foram atrás.

— Apertem os cintos. Vou falar com a torre pelo rádio. Shep me disse que há uma boa chance de eles ainda não terem anulado as informações do voo. Aliás — Nellie virou-se por um breve instante para sorrir para eles —, ele desejou boa sorte.

Amy e Dan, nervosos, apertaram os cintos enquanto Nellie falava com a torre de controle. O avião foi deslizando até a pista. Amy apertou o nariz na janela. Shep estava abanando os braços e falando com os seguranças, que nem suspeitavam que o avião estava indo embora.

Irina permaneceu imóvel, de olho no avião. Amy esperava que a qualquer momento ela fosse alertar os seguranças. Mas ela apenas ficou ali, observando.

*Por que ela estava deixando eles partirem?*

— Prontos pra decolar! — avisou Nellie enquanto o avião acelerava. Em pouco tempo, eles estavam avançando pela pista em alta velocidade. Amy apertou com força o apoio de braço. Estava torcendo para Nellie não ter exagerado seus dotes de piloto.

— Será que nós temos paraquedas? — ela perguntou a Dan. Ele não respondeu. Ele também estava agarrado ao apoio de braço.

O avião fez uma decolagem suave. Ergueu-se no ar, sobrevoou a cidade de Darwin e partiu cruzando a água verde.

A voz de Nellie surgiu nos alto-falantes:

— Certo, senhores passageiros, relaxem e aproveitem o passeio. Próxima parada: Java.

Amy chegou mais perto de Dan:

— É tão estranho, todas essas coisas que estamos descobrindo sobre a Nellie — ela disse. — É como se ela tivesse sido t*reina*da pra isso.

Dan não respondeu. Ele estava olhando pela janela, com o rosto contraído.

— Estou começando a me perguntar se a gente conhece ela de verdade — Amy afirmou.

Dan virou-se para a irmã com um olhar agressivo:

— Eu sei como é a sensação.

— O quê? — Amy perguntou.

— Isabel te falou que Irina matou nossos pais? E você não me contou?

Amy viu os lóbulos das orelhas de Dan brilhando, vermelhos, e sua boca torta. Seus olhos cheios de lágrimas.

— Eu ia te contar, só que...

*Só que eu fico lembrando dessas cenas. E, às vezes, não sei se são reais. E eu tenho medo, Dan, muito medo. E se eles morreram por minha culpa?*

— Ah, e quando você pretendia me contar? — A boca de Dan era um traço reto. — Amanhã? Na semana que vem? Ou nunca?

— Parecia que era melhor esperar.

Mesmo aos ouvidos de Amy, a explicação soou capenga.

— Nossos pais foram assassinados, você descobriu quem foi e não me contou?

— Não sabemos se foi a Irina!

— E você acredita nela?

— Bom, não é como se a gente pudesse confiar na Isabel. Ela tentou me transformar em comida pros tubarões, lembra? E tentou matar a gente na mina. Esqueceu? Ela também não parece ser a pessoa mais confiável do mundo.

— Eu mereço saber. Você está me tratando como... como um irmão caçula!

— Você é meu irmão caçula!

— Mas eu não sou um bebê! — O rosto de Dan era como um punho totalmente cerrado. — Eu salvei a sua pele várias vezes. Você contou comigo várias vezes pra te tirar dos lugares quando você estava com tanto medo que nem conseguia se mexer. Então por que acha que tem que me proteger?

*Porque você é meu irmão caçula,* Amy queria dizer.

Mas ela não podia dizer aquilo. Sabia que, se dissesse, Dan talvez pulasse na mesma hora do avião, com ou sem paraquedas.

Ela apenas olhou para ele, sem poder fazer nada.

— Segredos e mentiras — ele disse. — Parabéns, irmã. Você oficialmente se transformou numa Cahill.

# CAPÍTULO 21

SE HAVIA UMA COISA QUE DAN NUNCA TINHA IMAGINADO QUE IA ouvir na vida era Próxima parada: Java, enquanto sua *au pair* pilotava um avião, cruzando um mar que se estendia em todas as direções.

Se havia uma coisa que ele nunca tinha imaginado que ia sentir era tanta solidão.

Uma vez, aos 7 anos de idade, ele tinha dado de cara com uma porta de vidro. Tinha batido de frente, a toda velocidade. Tinha se estatelado e caído para trás no chão. Ainda lembrava daquela sensação de choque repentino, violento. E, logo depois, a dor.

Agora ele sentia exatamente o mesmo.

A morte de seus pais era algo em que ele tentava não pensar, mas é claro que ele pensava nisso quase todos os dias. Tentava principalmente não pensar bobagens, como e se... E se o pai dele estivesse ali para levá-lo ao jogo de futebol? E se a mãe estivesse ali presente quando ele teve sua pior crise de asma? Ele dizia a si mesmo que era infantilidade pensar nessas coisas. O incêndio aconteceu. Foi o destino. Não havia nada que ele pudesse mudar naquilo. Não era culpa de ninguém.

Só que era culpa de alguém. Alguém tinha roubado a família dele. Alguém tinha roubado sua infância. Alguém, numa noite fria, deliberadamente

entrou numa casa com quatro pessoas que se amavam e provocou um incêndio...

Dan sacudiu a cabeça com violência. Sentiu suas pernas tremerem. Olhou para o vasto mar. A tia Beatrice costumava dizer: Nossos problemas não parecem pequenos quando olhamos para alguma coisa grande, como o céu? Esse era o seu jeito de reconfortar duas crianças que tinham perdido os pais. A tia Beatrice era uma idiota.

O oceano Índico não fez com que Dan se sentisse nem um pouco melhor. Seria mais fácil se ele pudesse falar com Amy, mas ele tinha quase decidido que nunca mais falaria com ela.

Ele tinha ficado bravo com Amy várias vezes. Vááárias vezes. Isto era pior do que quando ela tinha feito bonequinhas para pôr em todos os carrinhos dele, logo antes de seu melhor amigo, Liam, chegar. Pior do que quando ela dissera à tia Beatrice que ele adorava Beethoven e por isso ela devia matriculá-lo num curso de piano. Pior do que o que tinha acontecido no Egito, quando ele achou que a irmã queria todas as lembranças de Grace só para ela.

Aquilo tudo não era nada em comparação com isto.

Ela tinha descoberto que seus pais foram assassinados e guardara segredo. A coisa mais importante da vida deles!

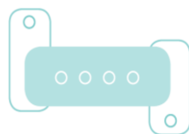
O incêndio não tinha sido um acidente. Não tinha começado porque o pai deles não abafara o fogo da lareira e uma brasa caíra no tapete. Alguém tinha entrado na casa e provocado o incêndio de propósito.

E Amy sabia daquilo. Inclusive tinha descido até o andar de baixo naquela noite! E nunca contara nada para ele.

Ele achava que eles estavam juntos. Em tudo.

Dan olhou para a água verde que se estendia até o horizonte. Não sabia como superar aquilo. Não sabia como lidar com aquilo. Seus pais. Grace. Agora Amy.

Não restava ninguém.



Ainda não tinha escurecido quando Nellie fez uma hábil aterrissagem no Aeroporto Internacional Halim Perdanakusuma, ao sul da cidade de Jacarta. Ela tirou os fones de ouvido e deu um suspiro.

— Nossa, estou morta — ela disse.

Nellie jogou a sacola por cima do ombro e pegou a gaiolinha de Saladin.

— Se der problema na alfândega, deixem que eu falo — ela pediu.

*Isso vai ser fácil,* pensou Amy. Dan não estava abrindo a boca.

Todos ficaram aliviados ao passar pela alfândega sem dificuldade. Halim era um aeroporto menor, para voos fretados, por isso não estava lotado. Em poucos minutos, Nellie os conduzira pela multidão de motoristas de táxi e escolhera um carro azul para ir até a cidade. Ela sacou o celular e reservou um quarto de hotel.

— Mandei uma mensagem de celular pro Shep dizendo que estamos em segurança — ela contou. — Ele vai pegar um voo comercial e vem buscar o avião. — Ela lançou um olhar de preocupação para eles. — Vocês dois devem estar exaustos. Nunca vi vocês ficarem em silêncio por mais de trinta segundos. A não ser quando estão dormindo.

Dan não disse nada, só ficou olhando pela janela para a estrada ladeada de palmeiras. Estava escurecendo e as luzes começavam a se acender. O taxista experiente foi cortando o trânsito intenso.

As luzes de Jacarta se aproximaram. Os prédios altos reluziam através do ar pesado. Os arranha-céus pareciam impossivelmente altos, como se saídos de um filme de ficção científica. O taxista saiu da rodovia e em pouco tempo eles chegaram a uma vasta avenida. O trânsito caótico de ônibus lotados, táxis e motos os carregou para um enorme círculo que rodeava uma bela fonte. O motorista saiu do círculo e pegou uma rua mais estreita, e aos poucos eles deixaram os prédios altos para trás.

Amy nunca estivera numa cidade tão cheia de gente nem tão impressionante. Ela achara o Cairo confuso, porém aquela cidade era um labirinto, entupida de carros que ignoravam as leis de trânsito e de pessoas que se enfiavam entre os veículos para atravessar as ruas apinhadas. O ar era espesso, carregado de fumaça.

Por fim, o motorista parou em frente a um toldo laranja na porta de um prédio branco. Um porteiro veio correndo abrir as portas e pegar a bagagem deles. Nellie contou o dinheiro que tinha trocado no aeroporto. Eles pararam no balcão e Nellie fez o check-in.

— Queremos agendar uma viagem para Anak Krakatoa amanhã — ela disse. — Vocês podem nos ajudar com isso?

— Normalmente poderíamos — respondeu o homem. — Mas a ilha está interditada no momento por ordem do governo. Quando o vulcão está ativo, não é permitido aterrissar por lá.

Amy quis cair no choro. Será que tinham vindo de tão longe a troco de nada? De algum modo ela sentia que, se conseguissem apenas dar uma olhada na ilha, eles talvez pudessem achar alguma coisa que Robert Henderson tinha deixado para trás. Ela não fazia ideia de onde começar a procurar por vestígios dele em Jacarta.

Nellie olhou para eles por cima do ombro. Deu um sorriso compreensivo, como se soubesse como estavam decepcionados e cansados.

— Dá pra arranjar comida americana? — Nellie perguntou. — Tipo uns *cheeseburgers?*

Nellie devia mesmo estar preocupada com eles, se estava abrindo mão da oportunidade de experimentar a comida local, pensou Amy. Se bem que a própria Amy estava preocupada. Dan nunca ficava em silêncio por tanto tempo.

O recepcionista sorriu:

— Dá pra arranjar qualquer coisa em Jacarta. Posso pedir que a comida seja enviada para o quarto de vocês.

— *Cheeseburgers*, batata frita, batata chips... o que você tiver — Nellie pediu.

Eles pegaram o elevador, subiram até o quarto e jogaram as malas no chão. Amy tirou Saladin da gaiolinha.

Nellie virou para eles:

— Certo, hora de abrir o bico. O que aconteceu? Por que vocês dois não estão falando? Quando eu mencionei *cheeseburgers,* Dan não soltou nem um pio.

— Não é nada — respondeu Dan.

— Só estou cansada — Amy resmungou com a boca no pelo macio de Saladin.

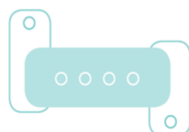
— Ahã — Nellie disse. — Que má notícia esse lance do Krakatoa, mas podemos pensar no que fazer amanhã cedo. Sugiro pedir um DVD e ficar de boa hoje. Nunca estive tão exausta. — Ela bocejou. — Talvez a gente possa chegar perto da ilha, mas será que vai adiantar alguma coisa? — Nellie fez que não com a cabeça. — Eu topo ir até lá, mas ainda não sei direito o que estamos procurando.

— Eu também não sei direito — afirmou Amy.

— É mesmo? — perguntou Dan. — Achei que você sabia tudo.

NeIlie alternou o olhar entre Dan e Amy:

— Certo — ela disse. — Vou tomar uma decisão executiva. Chega de papo. Vamos comer.



Amy acordou sem saber onde estava. O quarto totalmente escuro. Ela só ouvia o zumbido baixo do ar-condicionado. Que hotel, que cidade, que país? Uma buzina de carro berrou. O quarto tinha um cheiro leve de... *cheeseburgers*. *Cheeseburgers* muito ruins.

*Jacarta. Java.*

Os nomes soavam cada vez mais exóticos conforme ela os revirava na mente. Amy duvidava de que, um mês antes, fosse capaz de localizá-los num mapa. Eles tinham saído de Darwin e atravessado o oceano Índico, voando na direção oeste. Seria possível estar mais longe de Boston, Massachusetts? Achava que não. Ela não conseguiu voltar a dormir. Depois que seus olhos se ajustaram, pôde distinguir a silhueta de Dan, jogado no sofá-cama.

Amy tinha magoado Dan. Sabia disso. A noite inteira ela quisera explicar. Só que, para isso, seria preciso confessar. E ela não conseguiria enfrentar aquilo naquele momento. Falar aquilo em voz alta tornaria tudo real demais. Ela teria que reviver a cena. E, se tivesse que fazer isso, ia enlouquecer.

Amy deu um suspiro e mudou de lado. Nellie estava encolhida do outro lado da larga cama, com um travesseiro cobrindo metade de sua cabeça. Pela

borda da cortina vinha um brilho laranja do sol nascente. O coração de Amy bateu mais rápido.

*Fogo.*

— *Tire as crianças daqui!*

Ela se descobriu. Tapou os ouvidos com as mãos. Dentro de sua mente, ela estava gritando. Mamãe! Não vá!

Levantou num pulo e atravessou o quarto. Empurrou as cortinas para o lado. Viu o sol banhando as torres altas com o começo do dia.

Ela cruzou o carpete nas pontas dos pés e sentou-se no sofá-cama.

— Dan — Amy sussurrou.

Ele continuou dormindo.

— Dan!

Ele se sentou, confuso.

— Aonde estamos indo? Cadê minha calça?

Amy deu uma risadinha. Mas a confusão se dissipou no rosto dele, e o olhar emburrado voltou.

— Desculpa eu não ter te contado — ela disse.

— Tanto faz.

—É só que...

— Não importa. — Dan se cobriu de novo.

— Então, você me perdoa?

— Eu não disse isso. — A boca de Dan era um traço apertado. — Me conte o que você lembra. Obviamente a Irina sabe.

— Não, ela não sabe! E eu não me lembro de muita coisa. São só umas cenas bizarras. Lembro de ouvir vozes de pessoas, de descer a escada e de ficar com medo porque tinha um monte de estranhos na casa. As vozes pareciam malvadas. E Isabel Kabra me pegou nos braços... — Amy engoliu em seco. Não podia contar a Dan sobre os coalas. Ele ainda estava absorvendo o fato de que os pais haviam sido assassinados por algum parente. E se ele soubesse que tinha sido culpa dela? — E eu percebi que a mamãe estava com medo. E lembro que depois ouvi a porta da frente fechar e fiquei feliz por eles terem ido embora. E olhei pra fora e eles estavam parados

embaixo da minha janela. Isabel disse que eles tinham que agir naquela noite. Ninguém mais disse nada.

— O que você lembra da mamãe e do papai? — pressionou Dan.

Amy balançou a cabeça:

— Quase nada. Lembro da mamãe levando a gente para fora, e o papai tirando livros das prateleiras.

— Ele estava procurando alguma coisa.

— E depois a mamãe pôs a gente na grama, mandou eu tomar conta de você e correu de volta pra dentro da casa. E eu fiquei esperando eles saírem. E eles não saíram.

As lágrimas escorreram pela bochecha de Amy. *Tome conta do seu irmão.* Parecia fácil. Mas qual era o melhor jeito de fazer aquilo?

Dan parecia constrangido com as lágrimas dela.

— Não é hora de você pirar — ele falou. — Temos um trabalho a fazer.

— Você vai continuar a falar comigo? — Amy perguntou por entre as lágrimas.

— Acho que sim — respondeu Dan. — Ainda estamos procurando pistas. Por isso, mãos à obra.

Amy não se deixou magoar pelo tom de frieza de Dan. Talvez a tensão entre eles melhorasse. Dan não era muito bom em guardar rancor.

Ela fuçou na mochila. Achou pacotes de biscoito de manteiga de amendoim e jogou um para Dan:

— Olha o café da manhã.

Dan abriu o pacote:

— Certo. Ontem à noite tentei bolar um jeito de localizar o Henderson, mas meu cérebro começou a doer. Esta cidade é gigante. E temos zero dica.

— Ainda queria poder ver o Krakatoa — disse Amy. — Se a gente pudesse pelo menos ir até o lugar onde ele esteve, quem sabe conseguiríamos descobrir alguma coisa.

— Lembra do que o recepcionista disse quando a Nellie perguntou sobre os cheeseburgers? — Dan cuspia uma chuva de pó de biscoito enquanto falava, mas Amy não quis comentar. — Dá pra arranjar qualquer coisa em Jacarta. Talvez se a gente pudesse ver o vulcão, ou ver o que tem em volta

dele... quem sabe a gente ia perceber alguma coisa. — Dan enfiou o último biscoito na boca. — Melhor que ficar aqui sentado.

Amy olhou para a cama, onde Nellie estava esparramada com a respiração profunda e regular.

— Ela estava tão exausta ontem à noite que nem ligou o iPod — disse Amy. — Não podemos acordar ela. Vamos pesquisar mais um pouco.

Ela estendeu a mão e pegou o laptop de Dan, que se jogou de volta na cama.

— Pesquisar? É só nisso que você consegue pensar?

— Quero ver se consigo descobrir mais alguma coisa sobre aquele navio. A Nellie trouxe a gente pro outro lado do oceano. Vamos deixar ela dormir um pouquinho, a gente deve isso a ela.

— Será? — Dan perguntou. — Não sei o quanto a gente deve a ela.

— Como assim?

— É engraçado, a gente está sempre descobrindo coisas sobre ela — Dan disse em voz baixa. — Lembra do que você disse no avião?

— Achei que você não estava ouvindo.

— Eu só não estava falando com você. Ainda não estou, a não ser quando preciso. Você disse que era como se ela tivesse sido treinada para este trabalho. Você tem razão.

— Eu sei. E lembra aquela mensagem estranha que nós ouvimos no celular dela lá na Rússia? Ligue para reportar a situação... O Shep tinha razão quando disse que ela é uma mulher enigmática. — Amy mordeu o lábio.

— Não é que eu não confie nela. Afinal, é a Nellie. Ela é superlegal. É só que... quem ela é, de verdade?

— Nunca dá pra saber quem as pessoas são — respondeu Dan. — Nem as mais próximas. Isso eu aprendi com certeza.

Amy sentiu o rosto ficar vermelho. Ela sabia que Dan não estava falando só dos outros Cahill. Estava falando dela também.

Dan olhou de relance para Nellie adormecida:

— Eu estava pensando... e se a gente desse uma olhada nos e-mails dela...

— Como a gente vai fazer isso? — Amy perguntou. — Eu sei que ela usa o seu laptop pra olhar o e-mail, mas não sei qual é a senha.

Dan parecia envergonhado:

— Hã... eu decorei a senha. — Vendo a cara de espanto de Amy, ele disse depressa: — Não foi de propósito! Um dia ela estava checando o e-mail, e eu vi os dedos dela nas teclas, e eu só... lembro da senha.

Dan olhou de novo para Nellie, que ainda dormia, e continuou:

— Então, a gente só precisa entrar no e-mail dela e dar uma olhada.

— Isso é tão errado — Amy sussurrou.

Fez-se um breve silêncio. Amy deu um suspiro:

— E eu queria ter tido essa ideia primeiro.

Ela ligou o computador. Dan se aproximou da irmã:

— Vamos lá, Nellie — ele sussurrou.

Num instante eles acessaram a caixa de entrada de Nellie. Havia uma mensagem do pai dela, *agomez*, dizendo DONDE ESTÁS VOCÊ AGORA, e uma nova mensagem de uma pessoa chamada *clashgrrl* num endereço de e-mail da Universidade de Boston.

— Olha, *clashgrrl* mandou uma mensagem pra Nellie ontem, também. — Amy reparou. — O assunto diz "mande notícias, querida",

— Deve ser uma das amigas de faculdade dela.

— Parece. — Amy clicou na mensagem. Na tela apareceu INSERIR SENHA. — Engraçado. Será que cada e-mail individual dela é protegido por senha?

Amy clicou na mensagem do pai de Nellie. *Hola filha perdida, não tenho notícias suas desde Sydney. Dá um alô pro seu velho pra ele poder dormir à noite. Com admiração e eterna paciência, seu pai. PS. Se você por acaso estiver perto da Tailândia, me mande uns temperos.*

Amy sorriu:

— Pelo jeito, o pai da Nellie é bem parecido com ela.

— Olhe o resto dos e-mails — sugeriu Dan.

Amy olhou toda a caixa de entrada. Nellie tinha recebido vários outros e-mails de amigos e alguns de sua irmã mais nova, mas os únicos que eles não conseguiam acessar eram os de *clashgrrl.*

— Por que a Nellie está recebendo mensagens protegidas por senha? — ela perguntou a Dan.

Ambos olharam para a *au pair* adormecida. Apenas o topo de sua cabeça estava visível. Sem seu olhar vibrante, ela parecia diferente dormindo, como alguém que eles não conheciam.

— Não confie em ninguém — Amy sussurrou. Eles não sabiam disso desde o começo? Mas a Nellie? Pensar que ela podia estar escondendo coisas fez Amy se sentir vacilante e desequilibrada, como se o chão estivesse se mexendo embaixo deles.

Dan só parecia estar bravo:

— Se ela não conta tudo pra gente, por que a gente tem que contar tudo pra ela? — Ele embolou o pacote vazio de biscoito e jogou na lata de lixo. — Vamos encontrar esse vulcão.

# CAPÍTULO 22

A CIDADE DE JACARTA DESPERTARA DE UMA HORA PARA A OUTRA, num alvoroço explosivo. Em frente ao hotel, Dan e Amy ficaram boquiabertos diante do emaranhado de caminhões, carros, bicicletas e táxis na rua. Palmeiras altas balançavam na brisa, e a calçada estava abarrotada de gente apressada a caminho do trabalho.

— Vai demorar horas pra gente chegar em qualquer lugar — observou Amy.

Será que Amy era sempre negativa desse jeito ou Dan só se dava conta disso quando estava bravo com ela?

— Não se a gente for com um desses. — Dan apontou mais adiante na rua. Na direção deles vinha uma scooter laranja com três rodas e uma cabine aberta na traseira. Dan acenou.

— O que você está fazendo?

— É um táxi — explicou Dan. — Essa coisa também não fica presa no trânsito.

O motorista parou perto deles:

— Precisam do *bajaj?* Transporte fácil, muito barato e rápido também. Vou pra qualquer lugar.

— Você pode levar a gente para os barcos? — perguntou Dan. — O porto?

— Porto, sim, claro. Sem problema! Entrem!

Eles subiram na traseira. O motorista deu a partida. A cabeça de Amy foi jogada para trás com a aceleração.

— Legal! — Dan gritou. Não conseguia evitar.

A *scooter* foi desviando de carros e caminhões. Criava pistas onde não havia pistas. Atravessava becos e ruelas minúsculas. Quase atropelou uns pedestres. A cabeça de Dan se encheu com cheiro de gasolina e fumaça e ele se sentiu oprimido pelos barulhos da cidade. Era como estar no centro de uma máquina que roncava e chacoalhava.

Ele *adorou* Jacarta.

As ruas iam ficando mais estreitas conforme o motorista avançava. De repente, eles sentiram o cheiro do mar. O motorista desacelerou, e eles passaram por um mercado com guarda-sóis coloridos espetados no chão, protegendo cobertores onde homens sentados, de shorts e chinelos, vendiam cestas de peixes. Eles anunciavam a mercadoria com vozes estridentes, passando dinheiro de mão em mão como loucos, e Dan sentiu vontade de parar para ver aquilo.

À frente eles viram mastros e velas coloridas. O motorista parou a *scooter* perto do porto. Dan estendeu a mão cheia de notas amassadas, e o motorista pegou algumas.

— Precisam de guia turístico? — Ele apontou o porto com a mão estendida. — Eu conheço tudo. Meu primo tem barco de pesca. Melhor barco do porto, melhor piloto.

— Queremos ir ao Krakatoa — Amy respondeu.

Ele fez que não com a cabeça:

— Está ativo agora... não pode aterrissar no Krakatoa.

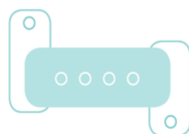
— Será que o seu primo... levaria a gente até lá? Só pra olhar? — Dan perguntou.

— Viagem longa, demora um dia inteiro.

— Tudo bem.

Dan esperava que as próximas palavras do homem seriam "Onde estão seus pais?". Ele sabia que o cara estava pensando aquilo. Sem dizer nada, Dan mostrou a mão cheia de dinheiro.

— Claro — concordou o motorista, pegando a grana. — Sem problema!



O nome do primo do motorista era Darma, e o barco, que no cais parecia de bom tamanho e robusto, tornou-se pequeno e frágil assim que eles entraram no mar aberto.

Amy e Dan ficaram sentados na popa, vendo Darma sorrir e apontar pontos turísticos. Eles não ouviam o que ele estava dizendo por cima do motor. Ele tinha uma tripulação de dois homens que não falavam inglês, porém sorriam para Amy e Dan quando seus olhares se encontravam por acaso.

A proa batia no mar, o cheiro de peixe era insuportável. Amy segurou-se na amurada, com uma cara meio esverdeada. Dan encarou o mar, com o vento no rosto. A água tinha um tom brilhante de turquesa. Mais para um lado ele avistou um apanhado de ilhas. Barcos de pesca menores atravessavam a baía.

Depois de avançar por um tempo, eles viram um ponto à frente. Dan imaginou que eles iam contornar a ilha de lava. Ele sabia que o Krakatoa ficava a oeste.

Darma gritou alguma coisa para eles e deu risada. Amy virou-se para Dan:

— Que foi que ele disse?

— Alguma coisa sobre navios e sondas, eu acho. Você está vendo alguma sonda? Será que tem algum parente querido espionando a gente?

— Ele deve estar falando do estreito de Sonda. Depois que contornarmos lava, vamos entrar nesse estreito. É o canal entre lava e Sumatra. E é o caminho para Rakata, que é a ilha onde fica Anak Krakatoa. Isso porque a ilha de Krakatoa implodiu, mas outra ilha tomou seu lugar. Anak Krakatoa significa "Filho de Krakatoa" e...

— Eu sei que você não consegue se controlar — disse Dan. — Mas, por favor, pare.

— Chegando no canal! — Darma gritou. Desta vez eles ouviram perfeitamente. Ele sorriu e deu risada. — Na hora de atravessar, se segurem!

A água foi ficando mais agitada conforme eles contornavam a ponta. Darma manobrou o barco para mais perto da costa, onde a água era mais calma. A praia parecia bonita, e os morros erguiam-se atrás deles em tons esfumaçados de verde e cinza. Do outro lado da água azul, ficava a ilha de Sumatra.

*Estou num barco entre fava e Sumatra, pensou Dan. Isso é legal demais!*

Ele estava começando a se arrepender de não ter trazido nada para almoçar, quando a tripulação serviu tigelas cheias de arroz cozido com leite de coco. Dan e Amy se fartaram de comer enquanto observavam os grandes navios de carga navegando no estreito.

O sol estava bem acima da cabeça deles quando Darma fez um sinal:

— Certo, atravessando o estreito agora. — Ele apontou. — Ali está Rakata.

Eles agora podiam ver a ilha com o pico vulcânico de Anak Krakatoa, o filho de Krakatoa. Dan sentiu um calafrio na espinha.

Darma foi avançando para dentro do estreito, costurando o trânsito pesado do canal com o barco de pesca. Navios de carga gigantescos passavam soltando vapor, fazendo o barquinho deles balançar nas ondas. Por fim, alcançaram águas mais calmas, passando por ilhas cobertas de palmeiras e praias convidativas. Estavam no meio de um paraíso tropical. Devia ser parecido com o que era quando Robert Cahill Henderson chegou ali. Tirando o fato de que, onde antigamente o poderoso Krakatoa brotava do mar, agora uma nova montanha estava se formando. O topo dela era chato, e a fumaça branca era misturada com cinza. Dan ouviu o ronco de um trovão, mas mal registrou o som: estava embasbacado demais com a cena que tinha diante de si. De algum modo, era possível sentir o poder do vulcão, toda a energia fervente que ele continha.

Mesmo que ele fingisse não ouvir, seu cérebro inevitavelmente tinha registrado os fatos que Amy lera para ele no avião de Shep: 36 mil pessoas

morreram, a maior parte nos tsunamis que se seguiram à explosão final em 27 de agosto; dois terços da ilha foram arremessados para longe; a última explosão, a maior de todas, foi ouvida a mais de quatro mil quilômetros de distância; as ondas de choque deram sete voltas na Terra; a nuvem de cinzas foi cuspida oitenta quilômetros para cima e deu voltas no planeta durante 13 dias, criando cenas impressionantes no pôr do sol por um ano. A soma de todos aqueles números era um único vulcão malvado.

Darma deixou outro tripulante no timão e voltou para falar com eles:

— Hoje não é bom — ele disse, apontando. — Muito ativo.

Dan viu alguma coisa descendo a encosta da montanha. Nuvens de fumaça ergueram-se dessa coisa, que caiu com um estrondo no mar. Pedras voaram e pararam tão perto deles que Dan conseguiu enxergá-las Elas boiaram nas ondas calmas.

— Está em erupção?

— Não. Mas não está feliz — explicou Durma. — Isso é pedra-pomes. Não é bom pro barco.

Pelo aspecto da ilha, Amy e Dan perceberam que, mesmo se pudessem explorá-la, não encontrariam nada. O Krakatoa explodira, vertendo cinzas e fogo. Tinha caído dentro do mar e evaporado no ar. Ver o poder da segunda montanha já era suficiente.

— Ele deve ter conseguido sobreviver por pouco — Amy sussurrou para Dan. — E perdeu tudo. Todas as coisas em que trabalhou.

— Não vai tirar foto? Não vai filmar? — Durma perguntou. — Turistas geralmente fazem isso.

Eles fizeram que não com a cabeça. Não precisavam de fotos para se lembrar daquilo.

A jornada de volta, atravessando o canal, foi bastante tensa, mas eles confiavam na perícia de Darma no controle do barco e na experiência da tripulação. Eles demorariam horas para chegar a Jacarta e não havia nada a fazer além de ficar sentado, olhando para o mesmo litoral que tinham visto durante horas no caminho de ida. A questão era, uma vez que voltassem a Jacarta, o que iriam fazer? Dan quase fez a pergunta em voz alta, mas então

lembrou que não estava falando com a irmã. Ela parecia tão desconsolada que ele quase se esqueceu de como estava bravo.

O sol foi descendo no céu atrás deles, enquanto o barco finalmente contornava a ponta e seguia na direção de Jacarta.

Darma voltou para falar com eles:

— Licença? Estamos perto das Mil Ilhas. Lugar bonito, ponto turístico...

— Nós realmente temos que voltar — disse Amy.

— É só um pequeno desvio — Darma explicou com um sorriso vasto. — Tenho que fazer entrega rápida em uma ilha, não vai demorar quase nada!

— Acho que tudo bem — concordou Dan, dando de ombros.

Eles foram seguindo por entre as ilhas. Viram lindas casas em algumas delas, enquanto outras eram desabitadas.

— Ele mora numa ilha minúscula, longe das outras — Darma explicou. — Encomenda mantimentos, material, coisas assim. Homem velho, não fala muito... Meu amigo levou ele pra Krakatoa, que nem vocês! Ele também não gosta de vídeo!

Darma desacelerou o motor quando eles se aproximaram de uma exuberante ilha tropical. A tripulação carregou as encomendas numa balsa de borracha.

— Só vai demorar um instante — disse Darma.

Os tripulantes começaram a trazer suprimentos da cabine. Amy ficou sentada.

— Dan — ela sussurrou. — Eu vi um pé de alecrim! Lembra da pista da Irina?

Dan virou-se para Amy:

— Certo, isso é totalmente bizarro, mas você está pensando o que eu estou pensando?

— Que o cara da ilha é um Cahill?

— Que o cara da ilha é Robert Cahill Henderson!

— Isso é impossível! Ele teria... uns 140 anos de idade!

Dan confirmou com a cabeça:

— Exatamente. Talvez o grande segredo dos Cahill seja mesmo a vida eterna. Ou pelo menos algo que prolongue a vida. Pense nisso, Amy. Isso não

tornaria alguém a pessoa mais poderosa do mundo? Vai ver Robert Cahill Henderson não fugiu para morrer. Vai ver ele voltou para cá e nos últimos cinquenta anos vem trabalhando na fórmula!

— É loucura — Amy disse devagar.

— Poderia ser verdade — argumentou Dan.

Os dois ficaram de pé num pulo.

— Vamos descer aqui! — Amy anunciou. — Nós levamos a encomenda!

— Mas não tem hotel aqui! — protestou Darma. — Não tem nada para turistas!

— Tudo bem! A gente adora acampar! — Dan enfiou a mão no bolso e tirou mais dinheiro, que pôs na mão de Durma. — Vem buscar a gente amanhã, combinado?

Ele desceu do barco para a água, que batia em seus joelhos. Pegou uma das caixas e a equilibrou na cabeça.

Amy passou por cima da amurada e pegou a outra caixa:

— Tchau!

Darma puxou a balsa de borracha de volta para o barco. Ele parecia confuso. Mas deu de ombros e acenou para eles. Em poucos instantes, seu barco tinha contornado a ponta da ilha e desaparecido.

# CAPÍTULO 23

NELLIE PASSOU AS MÃOS PELOS CABELOS, MEIO GROGUE. OLHOU PARA o relógio. Não acreditava que tinha dormido 12 horas.

Naturalmente, Dan e Amy tinham sumido. E, desta vez, sem nem deixar um bilhete.

Ela foi olhar o e-mail e, como esperado, tinha duas mensagens de *clashgrrl*. Ela digitou o código e deu um suspiro.

NÃO DEIXE QUE ELES SE AFASTEM. ALERTA VERMELHO. PROVIDENCIAR PARTIDA IMEDIATA.

— Agora você diz isso — Nellie disse em voz alta.

Saladin deu um miado pidão.

— Você também? — Nellie perguntou.

Ela o recolheu do chão e fez carinho, distraída. Não acreditava que havia perdido Amy e Dan outra vez. Daria uma hora para eles antes de começar a arrancar os cabelos.

Saladin se contorceu e se livrou dos braços dela. Nellie o apertara com muita força. Era porque estava preocupada, com a sensação de que havia algo errado.

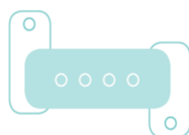
Eles geralmente não deixavam de avisar quando sumiam. Mas ela tinha percebido o olhar que trocaram entre si ao descobrirem que ela sabia pilotar

aviões. Eles estavam começando a desconfiar dela. Coitadinhos. Não conseguiam confiar em ninguém.

Outra mensagem da *clashgrrl* apareceu na caixa de entrada. O assunto dizia: li vacila!

Aquilo significava que a mensagem era de extrema urgência.

Nellie fechou o laptop com o pé descalço. Não ia olhar o e-mail enquanto não encontrasse os dois. Estava com um mau pressentimento sobre aquilo.



Irina ficou para trás quando Isabel entrou na loja. Isabel tinha alugado um carro, e Irina a seguiria de moto. Estava usando um disfarce, mas Isabel não tomara nenhuma das precauções normais, o que queria dizer que se sentia segura em Jacarta.

Isabel trazia uma bolsa de compras de lona, que tinha começado vazia e agora estava abarrotada de coisas. Irina tinha conseguido aproximar o zoom da câmera o suficiente para ver o que Isabel estava comprando.

Aquele último item fez Irina ter um calafrio. Era bem como ela suspeitara. Isabel era sagaz, mas não muito criativa.

E lá estava: sua última batalha aconteceria ali. O poder das 39 pistas não podia ficar nas mãos dos Lucian se Isabel Kabra fosse a chefe do clã.

Quais seriam as consequências se Irina agisse contra sua líder? Ela sabia muito bem. Seria expulsa. Todos os

Lucian saberiam que ela tinha traído o clã. Isabel e Vikram iam garantir que todos ficassem sabendo. Inventariam uma história, fariam tudo pender para o lado deles. Ela perderia tudo o que conhecia: dinheiro, contatos, objetivos. O mundo se tornaria um lugar vazio, e ela viraria um fantasma.

Ela não tinha escolha. Precisava tentar. Qual é a diferença entre vocês duas?, Amy tinha perguntado.

*Esta é a diferença, Amy. Tem algumas coisas que eu me recuso a fazer. E tem algumas coisas que não vou permitir que aconteçam.*

Ela virou de costas e deparou com lan e Natalie.

Natalie sorriu. Irina não podia ver seus olhos por trás dos óculos de sol de aro preto.

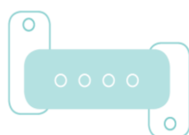
— Boa notícia. Minha contraespionagem indica que sua mãe não foi seguida — Irina falou. Nem por um leve movimento dos cílios ela permitiria que aqueles dois pirralhos percebessem que a intimidaram.

— Tenho outra boa notícia — retrucou Natalie. — Minha mãe recebeu novas ordens hoje de manhã.

— E?

Discretamente, Irina fez uma agulha brotar de cada um de seus indicadores. Seria mais fácil agir se aqueles dois ficassem fora do ar por um bom tempo.

Natalie agiu tão depressa que Irina só teve tempo de levar um susto. Ela sempre achara que aquela menina emburrada era incapaz de se exaltar. A mão de Natalie disparou para a frente, agarrou o dedo de Irina e o dobrou para trás com violência. Irina sentiu uma dor forte quando a articulação do dedo estalou. E então a agulha se retraiu.



Amy e Dan deixaram as caixas na praia e subiram na direção da trilha.

— Por que nós dispensamos o Darma? — Amy perguntou. — Se nós não encontrarmos ninguém, vamos ter que passar a noite aqui.

— Ia ser superlegal — disse Dan. — Que nem o Robson Crusoel.

— Robinson Crusoé — corrigiu Amy.

Eles chegaram à exuberante floresta tropical e começaram a seguir a trilha.

— Aposto que o Troppo vai ficar feliz de ver a gente — disse Dan. — Afinal, somos da mesma família, uma grande e feliz família, não é?

Amy estava tomada por receios. O sol baixara atrás do morro, por isso as sombras estavam ficando mais compridas. Ela, de repente, sentiu medo do que eles iam encontrar.

Dan entrou numa clareira:

— Caramba — ele exclamou. — Olha isso.

A estrutura de um grande prédio erguia-se junto a um grupo de palmeiras. Ainda havia material de construção espalhado no chão, grandes blocos de concreto, rolos grossos de arame, placas de cerâmica.

— Parece que eles iam construir um hotel — concluiu Dan. — Olha, tem mais prédios ali.

— Dan — chamou Amy. — Veja.

Ela apontou para a areia. Havia contornos distintos de pegadas. Dan pôs o pé perto de uma delas. A pegada era muito maior, a pegada de um homem. As dúvidas de Amy sobre a teoria do irmão foram repentinamente substituídas pelo medo.

Eles seguiram as pegadas, passaram pelo hotel abandonado e atravessaram a clareira. Mais adiante na trilha, viram uma pequena praia em forma de meia-lua, a areia tingida de rosa pelo sol poente. Havia palmeiras altas ao redor. As pegadas desapareceram, fundindo-se nas cavidades da areia macia.

Amy viu de relance um movimento com o canto do olho. Havia uma rede estendida entre duas palmeiras, balançando de leve, de um lado para o outro. Ela não viu quem estava deitado nela, apenas um pé descalço empurrando o chão para manter o balanço da rede.

Eles se aproximaram, mal conseguindo respirar. Quando chegaram à rede, viram uma bermuda de linho amarelo-limão, impecavelmente passada. Uma camisa branca limpa. E, de olhos fechados e sorriso no rosto... o primo deles, Alistair Oh.

# CAPÍTULO 24

ALISTAIR ABRIU UM OLHO. SE ESTAVA SURPRESO AO VÊ-LOS, PELO menos não demonstrou.

— Bem-vindos ao paraíso — ele os cumprimentou.

Ele baixou as pernas para ficar sentado:

— Vocês parecem decepcionados!

— A gente não esperava ver você aqui — Dan resmungou.

— Eu poderia dizer o mesmo — Alistair disse. — Exceto que não seria exatamente verdade. Estou chegando a um ponto em que nunca fico surpreso quando vocês aparecem.

Dan queria dar um soco numa árvore. Ele tinha certeza de que estava prestes a conhecer o homem mais velho do mundo. Em vez disso, só tinha encontrado outro primo Cahill.

E ele ainda não tinha certeza do que pensar a respeito de Alistair. Amy havia chorado quando achou que Alistair morrera no desabamento na Coreia. Até ele tinha ficado meio pra baixo. 0k, ele tinha chorado também. Um pouquinho. Mas, então, eles descobriram que Alistair estava vivo. O que queria dizer que Alistair tinha passado a perna neles. E nem tinha sido a primeira vez. Ele era um Ekaterina, tão decidido a encontrar as 39 pistas quanto eles.

Mesmo assim, ele os ajudara no Egito. Não era culpa dele que o submersível — inventado por ele — tinha afundado. Bom, talvez fosse culpa dele. Eles quase viraram comida de peixe no Nilo.

— O que você está fazendo aqui, Alistair? — Amy perguntou.

— O mesmo que vocês, imagino — respondeu Alistair. — Tentando descobrir o que Robert C. Henderson fez aqui. Um homem brilhante. Um Ekat, é claro.

— Isso a gente já suspeitava — disse Dan. — Nós seguimos o rastro dele na Austrália.

— É mesmo? — Os olhos de Alistair brilharam. — Seria terrível vocês terem vindo até a Indonésia sem matar um pouco da sua curiosidade. Que tal outra troca de informações? Vocês me contam o que descobriram na Austrália, e eu conto o que descobri aqui. Combinado?

Dan e Amy se entreolharam. Eles já tinham compartilhado informações com Alistair antes. Geralmente dava certo.

— Vocês provavelmente sabem que ele era um cientista — falou Alistair. — Como tantos em nosso clã, possuía uma mente brilhante e inventiva. Galgou muito rápido os escalões da elite Ekat e chamou a atenção dos líderes do clã. Ele estava destinado à grandeza. Porém, cometeu um grave erro — Alistair fez uma pausa.

— Apaixonou-se por uma Lucian. Dan reclamou:

— Ah, não, por favor. Assim eu vou vomitar! Não vem com história de amor.

— Sim, é uma história de amor. Mas muitas histórias de amor também são... histórias de traição. Ela era uma nobre, prima da rainha Vitória, O que deu uma ideia aos Ekat. Havia corrido um rumor... bem, mais que um rumor... de que, uns sessenta anos antes, um nobre Lucian na monarquia russa havia reunido a maior parte das 39 pistas, ou até todas elas. Os Madrigal destruíram as evidências numa invasão. Mas ele havia guardado uma cópia por segurança. Foi enviada à sede dos Lucian em Londres, em algum momento da década de 1880. Suspeitamos que os Madrigal mataram o czar Nicolau II e a família dele, em 1918, procurando essa lista. Mas isso é outra história. Só os Ekat sabiam que a lista tinha sido mandada para Londres.

Amy não olhou para Dan. Dan não olhou para Amy. Na Rússia, eles tinham encontrado evidência das pistas reunidas, porém não iam contar aquilo a Alistair.

— No entanto... e isso é tão típico dos Lucian... mesmo tendo conseguido tantas pistas com seus truques e roubos, eles foram incapazes de descobrir as quantidades. Esse era um serviço para os Ekat. Por isso, eles mandaram Robert Henderson escolher. O pai da noiva dele era o líder do clã dos Lucian. Se Robert não o espionasse e tentasse descobrir se os Lucian possuíam as 39 pistas, ele seria expulso dos Ekat para sempre.

— Que terrível! — exclamou Amy.

Alistair voltou seus olhos escuros para ela:

— Depois de todo esse tempo, todo esse esforço, você ainda não entende como isso é importante, entende?

— Entendo. É só que...

Ele fez que não com a cabeça:

— Não. Se você realmente entendesse o que estava em jogo, saberia que, às vezes, é necessário ser inescrupuloso. De qualquer modo, Robert Henderson ficou dividido. Ao que parecia, estava profundamente apaixonado. Mas também era um cientista. A tentação de encontrar as pistas e juntá-las... ele não resistiu ao desafio. Por isso conseguiu roubar a única cópia das pistas que os Lucian possuíam. Naturalmente, eles sabiam muito bem que fora ele quem fizera aquilo, portanto... o casamento foi cancelado. Os Ekat o colocaram num navio para o Pacífico Sul e inventaram uma história de que ele tinha ido atrás de Darwin. Mas, na verdade, ele foi à Indonésia. Então, é claro, cometeu seu erro fatal. Construiu seu laboratório num conhecido vulcão. Havia motivos para isso.., o lugar era inabitado e ele podia canalizar a energia geotérmica para fazer funcionar o laboratório. Ele era um Ekat, afinal. Estava correndo um risco e sabia disso. Ele perdeu a aposta, é claro.

— O que aconteceu? — Amy perguntou. — Quer dizer, eu sei que o Krakatoa entrou em erupção, mas onde ele estava?

— Ah, a erupção do Krakatoa. Quem sabe o que causou essa erupção? Alguns Ekat acreditavam que os Madrigal explodiram o laboratório de Henderson, o que deu início a uma terrível cadeia geotérmica de explosões.

Mas Henderson? Ele deu sorte. Estava indo buscar um carregamento que tinha encomendado para o laboratório. Ele sabia que o vulcão estava ativo. Já tinha presenciado bastante atividade na ilha: terremotos, vapores... E sabia muito bem do perigo que corria. Mas faltava pouco. Tão pouco que ele deixou a ilha no último instante possível: a noite anterior à erupção principal. Ele escapou por um triz, e seu laboratório explodiu em uma das primeiras erupções. Foi nessa ocasião que Henderson se queimou. Na manha seguinte, ele já tinha cruzado o estreito e estava na cidade costeira de Anjer quando veio o tsunami. Ele subiu as colinas para escapar. A população tentou fugir correndo dessa avassaladora onda gigante, de 30 metros de altura... Vocês conseguem imaginar o terror? Centenas de pessoas foram sugadas pelo mar ou jogadas contra as pedras. Ele viu horror e sofrimento e conseguiu sair vivo. Sabemos que ele foi a Jacarta. Sabemos que, semanas depois, embarcou num navio para Sydney. Depois disso, não se sabe mais nada sobre ele. Achamos que ele perdeu o juízo. Ele simplesmente... desapareceu. — Alistair virou-se para eles. — Então. Vocês o encontraram?

— Descobrimos que ele esteve na prisão — falou Amy. — Era chamado de Bob Troppo. Seguimos a pista dele até um lugar chamado Coober Pedy, onde ele virou um minerador de opala chamado Fossie. Ele morreu nos anos 1950. Mas nunca mais disse uma palavra, nem deixou nenhuma dica. Só umas coisas incompreensíveis rabiscadas nas paredes de uma mina.

— Mas ele deixou, sim, uma dica — disse Alistair. — Eu sei porque essa dica está em minhas mãos.

— Onde você achou? — perguntou Amy.

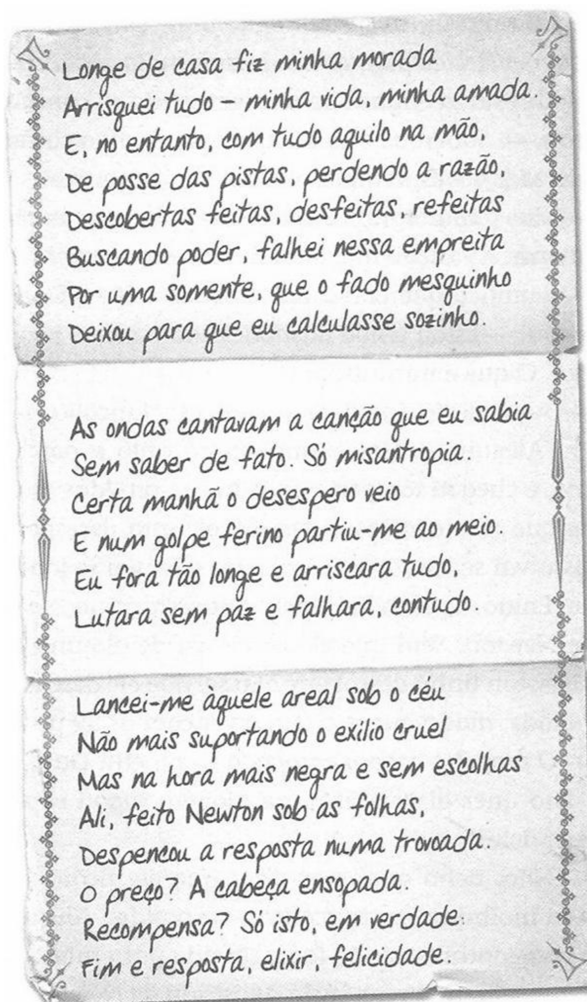
— Ah — respondeu Alistair, desviando o olhar. — Talvez seja melhor deixar para revelar isso em outra ocasião.

— Podemos ver a dica?

Alistair tirou do bolso da camisa um papel velho:

— Se vocês entenderem o que significa, compartilhamos a pista. Combinado?

Depois que eles concordaram com a cabeça, Alistair entregou o papel a Dan e Amy.


Longe de casa fiz minha morada
Arrisquei tudo – minha vida, minha amada.
E, no entanto, com tudo aquilo na mão,
De posse das pistas, perdendo a razão,
Descobertas feitas, desfeitas, refeitas
Buscando poder, falhei nessa empreita
Por uma somente, que o fado mesquinho
Deixou para que eu calculasse sozinho.

As ondas cantavam a canção que eu sabia
Sem saber de fato. Só misantropia.
Certa manhã o desespero veio
E num golpe ferino partiu-me ao meio.
Eu fora tão longe e arriscara tudo,
Lutara sem paz e falhara, contudo.

Lancei-me àquele areal sob o céu
Não mais suportando o exílio cruel
Mas na hora mais negra e sem escolhas
Ali, feito Newton sob as folhas,
Despencou a resposta numa trovoada.
O preço? A cabeça ensopada.
Recompensa? Só isto, em verdade:
Fim e resposta, elixir, felicidade.

— Bom, agora sim ficou tudo explicadinho Dan falou, sarcástico.

— Acho que eu entendi uma parte — disse Amy. — Ele deixou tudo para trás, arriscou a vida, para juntar as 39 pistas. E quase conseguiu a resposta... só estava faltando uma única pista. *Por uma somente, que o fado mesquinho/Deixou para que eu calculasse sozinho.*

— Ele estava enganado a esse respeito — continuou Alistair. — Sabemos que ele na verdade não tinha 38 pistas. Mas ele estava perto disso. Muito perto.

— Mas o que significa quando ele diz que as ondas cantavam a canção que ele sabia mas não sabia?

— Significa que ele já tinha ficado lelé — Dan resmungou. — Estou tendo flashbacks da escola e isso não é legal. O que é misantropia?

— Aqui deve significar tristeza, melancolia — explicou Alistair. — Ele se empenhou tanto e por tanto tempo, e chegou tão perto, mas fracassou. Mas

esta é a parte que não consigo entender: ele está desesperado, por isso vai se lançar ao areal... ou seja, vai se jogar na praia. Então, de uma hora para outra ele começa a falar sobre Newton. Será que ele precisava de alguma coisa que Newton tinha descoberto? Eu sei que ele descobriu a gravidade, mas o que isso tem a ver com as 39 pistas?

— O preço? A cabeça ensopada — repetiu Dan. — O que isso quer dizer? Será que alguém jogou sopa na cabeça dele?

— Não, acho que quer dizer que ele ficou com a cabeça molhada, encharcada — respondeu Alistair. — Mas isso continua a não fazer sentido para mim. Acredito que seja uma referência à história de Newton... Ele teve a ideia da gravidade quando estava deitado embaixo de uma árvore e uma maçã caiu na sua cabeça. Por isso ele talvez quisesse dizer que teve uma revelação repentina. Mas por que não diz qual foi? — Alistair suspirou. — Talvez ele já estivesse enlouquecendo.

— Será? — perguntou Dan.

Uma brisa forte sacudiu o papel. De repente, tinha ficado escuro. As palmeiras estavam se curvando com as lufadas de vento.

— Vai cair uma tempestade — explicou Alistair. — É melhor nós entrarmos. Não se preocupem, essas tempestades tropicais passam rápido. Posso chamar uma lancha e levar vocês para casa a tempo do jantar.

# CAPÍTULO 25

HORAS DEPOIS, DAN OLHAVA PARA A CHUVA INTENSA. AS palmeiras dobravam-se feito dançarinas. Dali ele mal conseguia avistar a linha branca da espuma. Já fazia tempo que o sol tinha se posto. Eles estavam presos, teriam que passar a noite ali.

— Não está exatamente passando — ele disse. — Não sei o que você chama de rápido.

— Quem ia imaginar? — Alistair perguntou, envergonhado. — Não tenho observado o tempo. Assim que eu conseguir sinal no telefone, vocês podem ligar para Nellie. Tem bastante espaço aqui para vocês passarem a noite.

Alistair estava hospedado na única casa terminada da ilha, bem ao lado do terreno em obras. O lugar tinha sido planejado como resort turístico, mas os Ekaterma compraram o terreno para uma possível base secreta. Eles ainda estavam decidindo se iam concluir a obra ou não. Enquanto isso, Alistair aparecia por ali de vez em quando.

A casa tinha um único cômodo grande no térreo, aberto de todos os lados e com um teto alto. Alistair tinha fechado as robustas persianas de madeira quando eles chegaram da praia. No andar de cima, havia uma área

residencial completa, com dois quartos, uma sala de estar e uma pequena cozinha.

A chuva ainda batia de leve na casa quando eles terminaram uma refeição de legumes e arroz. Alistair tentou falar com Nellie no celular e ela atendeu. Ele a colocou no viva-voz.

— Quem é? — ela perguntou, agressiva.

— É Alistair Oh, senhorita Gomez. Estou ligando para dizer que Dan e Amy estão aqui comigo e...

— Eles estão bem?

— Estamos bem, Nellie! — Amy gritou.

— Vou aí buscar esses dois.

— Não precisa. Essa chuva...

— Que se dane a chuva! Onde vocês estão?

— Nellie, estamos numa ilha. Vamos voltar de manhã — explicou Amy. Ela percebeu um tom de preocupação verdadeira na voz de Nellie. — Desculpa não ter deixado um bilhete.

— Depois conversamos sobre o fato de que vocês *me deixaram arrancando os cabelos o dia inteiro*. Agora estou indo buscar vocês.

— Senhorita Gomez... Nellie... infelizmente você terá que esperar até amanhã — disse Alistair, relutante. — Juro que vou pessoalmente lhe entregar as crianças.

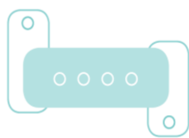
— Não precisa. Apareço amanhã de manhã.

Depois que Alistair ensinou o caminho e garantiu que havia servido o jantar para eles, e depois de Dan ter comentado sobre a triste ausência de sobremesa, Nellie deu um boa-noite relutante e disse que os veria no dia seguinte. *Cedo.*

— Bom, acho que foi um longo dia e devíamos todos nos recolher — falou Alistair, do seu jeito formal. — Vocês passarão a noite seguros aqui.

Poucos minutos depois, Amy de fato teve uma sensação de segurança ao se aninhar embaixo da colcha de algodão. Alistair tinha emprestado camisetas brancas de algodão para eles usarem à noite, pois suas roupas ainda cheiravam a peixe e água do mar. O vento e a chuva tinham parado e uma brisa fresca entrava pela janela. Amy caiu no sono ouvindo o roçar leve das palmeiras.

Bem ao longe, um motor roncava no mar escuro. Ela estava tão cansada que torceu para não sonhar.



No começo, ela achou que ainda estava ouvindo o sussurro das folhas lá fora. O ruído era muito fraco. Ela mudou de lado e sentiu que estava voltando a adormecer. Ainda sentia o cheiro esfumaçado do jantar...

Ela sentou-se. Agora o cheiro estava mais forte. Ela viu os filetes de fumaça que se retorciam ao luar.

Seu corpo foi tomado pelo pânico, mas ela não conseguia se mexer. Estava vendo outra noite, outro tempo.

*Fogo. Amy segura a mão da mãe. Ela chora enquanto as duas descem a escada correndo até o térreo. "Tire as crianças daqui", o pai dela grita. Ele está em seu gabinete, puxando livros das prateleiras. Procurando alguma coisa... "Papai! ", ela grita. Ela estende os braços e ele para por um instante. "Meu anjo", ele diz, "vai com a mamãe".*

*"Não!" Ela funga enquanto a mãe a puxa para longe. "Não! Papai!"*

*"Arthur!", a mãe dela grita. Mas ela continua andando com Amy e Ban.*

*O ar fresco da noite, a grama úmida roçando em suas pernas nuas. Sua mãe se debruça sobre ela. Segura o rosto de Amy nas mãos. "Olhe pra mim ", a mãe dela diz, como sempre faz quando quer que Amy preste muita atenção. "Tome conta do seu irmão, eu amo vocês." Amy grita, implora para ela voltar, enquanto a mãe volta correndo para dentro da casa em chamas...*

Amy estava envolvida na lembrança de maneira tão intensa que só se deu conta de que aquilo não era um sonho quando começou a tossir. A casa estava pegando fogo!

Alistair apareceu no vão da porta. Ela viu as sombras de chamas tremulando em seu rosto e sentiu um calafrio em todo o corpo.

*Alistair também estava ali naquela noite.*

Ele trazia toalhas úmidas, como as que a mãe dela trouxera naquela noite, tanto tempo atrás. Ele fechou a porta do quarto e enfiou a toalha molhada na fresta. Então, Alistair dobrou o corpo, tossindo.

*Ele estava parado perto da lareira, o rosto encoberto de sombras. Calças perfeitamente engomadas. Terno cinza, gravata amarela. Tossiu educadamente. "Vamos manter a calma. Só viemos aqui buscar o que é nosso."*

Dan ficou sentado na cama, tossindo. O som aflito ajudou Amy a se mexer.

Ela jogou a colcha longe.

Alistair correu na direção de Dan e apertou a toalha molhada em seu rosto. Depois passou um braço ao redor dele e começou a conduzi-lo na direção da janela.

— Depressa! — Alistair gritou para Amy por cima do ombro.

Quando ela chegou à janela, viu a fumaça que brotava de baixo. Olhou para trás e deparou com a cena apavorante da fumaça entrando pelas frestas em volta da porta fechada. Eles não podiam fugir por ali.

— O parapeito — apontou Alistair.

Embaixo da janela havia um parapeito largo o bastante para uma pessoa ficar de pé. Ela ouviu o som do vidro se estilhaçando quando a janela do quarto ao lado explodiu. Alistair saiu para o parapeito e estendeu a mão para Dan.

— Venha. O vento está soprando a fumaça para o outro lado. Aqui fora você pode respirar.

Dan também saiu no parapeito. Engoliu em seco ao sentir o ar fresco. Então, Amy saiu. A parede às suas costas estava quente.

Amy olhou para baixo. O chão estava coberto de entulho de construção. Rolos de arame retorcido, concreto, pregos, emaranhados de hastes cobertos de ferrugem. Não havia nenhum lugar desocupado onde eles pudessem aterrissar. Mesmo se conseguissem sobreviver à queda, seriam atravessados pelos objetos pontiagudos. A respiração de Dan era pesada e difícil. Alistair o mantinha seguro em seu braço. As labaredas gemiam. Ninguém estava vindo ajudar. Eles não ouviam sirenes.

— Vou pular — avisou Alistair. — Quem sabe consigo achar uma escada ou algo assim. Vou dar um jeito de fazer vocês descerem.

— Você não pode pular! — Amy gritou. — Vai morrer!

Ele sorriu ao encostar de leve no rosto dela.

— É nossa única chance.

Alistair segurou-se na parede. Olhou para baixo, procurando um lugar vazio para aterrissar. Não havia nenhum.

— Espera! — Amy segurou a manga dele. — Olha!

— Irina — disse Dan.

A fumaça se enrolava e se dissipava, e eles a viram correndo depressa lá embaixo, suas pernas a todo vapor. Ela tinha na mão uma vara de bambu. Diante de seus olhos atônitos, ela cravou a vara no chão e deu um salto espetacular até o telhado.

Eles ouviram o baque abafado quando ela aterrissou. Amy esticou o corpo, mas mal conseguiu avistar Irina lá em cima. Irina fez a vara deslizar para baixo e a apoiou contra a beirada do telhado.

— Como é mesmo a palavra? — Irina gritou. — Escorregar? Vocês têm que escorregar pela vara. Um por vez, ela não é muito forte.

— Podemos confiar nela? — Alistair perguntou a Dan e Amy.

— Sim — Amy respondeu, mantendo os olhos fixos no rosto de Irina.

Dan foi primeiro. Prendeu as pernas em volta da vara e escorregou. Assim que ele encostou os pés no chão, Amy respirou fundo de alívio.

— Sua vez, Amy — disse Alistair.

Amy virou-se e pôs as mãos na vara. Olhou para Irina lá em cima, que estava deitada de bruços no telhado, mantendo firme a vara com as duas mãos. Irina fez uma careta, e Amy viu que um de seus dedos estava vermelho e inchado.

— Espere. Antes de você ir — disse Trina. — Pegue isto.

Ela estendeu alguma coisa. Amy levantou o braço. O colar de Grace caiu na palma de sua mão.

— Isabel fez isso de novo — Irina explicou. — Da primeira vez, eu fugi. Mas não desta vez. Desta vez, não vou deixar que ela consiga o que quer. Agora... tudo depende de você e de Dan. Vá!

A força das palavras de Trina fez Amy entrar em ação. Ela agarrou a vara de bambu. Estava quente ao toque de suas mãos, mas ela desceu escorregando.

Ela olhou para Alistair lá em cima. Ele cumprimentou Trina com um aceno, depois agarrou a vara e recuou. Amy viu a fumaça subindo em espirais. A vara estava começando a pegar fogo. Alistair escorregou depressa, pulando uns poucos metros antes do chão.

A vara ardia em chamas. Lentamente, ela desabou. Amy, Dan e Alistair pularam para sair do caminho quando a vara se estatelou a poucos centímetros deles.

— Precisamos achar outra vara! — Alistair gritou.

Eles se esforçaram para desviar os olhos da casa em chamas. Vasculharam a área desesperados, andando entre os montes de entulho. Dan foi procurar no bosque. Precisavam encontrar alguma coisa em algum lugar para salvar Trina.

Lá de cima, Irina os observava, O teto estava tão quente que era uma agonia ficar de pé em cima dele. A fumaça às vezes lambia seu rosto. Ela se sentia muito longe deles. Como eram esperançosos. Ainda não sabiam que era tarde demais.

Metade do teto desmoronou numa chuva de faíscas. O fogo estalava, devorando as vigas de madeira. Ela recuou alguns centímetros, só lhe restavam alguns segundos. Tudo bem. Ela o salvara. Salvara seu querido menino.

*Não, não é Nikolai. São Dan e Amy.*

Ela lutou para manter a mente lúcida. A fumaça ardia em seus olhos, em sua garganta. Era um esforço enorme continuar de pé. Mas ela continuaria.

Na morte, ela seria uma pessoa melhor do que tinha sido em vida. Não era tão ruim para uma ex-espiã da KGB, muito menos para uma Cahill.

*Olhe, eles ainda estão procurando uma vara, têm esperança de me salvar. Que bom ver isso. Pobre Alistair, ele nunca gostou de mim, mas houve uma única noite em Seul em que ele baixou a guarda e eu baixei a minha, e dividimos uma tigela de bibimbap. Uma tigela, duas colheres. Toda vez que eu batia a colher na dele sem querer, ele me acusava de estar flertando com ele. No fim, ele me fez rir...*

Um pânico repentino tomou conta dela. Ela realmente estava pronta para deixar a vida? Havia um jeito de viver que não era o dela... ela tivera vislumbres desse outro jeito. Com Nikolai e... outras poucas pessoas. Que agonia era abrir mão da própria vida! Isso era abrir mão da possibilidade. De um sonho.

*Espero que eles saibam que, para mim, valeu a pena,* ela pensou, olhando para os irmãos Cahill. *Lembrem-se do que eu disse, crianças. Tenham medo dela. Agora está tudo nas suas mãos.*

O teto deu um estalo forte e um urro... e desabou por completo. Trina gritou ao sentir que estava caindo e olhou para cima. Queria que as estrelas fossem a última coisa que veria em vida.

# CAPÍTULO 26

AMY E DAN ESTAVAM SENTADOS NA PRAIA NA MANHÃ SEGUINTE, olhando para as calmas ondas tropicais. Eles tinham passado a noite mais longa de suas vidas, sem conseguir dormir, apenas sentados, esperando o amanhecer. Agora olhavam para o horizonte com olhos vermelhos. Suas camisetas brancas estavam cinza de fumaça e fuligem, e suas gargantas ainda estavam secas e ásperas, apesar de toda a água que tinham bebido.

Eles sabiam que Nellie chegaria em breve numa lancha. Era importante que eles fossem embora antes que as autoridades chegassem. Alistair tinha mandado que eles ficassem na praia. Não queria que vissem o que ainda restava na casa. Eles não queriam pensar sobre aquilo.

Ele tinha se afastado. Os dois sabiam que Alistair queria ficar sozinho. Irina tinha sido sua inimiga, mas fazia muito tempo que ele a conhecia. Talvez quisesse chorar a morte dela.

Irina tinha sido inimiga deles dois, também. Na noite passada, salvara suas vidas.

Amy encostou no dragão de jade em seu colar. Por quê? Como alguém que ela achava que era pura maldade podia ter dentro de si a bondade para sacrificar a própria vida por eles?

Na noite anterior, alguém tinha roubado o poema. Alistair sabia daquilo. Ele tinha acordado, sentido o cheiro de fumaça e imediatamente foi procurar o papel. Todos sabiam que só podia ser Isabel. Alistair ouvira o som de um motor lá fora, na água, mas não conseguira ver nada.

De manhã eles encontraram ,o barco que sem dúvida Irina tinha usado, um pequeno barco de pesca que ela provavelmente alugara no porto.

Eles tinham os fatos, ou pelo menos a maior parte. O que não conseguiam assimilar era seus sentimentos.

A única coisa de que Amy tinha certeza era que aquele era o momento de contar tudo a Don. Ela tinha que contar para ele agora, antes que Nellie aparecesse. Não podia passar outro dia como o de ontem. Era capaz de enfrentar qualquer coisa, mas não sem Dan.

Ela estivera tão enganada, e ele estivera tão certo. Ele tinha sentido tanto medo na noite anterior, mas nunca perdera o controle. Tinha passado o dia inteiro assim. Nos momentos em que ela tinha ficado paralisada de medo, ele continuou avançando. Ele era mais corajoso do que ela, de várias maneiras.

Ele era capaz de enfrentar qualquer coisa.

— Tem um motivo pra eu não ter contado essa história de que a mamãe e o papai foram assassinados — ela disse, pausadamente. — E não foi porque eu não confiava em você. Foi porque lembrei de uma coisa. Uma coisa que eu não queria que você soubesse. E-eu não queria que você pusesse a culpa em mim.

Ele olhou para ela com olhar de interrogação.

— Naquela noite... a noite do incêndio.., eu ainda estava acordada quando as pessoas estranhas apareceram. Eu as ouvi lá embaixo. Fiquei escutando atrás da porta. Eles estavam perguntando para a mamãe e o papai aonde eles tinham ido. Eles perguntaram várias vezes. — Amy fez uma pausa e depois as palavras saíram de uma vez. — Eu fiquei com medo. P-por isso corri para a sala. Uma mulher me pegou nos braços. Isabel. Ela falou sobre os ursinhos da minha camisola e eu corrigi. Disse que eram coalas. Foi assim que eles ficaram sabendo.

Dan balançou a cabeça:

— Sabendo o quê?

— Que a mamãe e o papai tinham ido para a Austrália em busca de Robert Cahill Henderson. E eles devem ter achado que nossos pais trouxeram alguma coisa de volta. Porque, mais tarde, quando eles estavam do lado de fora, Isabel disse: *Eles o rastrearam até a Austrália, não foi? Temos que cuidar disso ainda hoje.*

— Você acha que eles realmente trouxeram alguma coisa? E que era isso que o papai estava procurando?

— O que alguém faz quando a casa está pegando fogo? — Amy perguntou.

— Corre pra salvar a coisa mais valiosa. Por isso a mamãe correu pra salvar a gente, e o papai correu pra salvar essa outra coisa.

— Talvez alguém tenha posto fogo na casa pra ver o que acontecia. Talvez o plano tenha dado errado. Mas o incêndio não teria acontecido se eu não tivesse contado pra eles que a mamãe e o papai estiveram na Austrália! Se eu não tivesse essa mania de ser tão... sabichona!

Amy enterrou o rosto nas mãos. Os soluços faziam seus ombros tremerem. Ela sentiu que podia chorar para sempre. Podia derramar lágrimas de dor e de vergonha, mas o choro continuaria vindo e não ia parar nunca.

Dan fez uma careta:

— Amy. Não pira. Na boa.

— O quê? — Ela ergueu a cabeça, enxugando os olhos com a mão.

— Deixa eu ver se entendi. Nossos pais morreram porque você tinha coalas no seu pijama?

— Bom...

— Isso não faz sentido. Nossos pais morreram porque a casa pegou fogo. Não foi você quem acendeu o fósforo. Foi um dos nossos queridos e amados parentes. Sua tonta. Você acha que mudou tudo só porque disse a palavra mágica? Estamos falando dos Cahill, afinal. Eles teriam feito isso de qualquer jeito.

A zombaria na voz de Dan afugentou o medo de Amy. Se ele tivesse amolecido, se tivesse tentado consolar a irmã, ela teria caído no choro outra vez, O rosto pálido de Dan ainda estava manchado de fuligem. Ele parecia cansado, acabado, triste. E sincero.

— Esse seu jeito esquisito é muito legal, maninha — disse Dan.

Ela queria dar um abraço nele, mas sabia que ele ficaria constrangido. Em vez disso, abraçou os próprios joelhos. Sentiu sua vergonha aliviar-se um pouco. Dan via as coisas com clareza. Se ele não achava que era culpa dela... então talvez não fosse. Ela tinha dito as palavras em voz alta, tinha desencavado cada lembrança, e não tinha desmoronado.

Amy percebeu que, em vez disso, aconteceu o contrário. Ela estava *mais forte*.

— Irina disse outra coisa no túnel — ela continuou. — Perguntou por que a mamãe correu de volta para dentro da casa. Foi só por causa do papai? O que poderia ser mais importante que os filhos dela?

— O destino do mundo? — brincou Dan.

Mas o sorriso dele sumiu ao encontrar seriedade nos olhos verdes de Amy.

—O destino do mundo — ela repetiu.

Por um instante, eles não disseram nada. Parecia impossível pensar no agora, com o borrão cor-de-rosa no horizonte e o azul iluminado do mar. Impossível pensar no grande e vasto mundo ao redor deles... dependendo deles.

— Acho que sei o que eles estavam procurando — Dan finalmente disse. — O poema.

— Foi o Alistair quem o roubou — concluiu Amy. — Agora tudo faz sentido. Ontem à noite eu lembrei que ele estava parado perto da lareira. Enquanto todo mundo olhava para mim, ele estava olhando os livros.

— Onde eles tinham escondido o poema.

— Aposto que a mamãe e o papai acharam que o poema podia levar a muitas pistas — falou Amy. E se sacrificaram para salvá-lo.

— Se Alistair estava ali naquela noite, talvez tenha participado do plano de começar o incêndio — sugeriu Dan.

— Não o Alistair!

— Por que não? — perguntou Dan. — Lembra o que ele te disse ontem? Que quando tantas coisas estão em jogo, não tem problema ser inescrupuloso? Não dá pra dizer que não foi ele.

— Se ao menos a gente conseguisse entender o poema — disse Amy. — Tem que ter uma pista escondida nele. Queria que a resposta caísse na minha cabeça. Que nem a tempestade ontem à noite...

Dan franziu a testa e olhou para o mar. De repente, deu um soco na areia e começou a dar risada.

— Agora foi você que enlouqueceu e "ficou troppo"? — Amy perguntou.

Dan começou a pular na frente de Amy.

— É como dizia a senhora Malarkey, minha professora. — Dan imitou uma voz em falsete. — Classe, não tenham medo das palavras complicadas. Procurem o sentido.

— E daí? — Amy agitou a mão no ar. — Senhora Malarkey? Ainda não entendi.

— O poema! O cara está deprimido, está sentado na praia e começa a chover, certo? E a chuva cai na cabeça dele.

— Essa parte eu entendi.

— Mas a chuva também faz o cara pensar. As ondas cantavam a canção que eu sabia. Do que ele fala o tempo todo? — Vendo o olhar vazio de Amy, Dan concluiu: — De água!

— Água é a pista? — perguntou Amy. — Será que pode ser tão fácil?

— É por isso que o cara estava tão feliz e tão bravo ao mesmo tempo — Dan afirmou. — É tão fácil.

Amy franziu a testa:

— Nós prometemos que íamos contar pro Alistair.

— Mesmo sabendo que ele estava na casa naquela noite e talvez tenha matado nossos pais? — Dan perguntou. — Na minha opinião, isso anula qualquer acordo.

— Ontem à noite ele estava disposto a pular daquele parapeito para nos salvar — falou Amy.

— Ou se salvar — retrucou Dan. — Acho melhor a gente esperar até saber com certeza o que aconteceu naquela noite.

—Xiu — exclamou Amy, pois viu Alistair vindo na direção deles. Seu pijama de seda estava manchado de fuligem e terra, e tufos de cabelo despontavam de sua cabeça.

Ele olhou para o sol nascente.

— É um bom dia — ele disse. — Estamos vivos. Ele parecia triste e engraçado, Amy pensou, naquele pijama cor-de-rosa e com aquele cabelo de algodão-doce. Como ele podia ser um assassino? Mas Dan tinha razão. Eles não podiam simplesmente lhe entregar uma pista. Ainda não.

Eles ouviram o som fraco de um motor. Mais além do recife, um barco estava se aproximando. Um braço acenava freneticamente: Nellie.

Alistair acenou de volta e andou até a beira do mar. Eles observaram Alistair de pé, molhando as barras da calça do pijama, a brisa soprando seu cabelo grisalho. O homem de quem eles gostavam, em quem não podiam confiar, acenava para a *au pair* que eles estavam aprendendo a amar... e em quem não podiam confiar.

— As coisas estão ficando complicadas — disse Dan.

— Queria conseguir lembrar quem mais estava lá! — Amy desabafou. — Quem sabe eu vou lembrar de mais cenas. Não aguento ficar sem saber.

O rosto de Dan endureceu:

— Precisamos descobrir com certeza quem foi o assassino. Isabel começou o incêndio, mas precisamos saber quem mais estava lá.

— E depois o quê? — Amy perguntou. — O que vamos fazer? Chamar a polícia? — Ela deu uma risada estranha, esganiçada.

— Ainda não sei — respondeu Dan. — Mas eles têm que pagar.

— Vingança parece uma coisa tão... dos CahiIl — disse Amy.

— Vingança, não — corrigiu Dan. — Justiça.

Eles se entreolharam. Amy sentiu a presença dos pais, mais perto do que eles jamais tinham estado, e o fantasma de Irina dizendo: Agora tudo depende de vocês.

Amy e Dan estavam juntos de novo. Não havia segredo entre eles. Nunca mais haveria. Ela percebeu que o irmão sabia disso. No fundo de seus olhos, a confiança tinha voltado.

E naquela manhã triste, sentados numa praia tropical com ruínas fumegando atrás de si, com o último grito de Irina ainda ecoando em seus ouvidos, eles fizeram uma promessa um ao outro, sem falar. Um juramento

Eles não descansariam enquanto não tivessem descoberto quem havia assassinado seus pais.

Foi por Grace que eles entraram na busca pelas 39 pistas. Agora eles venceriam por Arthur e Hope.

— Justiça — concordou Amy.

FIM

CONTINUA EM:

**O NINHO DE COBRAS**